



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

VIVÊNCIA/*PEREJIVÂNIE*: DIVERSIDADE DE COMPREENSÕES DO
CONCEITO E ARTICULAÇÕES À LUZ DO SISTEMA TEÓRICO DE
VIGOTSKI

Letícia Raboud Mascarenhas de Andrade

Natal

2022

VIVÊNCIA/*PEREJIVÂNIE*: DIVERSIDADE DE COMPREENSÕES DO
CONCEITO E ARTICULAÇÃO À LUZ DO SISTEMA TEÓRICO DE
VIGOTSKI

Letícia Raboud Mascarenhas de Andrade

Tese elaborada sob orientação do Prof.
Dr. Herculano Campos e coorientação
da Profa. Dra. Gisele Toassa e
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutorado em
Psicologia.

Natal

2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Andrade, Letícia Raboud Mascarenhas de.

Vivência/Perejivânie : diversidade de compreensões do conceito e articulação à luz do sistema teórico de Vigotski / Letícia Raboud Mascarenhas de Andrade. - Natal, 2023.
115 f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos.

Coorientador: Prof. Dr. Gisele Toassa.

1. Perejivânie (vivência). 2. Discussão teórica. 3. Psicologia geral. 4. Dialética. I. Campos, Herculano Ricardo. II. Toassa, Gisele. III. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 159.9

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A tese “*Vivência/Perejivânie: Diversidade de Compreensões do Conceito e Articulação à Luz do Sistema Teórico de Vigotski*”, elaborada por “Leticia Raboud Mascarenhas de Andrade”, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de DOUTORA EM PSICOLOGIA.

Natal-RN, 22 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos _____

Profa. Dra. Daniele Nunes Henrique Silva _____

Prof. Dr. Eduardo Moura da Costa _____

Prof. Dr. João Batista Martins _____

Profa. Dra. Vera Lúcia Trevisan de Souza _____

Agradecimentos

Após uma longa caminhada repleta de reviravoltas, tomadas de consciência e reorganizações, as quais se estenderam do início ao fim do processo, constato que muitas vozes e mãos contribuíram e compuseram esta jornada.

Agradeço primeiramente à minha família, meus pais, irmãos e meu companheiro de vida por terem sido suporte sempre, por ajudarem a construir a pessoa que vos fala em momentos cotidianos de alegria e leveza, mas também nas dificuldades. Obrigada pela paciência, pelas brincadeiras e pela fé depositada em mim, mesmo nos perrengues.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa, o Grupo de Estudos em Psicologia Histórico-Cultural, cujas discussões ao longo dos anos foram fundamentais para que eu pudesse compreender um pouco mais o método implicado na ontologia histórica de Marx e a tradução deste caminho na busca de Vigotski pelo desenvolvimento de uma Psicologia Geral. Agradeço aos professores que compuseram e agregaram ao grupo ao longo dos anos de realização deste trabalho e aos mestrandos, doutorandos e outros estudantes que por ele passaram com contribuições, questões e provocações no movimento dialético de construção do conhecimento. Agradeço especialmente a minhas colegas e irmãs de orientação, Sarah, Élide e Alexia, que tornaram a jornada mais leve por ser alegremente compartilhada, contribuindo também com escutas, trocas e reflexões teóricas.

Agradeço ao meu orientador, o professor Herculano Campos, por ter provocado e aceitado o desafio de construção de um trabalho de cunho teórico em um terreno tão disputado e complexo como o da teoria psicológica de Vigotski e, mais especificamente, do conceito de vivência neste cenário. Agradeço pelo entusiasmo, pela confiança, pelas conversas e orientações respeitosas e produtivas ao longo da caminhada.

Agradeço à minha coorientadora, a professora Gisele Toassa, a qual se mostrou sempre disponível para contribuir em meio às tempestades e mudanças que compuseram o processo de desenvolvimento desta tese. Obrigada pela imersão nas bases e implicações da teoria de Vigotski proporcionada durante a participação no curso “Fundamentos da Psicologia Vigotskiana”, sob sua condução (junto a outros professores). Obrigada pela

orientação através de suas próprias produções rigorosas, cuidadosas e comprometidas com o trabalho de Vigotski.

Obrigada à banca de qualificação e defesa, os professores Daniele Nunes, Eduardo Moura, João Batista Martins e Vera Lúcia Trevisan, pela extrema gentileza e disponibilidade que tiveram em participar da construção deste trabalho, mesmo em condições adversas de tempo, fim de semestre e festividades de fim de ano. Obrigada pelo modo sério, rigoroso, respeitoso e comprometido com que analisaram e contribuíram na presente tese, apontando caminhos de reflexão e aprofundamento, os quais procurei contemplar, mas que poderão também ser mais bem desenvolvidos em produções e discussões subsequentes.

Obrigada à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na figura da professora Isabel Fernandes pelas orientações, paciência e disponibilidade, essenciais para que a conclusão deste trabalho fosse possível. Obrigada também à CAPES, por ter financiado, através de bolsa, o início desta trajetória.

Finalmente, obrigada a Vigotski pelo mundo que o estudo do seu trabalho me abriu em termos de tomada de consciência e ampliação da compreensão sobre o desenvolvimento humano e as diversas possibilidades de constituição da personalidade e consciência. Este é um primeiro passo, pessoal, e um passo que se soma a outros, coletivo, na busca pela elaboração de uma Psicologia Geral fundamentada na prática no horizonte de construção de um mundo/homem mais justo, igualitário e livre, em que os potenciais humanos possam ser desenvolvidos.

Sumário

Apresentação-----	12
1. Introdução-----	14
2. Vivência/ <i>Pereživânie</i> : Etimologia, Significados no Contexto da Cultura Russa e Questões de Tradução-----	19
3. O Projeto Científico de Vigotski: Objetos e Breve Contextualização-----	24
4. O Pensamento de Vigotski: Fundamentos Filosóficos-----	27
5. A Obra de Vigotski: Teoria Psicológica e Trajetória Científica-----	40
5.1. Pré-História da “Teoria Histórico-Cultural”-----	43
5.2. Gênese da “Teoria Histórico-Cultural”-----	44
5.3. Últimos Anos do Desenvolvimento Teórico de Vigotski-----	45
6. Consciência e Personalidade na Teoria de Vigotski-----	48
7. Vivência/ <i>Pereživânie</i> : Lugares na Obra de Vigotski-----	57
8. Vivência/ <i>Pereživânie</i> : O Conceito na Teoria Psicológica de Vigotski-----	60
9. Desafios Implicados-----	66
10. Aspectos Metodológicos-----	70
10.1. Definições da Coleta de Dados-----	70
10.1.1. Descritores Utilizados-----	71
10.1.2. Triagem do Material Levantado-----	72
10.2. Primeiros Resultados e Classificação-----	73
10.3. Objetivos e Delineamento da Pesquisa-----	74
10.4. Caracterização da Amostra-----	75
10.5. Processo de Análise-----	76
11. Resultados e Discussão-----	77
11.1. A vivência como função psicológica-----	78
11.2. A vivência como atividade-----	79
11.3. A vivência como unidade afetivo-cognitiva-----	81
11.4. A vivência como prisma refrator-----	83
11.5. A vivência como unidade do desenvolvimento humano-----	87
11.6. A vivência como unidade da consciência-----	90
11.7. A vivência como vivência dramática-----	97

11.8. A vivência como conceito versus fenômeno-----	101
12. Considerações Finais-----	103
Referências Bibliográficas-----	105
Tabela I-----	112

Resumo

A identificação do conceito de vivência na teoria do desenvolvimento de Vigotski enquanto unidade de análise, representando a unidade dinâmica da consciência e a unidade da relação personalidade e meio, destaca a relevância de suas articulações ao sistema teórico do autor. No entanto, constata-se um cenário desafiador para a compreensão e integração do conceito referido na teoria de Vigotski em razão das dificuldades de tradução que o envolvem, plurissignificação no contexto da língua e cultura russas, bem como de sua obra, além das diversas articulações do conceito na teoria e seu caráter pouco desenvolvido, em razão da morte prematura de Vigotski. Tal cenário favorece a elaboração de diferentes concepções e interpretações sobre o conceito de vivência tendendo a compreensões parciais e fragmentadas. Diferentes pesquisadores notam o interesse crescente relativo ao conceito e o cenário diversificado e fragmentado emergente, enfatizando a necessidade de sua articulação. Diante disto, a presente tese busca articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito de vivência no contexto da teoria do desenvolvimento de Vigotski em trabalhos que se debruçam sobre o tema. Foi feito um levantamento através do portal de periódicos da CAPES e Google Acadêmico das produções que se referiam ao conceito de vivência na teoria de Vigotski publicados até 2018, nos idiomas português, inglês, espanhol e francês, utilizando como descritores as diferentes nomenclaturas e traduções do termo *vivência/pereživânie*. Chegou-se a um total de 211 trabalhos, dos quais 45 foram analisados, tendo em vista seu foco de discussão voltado centralmente para o conceito de vivência. O processo de análise resultou na identificação de oito eixos de articulação das compreensões sobre o conceito, são eles: A vivência como função psicológica; A vivência como atividade; A vivência como unidade afetivo-cognitiva; A vivência como prisma refrator; A vivência como unidade do desenvolvimento humano; A vivência como unidade da consciência; A vivência como vivência dramática; A vivência como conceito versus fenômeno. Os resultados permitiram evidenciar e iluminar diferentes dimensões e discussões relativas ao conceito, bem como avançar em algumas compreensões.

Palavras-chave: *Vivência/Pereživânie*; Discussão teórica; Psicologia geral; Dialética.

Abstract

The recognition of the concept of perezhivanie in Vygotsky's theory of development as an unit of analysis, representing the dynamic unit of consciousness and a unit of the relation between personality and environment highlights the relevance of its articulations to the author's theoretical system. However, there is a challenging scenario for the understanding and integration of this concept in Vygotsky's theory due to its difficulties of translation, its multiple meanings in the context of the Russian language and culture, likewise in the author's work, in addition to the various articulations of the concept in the theory and its underdeveloped character given Vygotsky's premature death. This scenario contributes to the development of different conceptions and interpretations of the concept of perezhivanie, tending to partial and fragmented understandings. Different researchers recognize the growing interest in the concept and the emerging diversified and fragmented scenario, emphasizing the need for its articulation. Given this situation, the thesis seeks to articulate, discuss and confront the multiple understandings attributed to the concept of perezhivanie in the context of Vygotsky's theory of development in works that focus on the subject. A survey of the productions that referred to the concept of perezhivanie in Vygotsky's theory, published until 2018, was carried out through CAPES Journal Gate and Google Scholar in Portuguese, English, Spanish and French, using as descriptors the different nomenclatures and translations of the term perezhivanie. A total of 211 works were reached, of which 45 were analyzed in view of their focus of discussion centered on the concept of perezhivanie. The analysis process resulted in the identification of eight axes of articulation of understandings about the concept: Perezhivanie as a psychological function; Perezhivanie as an activity; Perezhivanie as an affective-cognitive unity; Perezhivanie as a refracting prism; Perezhivanie as a unit of human development; Perezhivanie as a unit of consciousness; Perezhivanie as dramatic perezhivanie; Perezhivanie as a concept versus perezhivanie as a phenomenon. The results made it possible to highlight and illuminate different dimensions and discussions about the concept, as well as advancing some understandings.

Keywords: Perezhivanie; Theoretical discussion; General psychology; Dialectics.

Resumen

La identificación del concepto de vivencia en la teoría del desarrollo de Vigotski como unidad de análisis, representando la unidad dinámica de la conciencia y la unidad de la relación personalidad y ambiente, destaca la relevancia de sus articulaciones para el sistema teórico del autor. Sin embargo, existe un escenario desafiante para la comprensión e integración del concepto referido en la teoría de Vigotski debido a las dificultades de traducción involucradas, la plurisignificación en el contexto de la lengua y cultura rusa, así como en su obra, además de las diversas articulaciones del concepto en la teoría y su carácter subdesarrollado, debido a la muerte prematura de Vigotski. Este escenario favorece el desarrollo de diferentes concepciones e interpretaciones del concepto de vivencia, tendiendo a comprensiones parciales y fragmentadas. Diferentes investigadores constatan el creciente interés por el concepto y el emergente escenario diversificado y fragmentado, enfatizando la necesidad de su articulación. Ante esto, esta tesis busca articular, discutir y confrontar las múltiples acepciones atribuidas al concepto de vivencia en el contexto de la teoría del desarrollo de Vigotski en obras que abordan el tema. Se realizó un levantamiento a través del portal de periódicos de la CAPES y Google Scholar de las producciones que hacían referencia al concepto de vivencia en la teoría de Vigotski publicadas hasta 2018, en portugués, inglés, español y francés, utilizando como descriptores las diferentes nomenclaturas y traducciones del término *vivencia/perejivanie*. Se llegó a un total de 211 obras, de las cuales se analizaron 45, en vista de su foco de discusión centrado en el concepto de vivencia. El proceso de análisis resultó en la identificación de ocho ejes de articulación de comprensiones sobre el concepto: La vivencia como función psicológica; La vivencia como actividad; La vivencia como unidad afectivo-cognitiva; La vivencia como prisma refractor; La vivencia como unidad de desarrollo humano; La vivencia como unidad de conciencia; La vivencia como vivencia dramática; La vivencia como concepto versus fenómeno. Los resultados permitieron resaltar e iluminar diferentes dimensiones y discusiones relacionadas con el concepto, así como avanzar en algunas comprensiones.

Palabras-clave: *Vivencia/Perejivanie*; Discusión teórica; Psicología General; Dialéctica.

Apresentação

A escolha pelo estudo da compreensão do conceito de vivência nos trabalhos de diferentes autores que se debruçaram sobre o tema à luz do sistema teórico de Vigotski tem seus fundamentos no trabalho de mestrado da autora, o qual envolveu o estudo da vivência do trabalho de professores da rede municipal de Natal, na época embasado pelo referencial teórico da Clínica da Atividade. Durante a dissertação, a abordagem do conceito de vivência foi feita essencialmente a partir da leitura de Nikolai Veresov, autor de origem russa e uma referência no estudo deste conceito.

O interesse por dar seguimento à exploração do campo de pesquisa do mestrado, desta vez pelas lentes da teoria psicológica de Vigotski, através da análise das vivências de alunos da rede pública no contexto de sala de aula, fizeram a autora refletir sobre o uso deste conceito na pesquisa. A autora deparou-se com uma grande diversidade de compreensões do conceito de vivência na obra de outros autores, muitas enfocando diferentes facetas, dimensões e articulações teóricas. A insatisfação com a perspectiva de, mesmo ancorando-se nos trabalhos de Vigotski, fazer referência ao que seria lido como uma interpretação, entre tantas, da vivência na teoria do autor, mobilizou a autora na proposta de um estudo que explicitasse e analisasse as diferentes compreensões existentes. Visou-se inicialmente à elaboração de um panorama a fim de visualizar melhor as posições existentes, suas relações, divergências e convergências. No entanto, constatou-se que isto não poderia ser feito sem antes adquirir uma compreensão do sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos, a lógica de construção do seu pensamento, e o conceito de vivência nesse cenário. A leitura das diferentes compreensões dos autores apenas poderia ser feita à luz do sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos, pois esta era a única forma possível de inserir o estudo na perspectiva do estabelecimento de relações e de construção de uma Psicologia Geral.

A análise do trabalho de diferentes autores sobre o conceito de vivência e sua articulação e confrontação a partir da teoria psicológica de Vigotski serviram como base para evidenciar a fragmentação e diversidade de interpretações existente neste cenário, lançando luz sobre elas. Igualmente, esta iniciativa permitiu uma análise teórica do conceito fundamentada na obra de Vigotski e em seus fundamentos em diálogo com as buscas de aprofundamento, reflexões e interpretações do conceito por outros autores.

Constatou-se que este diálogo permitiu tanto evidenciar fragilidades, controvérsias e riscos em algumas compreensões, como identificar pontos de aprofundamento necessários, evidenciando diferentes dimensões do conceito e relações à teoria, contribuindo ainda na produção de avanços no entendimento deste conceito no sistema teórico de Vigotski e de suas articulações. Trata-se de passos que podem dar margem a futuros aprofundamentos e desdobramentos, inclusive envolvendo as implicações da utilização do conceito na pesquisa e intervenção na realidade.

A construção da proposta e reflexões referidas não estiveram sempre claras para a autora nem ocorreram de forma linear, tendo passado por diferentes etapas, avanços, recuos e níveis de tomada de consciência a seu respeito. O trabalho a seguir representa essa trajetória em sua formulação final neste momento, mantendo-se aberta a futuros desdobramentos.

1. Introdução

O conceito de vivência na teoria psicológica de Vigotski constitui a unidade de análise referente à relação personalidade e meio, concebida explicitamente pelo autor como unidade dinâmica da consciência, posição que destaca a importância de suas articulações ao sistema teórico de Vigotski, o qual é compreendido a partir da perspectiva ontológica de construção do conhecimento, mais especificamente a ontologia histórica de Marx, de fundamento materialista e dialético. Parte-se do princípio de que a trajetória científica de Vigotski envolveu o esforço de, conforme Tonet (2013) refere-se ao método ontológico histórico: tradução teórica do objeto (no caso de Vigotski, a constituição da personalidade e consciência humana), tradução do processo histórico-social que lhe deu origem e os diversos elementos que o constituem. Tem-se em vista a reconstrução teórica do todo vivo, orgânico e dinâmico através da criação de um sistema de categorias interrelacionadas (Dafermos, 2018), as quais são fruto do processo de mediação entre teoria e prática (Delari Jr., 2010). Vigotski (1927/1996) se refere à necessidade de construção de uma teoria-metodologia própria para o objeto da psicologia, uma teoria intermediária, originada do desenvolvimento do método materialista dialético face o objeto particular da ciência psicológica, à qual ele se reporta como dialética da psicologia, psicologia geral.

Nessa perspectiva, a vivência ocupa um lugar importante nas elaborações de Vigotski em articulação ao processo de constituição da consciência e personalidade humanas, sendo sua compreensão e articulação ao contexto da teoria importantes na construção de uma psicologia geral fundamentada pelos princípios da ontologia histórica de Marx. Movimento essencial para a compreensão e ação sobre processos e contextos de desenvolvimento e adoecimento, seus aspectos genéricos e suas particularidades no cenário social e histórico, podendo contribuir na investigação e intervenção nos campos educativos e de trabalho, situações marcantes do ciclo de vida (maternidade, luto, etc.), adoecimento mental e prática clínica.

Diversos autores relatam o crescimento do interesse no conceito de vivência nos últimos anos, o que se constata na manifestação expressiva e ascendente observada nas pesquisas (Andrade & Campos, 2019; Cole & Gajdamschko, 2016; Fleer, González Rey & Veresov, 2017a; González Rey, 2016c; González Rey & Mitjáns Martínez, 2016; Mok, 2017;

Mok & Goulart, 2016; Veresov, 2014; Veresov, 2016b). Situação que pode estar relacionada à constatação de sua importância teórica e descoberta relativamente recente no ocidente, considerando dificuldades de tradução e pouca ênfase do construto igualmente no contexto russo soviético (Mok & Goulart, 2016). Este fenômeno também merece atenção e cuidado, tendo em vista as dificuldades que envolvem a apropriação do conceito de vivência e sua abordagem no sistema teórico de Vigotski.

Ressalta-se a diversidade de desafios encontrados para a compreensão do conceito de vivência articulado à teoria de Vigotski, abarcando desde as dificuldades de tradução envolvidas, passando pela plurissignificação do termo no contexto da língua e cultura russas até a plurissignificação (os diferentes sentidos assumidos) ao longo da própria obra do autor (Blunden, 2016; Clarà, 2016a; Cole & Gajdamschko, 2016; Delari & Passos, 2009; Fleer, González Rey & Veresov, 2017a; González Rey & Mitjans Martínez, 2016; Mok & Goulart, 2016; Mok, 2017; Prestes & Tunes, 2012; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014; Veresov, 2017). Condição que ainda se soma às múltiplas determinações e articulações do conceito na teoria do desenvolvimento de Vigotski e ao seu caráter pouco elaborado e consolidado, tendo em vista o pouco tempo de vida que restava ao autor (González Rey, 2016a; González Rey, 2016c; González Rey & Mitjans Martínez, 2016; Mok, 2017; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014).

O cenário referido favorece a elaboração de diferentes concepções e interpretações sobre o conceito de vivência, as quais muitas vezes envolvem a consideração e ênfase em determinados aspectos do conceito em detrimento de outros, contribuindo para um panorama de compreensões e articulações parcial e fragmentado, o que é reconhecido por diferentes pesquisadores (Andrade & Campos, 2019; Blunden, 2016a; Clarà, 2016a; Cole & Gajdamschko, 2016; Fleer, González-Rey & Veresov, 2017a; Meshcheryakov, 2017; Mok, 2016; 2017). Mok (2017) destaca que esse contexto revela uma complexa paisagem de refinamentos, reinterpretações e operacionalizações distintas, cada qual iluminando facetas diferentes do conceito, mas enfatiza que é ao examinar o conceito no contexto do corpo mais amplo do trabalho de Vigotski (e de seus fundamentos) que conexões cruciais com o propósito e conceitos constitutivos da teoria podem ser feitos. Cole e Gajdamschko (2016) chegam a notar que todo uso do termo vivência é um convite a mal-entendidos teóricos e

ressaltam a importância da busca no sentido da integração teórica. Diferentes autores se referem à necessidade de estabelecimento de um terreno comum para a utilização da vivência como conceito científico na expectativa de esclarecimento de sua turbidez (Clarà, 2016a; Cole & Gajdamschko, 2016; Fleer, González Rey & Veresov, 2017a; Jornet e Roth, 2016; Mok, 2017). Veresov reconhece, em Fleer, González Rey & Veresov (2017a), que a paisagem diversa tratada se relaciona à concepção pós-moderna de múltiplas verdades e afirma não acreditar que uma variedade tão grande deva ser celebrada, mas compreendida. Está no horizonte a problemática do relativismo implicado no pensamento contemporâneo, em que os conhecimentos não são criticáveis por serem considerados meros construtos subjetivos, incomensuráveis, favorecendo a coexistência de múltiplas “verdades” (Duayer, 2010).

O contexto explicitado aponta a necessidade de discutir e confrontar as diversas compreensões referentes ao conceito de vivência na teoria de Vigotski com base na perspectiva ontológica histórica de construção do conhecimento. Perspectiva que norteou o trabalho do autor e a elaboração de seu sistema de pensamento. Procura-se sinalizar as principais discussões que emergem desse cenário diverso e potenciais problemas que o cercam, evidenciando a necessidade de contribuir na superação do ecletismo e fragmentação na compreensão do conceito de vivência e do sistema teórico a que ele se refere e articula. Inscrevendo-se nessa caminhada, o presente trabalho assume o objetivo geral de articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito de vivência no contexto da teoria psicológica de Vigotski em trabalhos que se debruçam sobre o tema.

É assumida uma postura dialógica, como referida por Delari Jr. (2010), que emprestou o termo de Bakhtin, trazendo o confronto dialógico como potencializador da aproximação crítica à realidade na medida em que permite articular pontos de vista parciais em uma visão objetiva de conjunto. Visão esta que não implica na conjunção das ideias expressas, mas na constituição de um cenário que evidencie, discuta e confronte as perspectivas em pauta à luz do sistema teórico de Vigotski. Procura-se tecer um quadro que permita apontar problemas, lacunas, controvérsias e possibilidades de avanço no sentido da integração crítica na busca pela construção de uma psicologia geral. Destaca-se ainda que, a despeito de algumas perspectivas dos autores cujos trabalhos foram analisados partirem de compreensões

diferentes da teoria de Vigotski e de projetos particulares de desenvolvimento teórico, sua análise envolveu um referencial comum, a teoria psicológica do próprio autor. É a ênfase nessas articulações e confrontações que será abordada no presente trabalho.

Os objetivos específicos delineados foram: 1) fazer o levantamento dos trabalhos que se debruçam sobre o conceito de vivência na teoria de Vigotski como foco de discussão; 2) identificar as compreensões e discussões subjacentes relativas ao conceito de vivência envolvidas nos trabalhos analisados; 3) identificar os eixos gerais de articulação destas compreensões e discussões referidas; 4) articular e confrontar as discussões envolvidas nos eixos encontrados tendo em vista a conexão com o sistema teórico de Vigotski e seus fundamentos.

A coleta dos trabalhos para análise envolveu um levantamento geral das produções que se referiam ao conceito de vivência na teoria de Vigotski publicados até 2018 (momento em que foi realizada a coleta) nos idiomas português, inglês, espanhol e francês, escolha feita com base na capacidade de compreensão e possibilidade de trabalho da pesquisadora com os materiais. As plataformas de busca utilizadas foram o Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o Google Acadêmico, ambos apresentando ampla cobertura de periódicos e bases de dados. Os descritores utilizados referiram-se a diferentes nomenclaturas do termo russo, além de traduções comuns feitas para o espanhol, português, inglês e francês. A triagem dos materiais foi realizada a partir da identificação de referências ao conceito de vivência articulado à teoria de Vigotski com base na leitura dos resumos e, quando necessário, verificação do corpo do texto.

No total, foram coletados 211 trabalhos entre artigos, dissertações, teses e capítulos de livros que se referiam à vivência enquanto conceito articulado à teoria de Vigotski. Neste universo, o recorte definido para utilização na pesquisa foi o dos materiais que abordavam o conceito de vivência como foco de discussão, ou seja, aqueles que se debruçavam centralmente sobre o conceito, trazendo conteúdo relativo às suas compreensões e discussões subjacentes de forma mais direcionada, constituindo 47 trabalhos, dos quais quatro foram retirados sem prejuízo do conteúdo da pesquisa (ver na seção 10.4), e dois foram acrescidos, tendo em vista o seu aparecimento em referências e pertinência para o perfil do trabalho, totalizando 45 trabalhos (Tabela I).

O processo de análise dos materiais envolveu sua leitura integral e destaque, nos textos, das compreensões e discussões envolvidas relativas ao conceito de vivência. Em seguida os materiais foram retomados para elaboração de resumos das compreensões e discussões identificadas. Foi então realizada a identificação com código de cores, nos resumos, dos diferentes eixos de articulação distinguidos. Por fim, os segmentos identificados foram reunidos por eixo de pertencimento a fim de dar início ao processo de encadeamento, confrontação e discussão entre as ideias dos autores e o sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos. Este processo se amparou especialmente na leitura dos textos de Vigotski referentes ao conceito de vivência e no esforço de recapitulação do conjunto de sua obra e fundamentos filosóficos. Também foi dado enfoque às compreensões de personalidade e consciência, suas relações e desenvolvimento, essencial para a articulação ao conceito de vivência no sistema teórico de Vigotski, uma vez que este se refere à unidade dinâmica da consciência e unidade da relação pessoa-meio. Abordaram-se produções de Vigotski bem como trabalhos de estudiosos da obra do autor tendo em vista esboçar um panorama sintético com focos de aprofundamento de seu sistema teórico. Procurou-se tecer pontos de confrontação e articulação dos materiais analisados à teoria do autor, os quais poderão ser aprofundados e desdobrados em trabalhos posteriores.

Referente aos fundamentos mencionados, a tese foi organizada em capítulos teóricos (do capítulo 2 ao 9). O capítulo 2 inicia apresentando a etimologia e significados do termo vivência no contexto da cultura russa, bem como questões de tradução envolvidas, a fim de situar o termo em suas diferentes nuances, significações e desafios de tradução. O capítulo 3 aborda o projeto científico de Vigotski, trazendo seus objetos de estudo e breve contextualização. O capítulo 4 apresenta os fundamentos filosóficos e princípios norteadores do pensamento do autor. O capítulo 5 apresenta a obra de Vigotski, sua teoria psicológica e trajetória científica. O capítulo 6 aborda os temas da consciência e personalidade na teoria de Vigotski, suas relações e desenvolvimento. O capítulo 7 faz uma exposição dos lugares da vivência/*pereživânie* na obra de Vigotski. O capítulo 8 se debruça sobre o conceito de vivência no sistema teórico do autor. Por fim, o capítulo 9 apresenta os desafios na compreensão e desenvolvimento do conceito de vivência nos trabalhos que se debruçam sobre o tema. A ênfase nos fundamentos filosóficos, trajetória científica e sistema teórico de Vigotski se justifica pela necessidade de articulação do conceito de vivência com a totalidade

do sistema teórico do autor e sua história. Considera-se fundamental compreendê-lo em seu processo de desenvolvimento como esforço de tradução teórica do objeto no confronto com a prática, como exposto por Costa (2020).

A análise dos materiais revelou diversas referências ao conceito de vivência, fortalecendo a justificativa da necessidade de lançar luz sobre esse cenário trazendo seus principais eixos de articulação, discussões envolvidas e confrontos à luz da teoria de Vigotski. Foram identificados o total de oito eixos de articulação, são eles: A vivência como função psicológica; A vivência como atividade; A vivência como unidade afetivo-cognitiva; A vivência como prisma refrator; A vivência como unidade do desenvolvimento humano; A vivência como unidade da consciência; A vivência como vivência dramática; A vivência como conceito versus fenômeno.

Os eixos de articulação encontrados evidenciam e iluminam as diferentes dimensões e discussões subjacentes referentes ao conceito de vivência encontradas nos trabalhos analisados, permitindo estabelecer uma visão panorâmica do cenário que envolve suas compreensões, convergências e divergências, possíveis avanços, lacunas, inconsistências e controvérsias à luz do sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos. Processo que contribui no caminho de busca pela integração crítica das produções referentes ao conceito de vivência e ao sistema teórico de Vigotski no campo da pesquisa e intervenção no horizonte de desenvolvimento de uma psicologia geral. Integração crítica que não implica na assunção e conjunção de todos os pontos de vista, mas na perspectiva de ampliar a consciência sobre controvérsias, lacunas e equívocos, bem como possibilidades de avanços e de integração de oposições encontradas tendo como base o sistema teórico de Vigotski e seus princípios norteadores (materialismo dialético). Os resultados e discussões trazidos são também convites para aprofundamentos e desdobramentos no sentido referido.

2. Vivência/*Pereživânie*: Etimologia, Significados no Contexto da Cultura Russa e Questões de Tradução

Este capítulo irá explorar brevemente a etimologia da palavra *pereživânie*, seus significados no contexto da língua e cultura russa, bem como no quadro da psicologia tradicional da Rússia do século XX. Delari e Passos (2009) e Toassa e Souza (2010) fundamentam essencialmente essa introdução, referenciando diferentes fontes em seus

trabalhos, como: dicionários (Alphalex, 2005; Voinova, N. & Starets, S., 1986); autores (como Kotik-Friegut, B., 2009); além do linguista Bóris Schnaiderman, este último referenciado no trabalho de Toassa & Souza (2010).

O vocábulo *pereživânie* consiste em um substantivo derivado do verbo *perejivat*, cujo prefixo *pere* indica processualidade, ação de atravessar, superar uma situação, e o sufixo *jivat* se refere a ideia de viver (Delari & Passos, 2009). O verbo *perejivat* é imperfectivo, o que no russo sinaliza uma ação inacabada ou em fluxo de acontecimento, ideia que se estende à palavra *pereživânie*, designando tanto o processo como o resultado dos atos de vivenciar (Toassa & Souza, 2010). Levando em consideração que *perejivat* exige complementação por objeto direto, compreende-se que *pereživânie* (vivência) é sempre de algo, referida a algum evento (Toassa & Souza, 2010).

No contexto cotidiano da língua russa, *pereživânie* exprime a ideia de sofrer ou padecer, atravessar uma situação de vida difícil, apresentando conotação negativa/dolorosa predominante (Delari & Passos, 2009; Toassa & Souza, 2010), embora também possa apresentar valoração positiva, como ao fazer referência, por exemplo, à vivência de uma profunda alegria (Delari & Passos, 2009). O linguista Bóris Schnaiderman também esclarece que além do significado coloquial, já mencionado, há ainda um significado culto ligado ao substantivo *pereživânie* que exprime a ideia de viver no sentido de experimentar ou passar por (Toassa & Souza, 2010).

Enquanto substantivo verbal, a utilização de *pereživânie* na linguagem coloquial russa é mais rara, tendo maior expressão em textos científicos e filosóficos ou ligados à arte, tratando-se de termo importante nos círculos eruditos do início do século XX (Toassa & Souza, 2010). Nesse contexto, as autoras trazem que o sentido de *pereživânie* designa um estado mental de exceção suscitado por impressões e sentimentos fortes, estado que pode ser experimentado diante de uma obra de arte, por exemplo, dimensão explorada na crítica literária em relação às vivências de uma obra pelo crítico leitor.

É válido notar que a palavra *pereživânie* também foi utilizada por outros autores russos em seus sistemas teóricos, como Stanislavski, ator e diretor contemporâneo de Vigotski, que fez referência à *pereživânie* do ator como técnica de ancoragem nas próprias vivências, trazendo-as com sua carga emotiva para a interpretação de uma situação dramática (Capucci,

2017; Toassa, 2009), além do pesquisador e psicólogo Fyodor Vasilyuk, falecido em 2017, que explorou o significado do termo *pereživânie* em sua acepção de processo psíquico de superação interior de situações adversas no contexto da clínica psicoterapêutica (Clarà, 2016; Delari & Passos, 2009). Estas compreensões de *pereživânie* ajudam a descortinar seu campo de significações, que também atravessam a obra de Vigotski. Toassa (2009) traz ainda a proximidade do termo *pereživânie* ao alemão *Erlebnis*, este último também usado para traduzir *pereživânie* na língua alemã. A autora chama a atenção para o uso do termo no contexto da psicologia e filosofia alemãs, constituintes do olhar e pensamento vigotskiano, valorizando as dimensões integrativas de seu significado, como a ideia de unidade entre sujeito e objeto, externo e interno.

Outro significado atribuído à *pereživânie* que precisa ser destacado e encontra eco na produção de Vigotski é o do seu uso no contexto da psicologia tradicional russa. Veresov e Flear (2016a) trazem uma definição feita por Vigotski, conforme consta no *Psychological Dictionary* (produzido em parceria com Varshava em 1927), na qual o autor declara que, de uma perspectiva subjetiva, todo processo psicológico é *pereživânie*, trazendo *pereživânie* como experiência psicológica direta. Trata-se de uma definição genérica de um livro voltado para alunos de psicologia e, portanto, referente ao contexto da ciência tradicional da época, trazendo à tona a compreensão geral de *pereživânie* ligada à experiência subjetiva direta e aos processos sensoriais e perceptuais.

De modo geral, é possível depreender que as vivências envolvem a relação do sujeito com o mundo abarcando dimensões afetivas, sensoriais e interpretativas. Veresov (2014) reúne a definição de *pereživânie* feita por diferentes autores, formando uma imagem complexa que abrange noções como: experiência emocional, interpretação, percepção, atravessar algo, dar sentido, se apropriar, interiorizar, compreender e cognição. Por sua vez, a tradutora Teresa Prout traz a compreensão de que Vigotski se refere à *pereživânie* para expressar a ideia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, percebida, experimentada ou vivida de forma diferente por diferentes sujeitos (Toassa & Souza, 2010).

Em resumo, o termo *pereživânie* envolve qualidades emocionais, sensações e percepções, implicando que o sujeito é parte do mundo e influenciado por este (Toassa & Souza, 2010). O termo aparenta integrar diversos aspectos da vida psíquica, afetivos como cognitivos,

abarcando emoções, percepções e interpretações de uma situação experimentada. Estes elementos marcaram e definiram os usos do termo e desenvolvimento de significados a ele articulados na obra de Vigotski.

A partir de agora serão exploradas questões de tradução do termo *pereživânie*, tendo em vista compreender melhor as implicações de possíveis equívocos e confusões ao longo do tempo, bem como referências feitas e significados envolvidos nas escolhas realizadas.

Estudiosos que discutiram o significado da palavra *pereživânie* na língua russa e se debruçaram sobre o conceito na obra de Vigotski formam consenso de que os problemas de tradução marcaram o reconhecimento do termo nos trabalhos do autor e interpretações associadas. As diferentes nuances de significação de *pereživânie* e ausência de equivalente para o termo, especialmente no inglês, língua de divulgação inicial da obra vigotskiana no ocidente, justificam as dificuldades e equívocos de tradução encontrados (Blunden, 2016a; Mok, 2017; Veresov, 2017). Nas traduções anglófonas, *pereživânie* foi inicialmente traduzida como “experiência” (*experience*), tradução considerada insatisfatória por não abarcar ou enfatizar dimensões importantes do seu significado, tal qual sua dimensão integrativa e ênfase em aspectos emocionais, perceptivos e interpretativos, além da ideia de ação em desenvolvimento (Delari & Passos, 2009; Mok, 2017; Veresov, 2014). Esta tradução também é considerada problemática por dificultar a diferenciação, nos textos de Vigotski, entre o seu uso e uso do termo russo *opit*, este sim considerado um equivalente para a palavra “experiência”, contribuindo para que passasse despercebido nas obras traduzidas do autor (Prestes & Tunes, 2012).

Ao discutir sobre diferenças entre as significações de *pereživânie* e *opit*, Delari e Passos (2009) mencionam a referência mais marcante de *opit* a atividades práticas, enquanto *pereživânie* teria relação mais forte com as emoções (aspecto especialmente enfatizado em seu sentido ligado ao contexto cultural da época, ainda que não se restrinja a isto); outra diferença seria a compreensão temporal de *opit* como algo já consolidado e concluído, enquanto *pereživânie* acentuaria a ideia de processo.

Devido às suas diferentes nuances de significação, o termo *pereživânie* também foi traduzido em alguns contextos como “sentimento” (Delari & Passos, 2009), o que também colaborou para que não fosse identificável nas traduções. Outras traduções anglófonas

comuns feitas tendo em vista a busca pela aproximação com seu campo de significação, são: *emotional experience*, *lived experience* e *experiencing* (Blunden, 2016c; Mok, 2017). No entanto, mesmo essas tentativas de aproximação que enfocam diferentes facetas do significado do termo, especialmente se este não for contextualizado, podem levar a problemas de interpretação (Prestes & Tunes, 2012). Um exemplo é a tradução de *pereživânie* como *emotional experience*, que enfatiza essencialmente a dimensão afetiva do significado envolvido no termo (Toassa & Souza, 2010; Delari & Passos, 2009), ênfase que também se estende aos trabalhos e compreensões de alguns autores (Veresov, 2014). Toassa e Souza (2010) e Delari e Passos (2009) concordam que nem “experiência emocional” ou “sentimento” (de cunho marcadamente afetivo), nem “interpretação” (de cunho predominantemente racional) traduzem adequadamente o substantivo. Uma alternativa comum utilizada por muitos autores tem sido a opção por não traduzir o termo nos trabalhos publicados (Veresov, 2014).

Em relação à tradução do vocábulo para o espanhol, Toassa e Souza (2010) e Veresov (2014) admitem que traduzir *pereživânie* como “vivência” é uma solução satisfatória, tendo em vista sua etimologia relacionada ao viver, além do caráter processual e dinâmico subentendido, que também evoca sensações e percepções de uma situação capazes de englobar aspectos cognitivos e afetivos, embora seja possível dizer que algo também se perca de sua carga e dimensão afetiva. A mesma reflexão é passível de ser feita para o uso de “vivência” na língua portuguesa, Prestes & Tunes (2012) reconhecem que este é o termo em português mais próximo do conceito russo.

No presente trabalho o termo será referido (como já está sendo feito) tanto em russo com transliteração portuguesa (*pereživânie*), como enquanto “vivência”, levando em consideração que, apesar de eventuais perdas e tendo sido feitos os devidos esclarecimentos, esta tradução é considerada suficiente para nos aproximar dos nexos a que o termo faz referência, facilitando sua compreensão ao longo do texto.

As diferentes relações estabelecidas e significações de *pereživânie* apresentadas atravessaram a obra de Vigotski assumindo história própria constituída em interlocução com diferentes autores no contexto de sua produção (Toassa & Souza, 2010). O termo se refere igualmente, na obra do autor, a um conceito (ainda que em desenvolvimento) articulado a

um sistema de conceitos no quadro de elaboração e amadurecimento de sua teoria, desenvolvido em seus últimos anos de vida.

A fim de favorecer uma compreensão mais ampla do conceito de vivência na teoria de Vigotski, situada na sua trajetória histórica e na totalidade do seu projeto científico, os capítulos que se seguem abordarão, ainda que brevemente, os objetos e contexto geral envolvidos na jornada do autor, os fundamentos filosóficos que orientaram seu pensamento e o percurso de sua produção. O capítulo seguinte abordará de forma sucinta os objetos e o contexto que compuseram a caminhada de Vigotski.

3. O Projeto Científico de Vigotski: Objetos e Breve Contextualização

Diversos estudiosos de Vigotski propuseram periodizações de sua obra (Dafermos, 2018; Delari Jr., 2010; González-Rey, 2011; Van der Veer & Valsiner, 1996; Veresov, 2005; Yasnitsky, 2012; Zavershneva & Van der Veer, 2018). Yasnitsky (2012) sinaliza a dificuldade do estudo do desenvolvimento criativo de Vigotski, sendo um dos problemas a falta de uma lista completa dos seus trabalhos e cronologia incerta destes, tendo em vista a censura à qual a produção do autor foi submetida durante o governo stalinista após a sua morte. Outra dificuldade refere-se ainda à falta de delimitação clara dos temas centrais do programa de pesquisa de Vigotski, compreendida por Dafermos (2018) como uma das maiores limitações dos estudos contemporâneos sobre o seu legado. O autor fala da tendência de muitos acadêmicos contemporâneos de focar apenas em aspectos fragmentados ou ideias da teoria de Vigotski e ignorar outros que estejam além dos seus interesses de pesquisa, levando a separações entre conceitos relacionados e confusões sobre a teoria do autor. Dafermos (2018) reconhece a necessidade de desenvolver uma consideração holística do programa de pesquisa de Vigotski no processo do seu desenvolvimento. O presente capítulo fará uma breve contextualização histórica do cenário de desenvolvimento da obra de Vigotski buscando inicialmente apresentar os objetos, ou temas centrais, do projeto científico do autor.

O contexto russo pós-revolucionário foi o cenário do desenvolvimento da trajetória intelectual de Vigotski, momento de profundas transformações sociais e busca pela construção de uma nova nação e pelo ideal de “novo homem socialista” (Yasnitsky, 2012; Van der Veer & Valsiner, 1996; Bovo, Kunzler & Toassa, 2019), o que trouxe implicações no domínio das ciências da educação e da psicologia. Implicações estas materializadas na

procura por novas formas de compreender e estudar o homem e sua constituição através da cultura e da história com base nas ideias e no método de Marx. A Reactologia de Kornilov (disciplina que pretendia estudar o comportamento humano como um sistema de reações), inicialmente considerada, mas logo criticada por Vigotski, é um exemplo dessa busca por construir uma psicologia marxista fundamentada no materialismo dialético. Outro elemento contextual ressaltado por Dafermos (2018), foi a importância do conceito de consciência nas discussões da psicologia russa e soviética. O autor faz referência às memórias de Bruner sobre seus encontros com Luria, referindo-se a uma “batalha pela consciência” na Rússia, busca que igualmente orientou o desenvolvimento da teoria de Vigotski. Toassa (2015) cita Joravsky (1989) ao dizer que no período pré-revolucionário e soviético, os psicólogos russos assumiam que a psicologia deveria analisar a consciência, embora não houvesse consenso sobre o modo apropriado de fazer isso.

Ao delinear o perfil acadêmico de Vigotski, Yasnitsky (2012) pontua duas paixões fundamentais que acompanharam e atravessaram a trajetória do autor e sua produção, a filológica e a defectológica. A filológica, relativa à palavra (fala e linguagem), envolve sua admiração pela beleza da palavra, além do interesse pela questão da compreensão da arte e das obras literárias, a complexidade da linguagem em seu desenvolvimento histórico, os meandros da produção da fala e sua relação com o pensamento, emoções, personalidade e cultura. Vigotski chegou à psicologia a partir do campo da cultura e humanidades, tendo pertencido à geração da “idade de prata” da cultura russa (Veresov, 2005). Foi um membro ativo e destacado da vida cultural de Gomel, tendo seu interesse constante por assuntos relacionados à literatura, teatro, arte e crítica literária constituído o contexto social e pessoal dentro do qual ocorreu sua passagem para o campo da psicologia (Van der Veer & Valsiner, 1996).

Por sua vez, a paixão defectológica é relativa à preocupação do autor com a liberdade e libertação. Yasnitsky (2012) ressalta a vivência pessoal de Vigotski da injustiça por ser judeu em uma sociedade antissemita e excludente, embarcando no ativismo (alinhado a sentimentos pró-socialistas) para mudar um mundo imperfeito e contribuir no desenvolvimento do homem e da sociedade, superando os defeitos do desenvolvimento social, cultural e biológico. O sentimento pela liberdade e as ideias de libertação estão

presentes desde suas primeiras críticas literárias até os seus trabalhos maduros sobre as relações entre afeto e intelecto, vontade e liberdade de escolha, linguagem e consciência (Yasnitsky, 2012). Vigotski seguiu a compreensão de Espinosa e Hegel de liberdade como autodeterminação (Derry, 2013, como citado em Dafermos, 2018), interessando-se, conforme a tradição hegeliana, em como o ser humano pode adquirir controle sobre o processo de seu próprio comportamento (Dafermos, 2018).

Yasnitsky (2012) compreende que a ligação de Vigotski com a língua, pela palavra, e a defectologia, pela busca da liberdade, desenvolveram-se e se transformaram no interesse do autor pelo problema dos “defeitos” infantis (deficiências e regressões, o último caso considerando a psicopatologia do adulto) e na pesquisa sobre a gênese e evolução das funções psicológicas superiores em seu desenvolvimento cultural. O autor também defende que a conexão entre esses dois projetos de pesquisa deve ser compreendida no contexto dos esforços de Vigotski para encontrar uma teoria do desenvolvimento humano que fundamentasse a prática pedagógica e de reabilitação.

Dafermos (2018) identifica dois principais projetos interconectados no cenário do desenvolvimento dos trabalhos de Vigotski: o estudo do “problema do meio na consciência” e a questão do “desenvolvimento cultural da personalidade”, estando outras questões e problemas conectados a esses projetos centrais. O estudo da gênese das funções psicológicas superiores, por exemplo, está articulado à busca pela compreensão da consciência e investigação do problema do desenvolvimento da personalidade. O trabalho sobre a interconexão entre pensamento e fala, elaborado no livro “A construção do pensamento e da linguagem”, relaciona-se à processos psicológicos que ajudam a compreender a consciência e sua organização. Do mesmo modo, o trabalho sobre a educação de crianças com deficiência envolve a consideração de uma teoria do desenvolvimento humano (portanto, da personalidade e da consciência). A diversidade de projetos de Vigotski (psicologia da arte, desenvolvimento do pensamento conceitual, teoria das emoções, etc.) apenas faz sentido se forem compreendidos como parte dessa teia (Dafermos, 2018). Van der Veer e Valsiner (1996) exprimem igualmente que todas as categorizações do trabalho de Vigotski (defectológico, psicológico, pedagógico, pedológico) são relativas, pois ele era um pensador sintético que desafiava tais classificações.

A identificação do “problema do meio na consciência” e do “desenvolvimento cultural da personalidade” como linhas centrais interconectadas do projeto de Vigotski parece abarcar e articular mais globalmente o conjunto de sua obra, conforme trazido no parágrafo anterior, o que integra as considerações sobre o atravessamento das linhas filológica e defectológica como forças motrizes no desenvolvimento da produção de Vigotski, assim como a demanda de articulação teórica imposta pela prática pedagógica e de reabilitação mencionadas.

Em sintonia com as duas principais linhas de investigação referidas por Dafermos sobre o projeto de Vigotski, Delari Jr (2010) cita diferentes objetos da psicologia do autor, os quais distinguem-se quanto ao grau de abrangência sem se tornarem excludentes, como é possível perceber com a “consciência” e as “funções psicológicas superiores”. A consciência envolve uma ideia de totalidade, estando as funções psicológicas superiores articuladas ao processo da consciência. Além da “personalidade” (“homem”, “ser humano”, “pessoa”), que também pode ser considerada uma forma de síntese das funções psicológicas superiores. Delari Jr (2010) nos lembra que ao falar de “consciência” e “personalidade” na tradição metodológica marxista da psicologia de Vigotski, não estamos nos referindo a “entes” ou “seres” com vida própria, “sua existência só se realiza como uma ação do próprio ser humano com relação ao mundo. A consciência é o próprio ser humano consciente, a personalidade é o próprio ser humano em pessoa.” (Delari Jr, 2010, pg. 22)

Vigotski compreende que existe uma forte conexão interna entre as questões da consciência e personalidade, o que constitui o tema central de sua investigação (Dafermos, 2018). As relações entre consciência e personalidade no contexto da teoria de Vigotski serão melhor abordadas no capítulo 6.

O capítulo seguinte abordará os fundamentos filosóficos que nortearam o pensamento de Vigotski, dimensão fundamental para compreender o desenvolvimento de seu sistema teórico e, conseqüentemente, o conceito de vivência a ele articulado.

4. O Pensamento de Vigotski: Fundamentos Filosóficos

Há uma linha dorsal que orientou a trajetória de Vigotski e pode ser traçada de modo geral pela tradição filosófica de Espinosa, passando por Hegel e culminando em Marx (Costa,

2020). Hegel considerou Espinosa como ponto de partida de qualquer filosofia e, por sua vez, permitiu a Marx compreender a sociedade capitalista com a compreensão da dialética, embora Marx tenha recusado seu idealismo e produzido uma interpretação materialista do desenvolvimento da sociedade (Costa, 2020).

Dafermos (2018), no livro “Rethinking Cultural-Historical Theory: A Dialectical Perspective” to Vygotsky, dedica o capítulo quatro à exploração dos fundamentos filosóficos da teoria de Vigotski, focando nas ideias de Espinosa, Hegel, Feuerbach e Marx. O autor afirma que Vigotski foi inspirado por diversos pensadores e, apesar de diferenças essenciais, é possível detectar linhas em comum que orientaram seus interesses filosóficos: monismo ao invés de dualismo, dialética ao invés de metafísica e determinismo ao invés de indeterminismo.

Vigotski estava lidando com o problema da consciência antes do que se considera o início de sua teoria sistematizada, tendo as falhas das teorias da psicologia tradicional em oferecer uma explanação satisfatória para o enigma da consciência contribuído para a sua crítica e desenvolvimento de um novo caminho (Dafermos, 2018), o que será abordado mais adiante.

Gonzalez-Rey (2011) aponta que na dissertação de Vigotski, “Psicologia da Arte”, escrita essencialmente entre 1917 e 1924, já é possível identificar um estudo teórico da psiquê que compreende uma gênese histórica e cultural dos processos psíquicos. Neste trabalho, a criação artística é considerada uma técnica sócio-cultural para manipular emoções ou mesmo criar emoções superiores (Zavarshneva & Van der Veer, 2018). Delari Jr. (2010) reconhece ainda que este trabalho, bem como o período de Vigotski como crítico literário em 1916, representa uma aproximação do autor com a busca pela objetividade: Vigotski considerava como tarefa do crítico-leitor lidar com algo objetivamente presente na obra que se deve apresentar à sociedade. Essa busca pela objetividade está em sintonia com a orientação de base marxista, desenvolvida posteriormente de forma mais consistente em sua obra, que busca se posicionar em confronto com a essência da realidade que quer compreender, explicar e transformar.

No período entre 1923 e 1925 ocorreu mais fortemente o movimento de adesão de Vigotski à Reactologia de Kornilov (Zavarshneva & Van der Veer, 2018), o autor procurou

estudar objetivamente os sistemas de reações que constituíam o complexo comportamento humano, marcando o horizonte de construção, buscado na época, de uma abordagem marxista materialista da psicologia (Van der Veer & Valsiner, 1996). O autor já propunha um estudo monístico (reconhecimento da unidade mente-corpo), materialista (reconhecimento da concretude do objeto) e objetivo (passível de ser acessado de forma sistemática) da mente consciente (Veresov, 2005; Van der Veer & Valsiner, 1996). No entanto, não tardou para que Vigotski percebesse as fragilidades da perspectiva reactológica, criticando sua concepção dualista (separação mente x corpo) e mecanicista (pautada por uma lógica de estímulo – resposta) da consciência (Van der Veer & Valsiner, 1996).

Dafermos (2018) destaca que a teoria de Vigotski surgiu da reflexão crítica não de teorias isoladas, mas de todo um sistema de tradições filosóficas e de pesquisa no processo de reconstrução da psicologia como disciplina. Em meio à aparente diversidade de abordagens dentro da ciência psicológica, Vigotski se deu conta de dois pontos de vista fundamentais que refletiam uma compreensão dualista de separação entre o mental e o físico (Yasnitsky, 2012; Van der Veer & Valsiner, 1996). De um lado, a perspectiva de uma psicologia científico-natural, objetiva, explicativa, movida por uma lógica mecanicista onde não havia lugar para o estudo da consciência e dos fenômenos psíquicos complexos. De outro, a perspectiva de uma psicologia idealista, descritiva, subjetiva e espiritual, incapaz de estudar objetivamente e encontrar caminhos de explicação para o fenômeno psíquico, buscando apenas descrever ou compreender os processos psicológicos humanos (Vigotski, 1927/1996).

Diante disso e da impossibilidade anunciada, dentro da psicologia tradicional, de estudar a consciência em sua complexidade e integralidade, Vigotski concluiu que era necessário um caminho radicalmente novo e revolucionário de teorização psicológica através da proposta de uma nova psicologia (Yasnitsky, 2012; Van der Veer & Valsiner, 1996). Vigotski propôs a superação da crise percebida na psicologia por meio da síntese dialética do problema mente-corpo (Van der Veer & Valsiner, 1996), no contexto da proposição de uma psicologia marxista, materialista e dialética. No entanto, essa proposta não se resumia a uma aplicação imediata do materialismo dialético aos problemas das ciências naturais e

psicologia (Van der Veer & Valsiner, 1996; Veresov, 2005), como teria buscado fazer Kornilov com sua Reactologia.

A aplicação direta da teoria do materialismo dialético às questões das ciências naturais, e em particular ao grupo das ciências biológicas ou à psicologia, é impossível, como o é aplicá-la diretamente à história ou à sociologia. Existem entre nós aqueles que pensam que o problema da “psicologia e o marxismo” limita-se a criar uma psicologia que responda ao marxismo, mas o problema é, de fato, muito mais complexo. (Vigotski, 1927/1996, p. 392)

Como afirma Veresov (2005), para Vigotski o problema da psicologia marxista é mais complexo do que o da construção da psicologia em concordância com o marxismo. O que se pode buscar no marxismo não seria a solução, a teoria pronta, mas os princípios da construção da nova psicologia.

O que sim pode ser buscado previamente nos mestres do marxismo não é a solução da questão, e nem mesmo uma hipótese de trabalho (porque estas são obtidas sobre a base da própria ciência), mas o método de construção [da hipótese - R.R.]. Não quero receber de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações, o que é a psique, o que desejo é aprender na globalidade do método de Marx como se constrói a ciência, como focar a análise da psique. (Vigotski, 1927/1996, p. 395)

Para falar do caminho de construção da ciência a partir do método desenvolvido por Marx, é preciso considerar que até meados do século XIX ocorreu uma separação entre a ontologia (teoria do ser) e a epistemologia (teoria do conhecimento) (Costa, 2020). De acordo com Tonet (2013), o conhecimento da realidade, a forma e possibilidade de conhecê-la dependem de uma concepção de realidade explícita ou implícita, uma ontologia. Este autor afirma que a ciência moderna descarta que o problema do conhecimento tenha como pressuposto uma concepção prévia do que é a realidade.

Ao defender o resgate da filosofia (ontologia) na construção do conhecimento, Vigotski (1927/1996) relata:

Os naturalistas imaginam que se libertam da filosofia quando a ignoram, mas não são mais do que escravos, prisioneiros da mais detestável filosofia, composta por uma

miscelânea de concepções fragmentárias e carentes de sistema, posto que os investigadores não podem dar um passo sem pensar, e o pensamento exige definições lógicas. (p. 317)

O pensamento exige, pois, uma lógica regida por uma concepção de realidade (ontologia). O autor ainda acrescenta que “a renúncia a especulações ontológicas (o empirismo), se for conseqüente, leva a renunciar aos princípios metodológico-constructivos na estruturação do sistema, desemboca no ecletismo. E, na medida em que é inconseqüente, conduz a uma metodologia oculta, não-crítica, confusa.” (Vigotski, 1927/1996, p. 334).

Renunciar a considerar as concepções de realidade (ontologias) impede de levar em conta os princípios metodológicos-constructivos derivados que regem a estruturação dos sistemas de pensamento, permitindo que qualquer caminho, então, possa ser considerado válido para chegar ao conhecimento (ecletismo). Da mesma forma, renunciar às concepções de realidade conduz a uma metodologia oculta e confusa, sobre a qual não se reflete. A respeito dos princípios metodológico-constructivos (que advém de considerações ontológicas) necessários à estruturação de um sistema científico, Vigotski (1927/1996) afirma, “Por mais estranho e paradoxal que pareça à primeira vista, é precisamente a prática, como princípio constructivo da ciência, que exige uma filosofia, ou seja, uma metodologia da ciência.” (p. 345). E acrescenta, “O princípio da prática e sua filosofia se impõem uma vez mais; a pedra que foi rejeitada pelos construtores, esta veio a ser a pedra angular.” (p. 346).

Vigotski refere-se à prática como princípio constructivo da ciência que demanda uma filosofia, o que envolve uma metodologia ou um caminho do conhecimento. Essa filosofia que se impõe pela prática é nada mais que a dialética materialista, que está implicada na ontologia histórica de Marx, como se refere Tonet (2013): a consideração de que a orientação ontológica parte do objeto (da realidade material e histórica) e o conhecimento é, portanto, fundamentado e comprovado pela prática, conforme enfatiza Costa (2020). Vigotski se refere ao crescimento da psicologia aplicada: psicoterapia, pedologia (estudo da criança), aconselhamento educacional etc., enfatizando a necessidade de uma filosofia da prática que oriente as investigações aplicadas, compreendendo a prática como o teste mais rígido de qualquer teoria (Van der Veer & Valsiner, 1996). De acordo com Vigotski (1927/1996), “O método, ou seja, o caminho seguido, é visto como um meio de cognição: mas o método é

determinado em todos seus pontos pelo objetivo a que conduz. Por isso, a prática reestrutura toda a metodologia da ciência.” (p. 346).

Diversos estudiosos sérios da obra de Vigotski destacam a ênfase dada por ele ao lugar da prática como instância orientadora da teoria (Dafermos, 2018; Delari Jr, 2010; Van der Veer & Valsiner, 1996; Yasnitsky, 2012), atestando sua vinculação ao princípio ontoprático do conhecimento proposto pela teoria marxista (Costa, 2020). Costa (2020) localiza na consideração da determinação ontoprática do conhecimento a expressão do método dialético na obra de Vigotski, afirmando que:

A dialética não é uma lógica, mas é o processo de reprodução do fenômeno com base na realidade objetiva, o qual “ensina” o pensamento mediante o questionamento e validação do conhecimento tendo como determinante a própria realidade e não um artifício do pensamento. (p. 354)

De acordo com o trecho acima, conforme a compreensão da ontologia histórica de Marx, o conhecimento científico é a tradução teórica do objeto, tradução teórica do processo histórico-social que deu origem ao objeto específico e os diversos elementos que o constituem (Tonet, 2013). E, de acordo com Tonet (2013), será a realidade objetiva (o objeto), por meio da prática, que indicará os procedimentos metodológicos para essa tradução. Nessa direção, a dialética materialista, desenvolvida por Marx no contexto de sua investigação sistemática da economia política no capitalismo, é orientada para a reconstrução teórica de um todo vivo, orgânico e em desenvolvimento através da criação de um sistema de categorias interrelacionadas (Dafermos, 2018), as quais são fruto do processo de mediação entre teoria e prática (Delari Jr., 2010).

Ao considerar o conhecimento científico como a tradução teórica do objeto e o papel da realidade objetiva na orientação dessa construção por meio da prática, Vigotski (1927/1996) destaca a necessidade de uma teoria-metodologia própria para o objeto da psicologia, uma teoria intermediária, surgida a partir do desenvolvimento do método materialista dialético face o objeto particular da ciência psicológica. Esta teoria-metodologia é a dialética da psicologia, a psicologia geral. Nas palavras do autor:

Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral.

Para criar essas teorias intermediárias - ou metodologias, ou ciências gerais - será necessário desvendar a essência do grupo de fenômenos correspondentes, as leis sobre suas variações, suas características quantitativas e qualitativas, sua causalidade, criar as categorias e conceitos que lhes são próprios, criar seu O capital. (Vigotski, 1927/1996, p. 393)

Conforme destaca Veresov (2005), o Capital da psicologia é visto como a possibilidade de expressar e descrever seus próprios objetos e leis, embora não como aplicação direta do materialismo dialético, sendo as categorias, conceitos e leis, nesse Capital, psicológicas e não filosóficas. De acordo com Vigotski (1927/1996), “A psicologia precisa de seu O capital - seus conceitos de classe, base, valor etc. -, com os quais possa expressar, descrever e estudar seu objeto.” (p. 393).

A partir de agora será abordado o método materialista dialético, seus princípios e movimento, tecendo articulações com o pensamento de Vigotski e desenvolvimento do seu sistema teórico na busca pela construção da referida dialética da psicologia, psicologia geral. A dialética materialista envolve a consideração de um todo orgânico e dinâmico cujas contradições internas do processo de desenvolvimento são investigadas. Dafermos (2018) relata que:

O raciocínio dialético se encaixa em uma investigação de sistemas orgânicos complexos e processos de diferenciação e integração. Ele oferece uma conceitualização dinâmica da unidade e luta de opostos que servem como força motora dos processos de desenvolvimento. O estudo sistemático das contradições internas de sistemas orgânicos complexos está no centro do pensamento dialético. (p. 250, tradução nossa)

Dafermos (2018) refere-se a algumas leis da dialética e sua relação com a teoria de Vigotski. Uma delas é a lei da transformação da quantidade em qualidade, a qual se conecta à compreensão dinâmica do desenvolvimento de Vigotski, que envolve a transição de um estágio a outro do desenvolvimento mediante crises e reorganizações dos processos psicológicos. Esse movimento também se relaciona à lei da luta e unidade dos opostos,

levando em consideração os conflitos e contradições compreendidos como força motora do processo de desenvolvimento. A lei da negação da negação é igualmente mencionada referindo-se à natureza contraditória do processo de desenvolvimento, já que “O desenvolvimento não está reduzido a uma simples negação metafísica e mecânica, mas inclui momentos opostos, a emergência de novos momentos qualitativos bem como as continuações de momentos oriundos de níveis anteriores como partes subordinadas do novo tipo de desenvolvimento.” (Dafermos, 2018, p. 253, tradução nossa).

Está em evidência o processo de continuidade e ruptura/descontinuidade na compreensão dialética do desenvolvimento. De modo geral Dafermos (2018) considera que:

Desenvolver uma estrutura teórica e metodológica dialética pode iluminar questões teóricas e metodológicas cruciais como as relações entre todo e partes, as conexões entre continuidade e descontinuidade, a interação de mudanças qualitativas e quantitativas que surgem no contexto de investigação dos processos de desenvolvimento e aumentam nossa capacidade de lidar com um mundo contraditório mudando dinamicamente. (p. 297, tradução nossa)

Sobre a relação entre o marxismo, como sistema em desenvolvimento de visões filosóficas, econômicas, sociais e políticas, e a teoria de Vigotski, Dafermos (2018) considera possível distinguir dois aspectos, o primeiro é filosófico/epistemológico, enquanto o segundo é metodológico.

Sobre o foco filosófico/epistemológico, o autor enfatiza a concepção materialista da história e sua influência na consideração da importância do domínio do uso de ferramentas para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, além do ideal de transformação social radical, reconhecendo a orientação da teoria de Vigotski para essa transformação.

Sobre o aspecto metodológico, Dafermos (2018) destina o 9º capítulo do seu livro ao emprego feito por Vigotski do marxismo como método de pesquisa no campo da psicologia. O autor destaca três questões metodológicas da dialética materialista na teoria de Vigotski: a relação entre essência e fenômeno, a ascensão do abstrato ao concreto e a relação entre o método lógico e o histórico. Considerando a importância de compreender mais sobre os

princípios de construção da teoria de Vigotski a partir da dialética materialista, os parágrafos seguintes discorrerão brevemente sobre esses tópicos.

A respeito da relação entre essência e fenômeno, a dialética volta-se da descrição do fenômeno externo para a investigação da essência, a conexão interna de relações de um objeto em desenvolvimento, o que no contexto do projeto científico de Vigotski seriam as relações internas e essenciais dos processos psicológicos (Dafermos, 2018). Rejeitando o postulado da imediaticidade e buscando ir além da descrição da experiência imediata, Vigotski (1931/1995) criticou a tendência dominante na psicologia de estudar os traços externos do funcionamento humano no lugar da essência interna do processo de desenvolvimento. É a investigação das relações essenciais de algo que permite a revelação do processo de seu desenvolvimento histórico (Dafermos, 2018). Sobre os princípios do método de Vigotski, Delari Jr. (2010) destaca que sua busca envolve estudar processos, não objetos em si, e explicar as origens/causas desses processos, motivo pelo qual é preciso investigar a essência e não apenas a aparência, ainda que haja uma dialética entre ambas.

É possível perceber na trajetória de Vigotski, a preocupação de ir além da aparência do fenômeno para desvendar o processo de suas relações internas (sua essência), como no movimento de busca pela origem do desenvolvimento das funções psicológicas superiores ou nos estudos sobre as relações entre pensamento e linguagem. Como afirma Costa (2020), Vigotski tinha consciência do pressuposto de Marx de que a aparência e a essência não são iguais e de que isso mobiliza, no processo de produção do conhecimento, a dinâmica entre abstrato e concreto, ou teoria e prática, conforme será mais bem explicitado nos parágrafos seguintes.

Doravante será abordado o processo de ascensão do abstrato ao concreto, que faz referência a um esforço contínuo no sentido da tradução teórica de um objeto dinâmico, tratando-se de um método de exposição dos resultados obtidos de uma investigação de longa data, conforme aponta Dafermos (2018), que também destaca que “O método de ascensão do abstrato ao concreto surge como um caminho de criação de um sistema de conceitos para reflexão teórica sobre um objeto em desenvolvimento.” (p. 257, tradução nossa).

O autor explica que o processo de ascensão do abstrato ao concreto é sempre realizado como uma unidade contraditória de dois movimentos de pensamento distintos e opostos: 1)

da percepção sensório-concreta para o pensamento abstrato e 2) da ascensão do pensamento abstrato para o mentalmente concreto (compreendido como um sistema de conceitos interconectados, concreto pensado, articulado), partindo do mentalmente concreto para a prática.

Costa (2020) ressalta a abstração como processo central para o método de Vigotski, destacando que ela pressupõe o conhecimento de diferentes pontos de vista sobre um mesmo problema. Isto se expressa nas revisões acuradas feitas por Vigotski do tratamento dado por outros autores a problemas semelhantes aos estudados por ele, tendo em vista a incorporação crítica e superação dos diferentes pontos de vista. Delari Jr. (2010) refere-se a essa postura como “dialógica”, emprestando o termo de Bakhtin, trazendo o confronto dialógico como um potencializador da aproximação crítica à realidade na medida em que permite articular pontos de vista parciais numa visão objetiva de conjunto.

Sobre o movimento de partir do mentalmente concreto para a prática e a relação teoria e prática implicada, Costa (2020) destaca:

Se a abstração não possibilita a compreensão das múltiplas determinações do objeto e se não se explica as mediações entre as abstrações, então a abstração deve ser reformulada, partindo-se novamente dos fatos (a realidade objetiva, prática, que também pode se manifestar como o sensório-concreto e suas múltiplas determinações) e, desse modo, incessantemente até produzir a reprodução mais fiel possível do objeto (o concreto pensado, articulado, que também será confrontado à prática). Esse seria o movimento dialético da relação entre teoria e prática. (pp. 306-307, acréscimo nosso)

Esse parágrafo destaca o princípio ontoprático do conhecimento, abordado em seção anterior. Nesse sentido, Delari Jr. (2010) enfatiza que o confronto dialógico não é suficiente para garantir a objetividade do conhecimento (que envolve o confronto com as características mais profundas e elevadas da realidade, a busca de suas determinações e articulações), é preciso o confronto com a realidade material através da intervenção prática sobre ela.

Dafermos (2018) menciona ainda a existência de pré-requisitos para o movimento de pensar do abstrato para o concreto, são eles: a existência real de um todo orgânico (o que

requer que as relações internas desse todo tenham sido suficientemente desenvolvidas) – no contexto da teoria de Vigotski esse todo seria a consciência e personalidade humanas e sua constituição, o processo de pensar do sensório-concreto para o abstrato (indicando o esforço de conceitualização teórica a partir do fenômeno investigado e suas múltiplas determinações), sendo a reflexão do abstrato para o concreto possível apenas quando uma disciplina atinge um nível considerável de maturidade (quando o sistema de conceitos para a representação teórica do objeto concreto encontra-se articulado).

O processo de ascensão do abstrato ao concreto envolve ainda a crítica de Vigotski da análise unidimensional em elementos, considerada reducionista, e sua procura por um caminho sintético de investigação dos processos psicológicos complexos com base no método de Marx em “O Capital”: a busca da “célula” da psicologia como ciência ou sua “unidade de análise”, parte vital irredutível do todo (Dafermos, 2018). Delari Jr. (2010) e Van der Veer e Valsiner (1996) referem-se igualmente à influência da Gestalt na noção de análise por unidades nos trabalhos de Vigotski e conexão dessa perspectiva com seu interesse em estudar o todo complexo dinâmico por trás dos fenômenos. Vigotski (1935/2018) se refere à análise por unidades compreendendo-as como produtos da análise que não perdem as características essenciais do todo e sua dinâmica.

Buscando esclarecer o método utilizado por Vigotski no desenvolvimento de sua teoria, Delari Jr. (2010) explica a noção de que a unidade de análise funciona como vinculação material entre o objeto de análise e o princípio explicativo que o determina, afirmando que “Para Vigotski não basta eleger um objeto de análise, também é preciso estabelecer uma relação causal deste objeto com aquilo que é capaz de explicar sua origem histórica.” (p. 23).

Considerando a consciência, as funções psíquicas superiores e a personalidade humana como objetos de análise de Vigotski, levando em conta os diferentes níveis de abrangência e relações entre essas instâncias, o princípio explicativo referido em sua teoria seria o das relações sociais (fonte das funções psíquicas propriamente humanas), conforme aponta Delari Jr. (2010). Este autor reforça a compreensão sobre o papel mediador da unidade de análise, afirmando que “Na metodologia da psicologia histórico-cultural, a relação do

objeto de análise com o seu princípio explicativo não é direta, mas mediada por uma unidade de análise que se constitui como realidade material dinâmica.” (p. 23).

Dafermos (2018) destaca, no entanto, que o problema da célula é apenas um dos muitos associados ao uso do método da ascensão do abstrato ao concreto e que este envolve um caminho longo e complexo de tradução teórica do objeto do conhecimento em confronto com a prática. Deste modo, o processo de ascensão do abstrato ao concreto não deve ser reduzido, na teoria de Vigotski, à busca pela célula viva da psicologia como ciência, ainda que Vigotski estivesse buscando esta célula ou unidade e, em diferentes estágios do seu desenvolvimento a tenha definido de formas diferentes: mecanismo de reação, significado, *pereživânie* (Dafermos, 2018). Dafermos (2018) ainda afirma:

A ascensão do abstrato ao concreto foi usada por Marx para investigar o capitalismo no estágio da sua maturidade. Dessa perspectiva, o método da ascensão do pensamento do abstrato ao concreto não se reduz ao movimento de pensar da mais simples, mais fundamental relação (célula) a todo o sistema de conceitos do objeto em desenvolvimento. (p. 258, tradução nossa).

Portanto, antes de ser uma instância de onde se parte para explicar o sistema de conceitos envolvidos no objeto/totalidade investigado, suas determinações, articulações e princípio explicativo, a unidade de análise é um lugar onde se chega após um caminho de sucessivas aproximações ao objeto, abstrações, articulações e confronto com a realidade por meio da ação sobre ela. Delari Jr. (2010) destaca que a totalidade não se dá a entender de forma imediata e que também é preciso saber sobre as partes para poder acessar o conjunto, chamando atenção ao cuidado de não confundir a unidade de análise com o objeto de estudo e menos ainda com seu princípio explicativo. Este autor afirma que “Estudar o “objeto de estudo” por meio de uma “unidade de análise” é encontrar nela contradições e processos de desenvolvimento que se encontram no objeto como tal”. (p. 44).

A unidade de análise envolve, portanto, processos em relação dinâmica (Costa, 2020), assim como constam na totalidade representada. Diferentes totalidades implicarão, conseqüentemente, na consideração de diferentes unidades de análise.

Costa (2020) destaca o desenvolvimento da teoria de Vigotski como processo histórico, sinalizando que assim como o autor não penetrou na essência do fenômeno nas primeiras tentativas de sua tradução, o método de análise por unidades não foi imediatamente extraído do objeto de pesquisa, mas foi fruto do movimento de pensamento em confronto com o objeto, da dinâmica entre teoria e prática.

A partir deste parágrafo serão abordadas as relações entre o método histórico e o lógico. Dafermos (2018) explica: “O método lógico é o método de exibição das articulações inerentes ao todo. O método histórico é o método de exibição das conexões inerentes entre diferentes estágios de desenvolvimento de um todo. (p. 262, tradução nossa).

Dafermos (2018) relata que ambos os métodos estão internamente conectados e destaca que Vigotski, em sua trajetória, deu ênfase ao método histórico, tendo em vista que a historicização era uma tarefa fundamental não apenas em relação ao tema da psicologia (as funções psicológicas superiores, a personalidade, a consciência e sua constituição), mas também em relação ao estágio do conhecimento psicológico, que ainda não estava maduro do ponto de vista do desenvolvimento teórico e metodológico. Costa (2020) destaca que o núcleo duro da análise de Vigotski é a consideração do desenvolvimento humano como um processo histórico. Dafermos (2018) concorda que o método histórico é a chave da teoria de Vigotski e que historicizando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, as perspectivas naturalistas dominantes na psicologia foram desafiadas, bem como foi abordada a própria questão da fundação teórica da psicologia como disciplina.

Dafermos (2018) ressalta ainda, em relação ao método, que Vigotski focou na ideia de Marx de que o estágio mais avançado do desenvolvimento permite explorar mais integralmente os estágios anteriores do processo de desenvolvimento, revelando a importância da compreensão marxiana de que “a anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco” para a investigação de questões metodológicas abertas do campo da psicologia. Esse movimento foi realizado ao longo do percurso científico de Vigotski, mais nitidamente ao final de sua vida. Costa (2020) chamam atenção para a importância do estudo das relações entre as funções psicológicas na adolescência (forma mais desenvolvida) para compreender e reestruturar o conhecimento sobre a formação da consciência, considerando sua estrutura semântica e concepção sistêmica.

Compreender a base ontológica histórica e os princípios materialistas dialéticos que fundamentam e orientam o trabalho e pensamento de Vigotski é essencial para compreender a elaboração do conceito de vivência como fruto do esforço de tradução teórica da realidade. Esta dimensão envolve a importância da consideração da vivência em articulação ao sistema teórico de Vigotski, ele mesmo produto do movimento de tradução referido. Esse cuidado se enfatiza especialmente levando em conta que a vivência é tratada por Vigotski como uma unidade de análise no contexto de sua teoria, referindo e sintetizando as relações, processos e contradições encontrados na totalidade em desenvolvimento estudada, no caso a relação personalidade-meio ou a consciência (Vigotski, 1935/2018). O capítulo seguinte abordará a trajetória científica de Vigotski, delineando o processo de construção do seu sistema teórico, começando por tecer considerações sobre os modos de se referir à sua teoria psicológica.

5. A Obra de Vigotski: Teoria Psicológica e Trajetória Científica

Sobre a forma de nomear a teoria psicológica de Vigotski, muitas designações foram usadas por ele próprio e seus discípulos em diferentes momentos do desenvolvimento de seu trabalho: “psicologia instrumental”, “teoria do desenvolvimento das funções mentais superiores” e “psicologia cultural” são alguns exemplos (Dafermos, 2018). A conhecida denominação “teoria histórico-cultural” não foi dada por Vigotski e seu grupo, mas introduzida em meados de 1930 por seus críticos, sendo posteriormente adotada pelos seus continuadores (Dafermos, 2018; Costa, 2020; Keiler, 2012). Mas a que se refere especificamente essa denominação?

Há algumas variações na compreensão dos estudiosos em relação à “teoria histórico-cultural”. Alguns se referem ao período de trabalho desenvolvido por Vigotski a partir de 1927 (Zavarshneva, 2014; Costa, 2020; Dafermos, 2018), ou após 1927 (González Rey, 2011; Van der Veer & Valsiner, 1996; Veresov, 2005). De todo modo, reconhece-se que a “teoria histórico-cultural” se desenvolveu após o processo de reflexão que culminou no livro “O Significado Histórico da Crise na Psicologia”, em que Vigotski faz uma análise crítica da psicologia de sua época e propõe princípios gerais para a criação de uma nova psicologia com base em um projeto científico de orientação materialista e dialética.

A designação “histórico-cultural” chama atenção para a concepção da formação histórica da consciência, aspecto marcante da teoria de Vigotski (Scribner, 1985). No entanto, Keiler

(2012) afirma que essa denominação não reflete adequadamente nem a diversidade do universo das ideias de Vigotski, nem o processo de diferenciação e mudanças, por vezes dramáticas, que ocorreram no desenvolvimento das concepções teóricas deste autor no período de 1927/1928 até o último momento do seu trabalho na primavera de 1934. Apesar de ter se tornado a forma usual de se referir à teoria de Vigotski, constatam-se diferentes enfoques quando se menciona a “teoria histórico-cultural”.

Gonzalez-Rey (2011) afirma que sob a identificação “teoria histórico-cultural”, o legado de Vigotski foi reduzido a um foco concreto, mais especificamente o período em que o autor se dedicou ao estudo da gênese das funções psicológicas superiores. Momento que também ficou conhecido como instrumental (Yasnitsky, 2012, Zavarshneva e Van der Veer, 2018; González-Rey, 2011), tendo em vista sua compreensão da função instrumental mediadora dos signos culturais no comportamento e desenvolvimento humano. Delari Jr. (2010) identifica a “teoria histórico-cultural” com este momento histórico particular do trabalho criativo de Vigotski, sendo possível compreender concepção semelhante em Yasnitsky (2012) e Van der Veer e Valsiner (1996).

Outros autores trazem a compreensão de “teoria histórico-cultural” como um projeto em andamento que sofreu mudanças e reestruturações ao longo do seu desenvolvimento (Dafermos, 2018; Zavershneva & Van der Veer, 2018), estendendo-se de 1927/1928 até as últimas elaborações teóricas de Vigotski, em 1934. Apesar de identificar a “teoria histórico-cultural” a um momento particular do trabalho de Vigotski, Delari Jr. (2010) não considera que houve um abandono/rompimento com esse momento, embora aponte avanços e mudanças qualitativas que marcaram outro período de elaboração teórica para o autor. Veresov (2005) compreende que a “teoria histórico-cultural” abrange até os últimos anos de vida e produção de Vigotski, no entanto este autor não enfatiza mudanças e reestruturações significativas sofridas nessa trajetória (ainda que possa considerá-las).

Esses diferentes enfoques e concepções a respeito da “teoria histórico-cultural” contribuem na geração de mal-entendidos e confusões sobre a produção intelectual de Vigotski, abrangência do seu projeto e trajetória. No presente trabalho, o esforço de tradução teórica do objeto da psicologia por Vigotski (compreendida de modo geral como a constituição da consciência e personalidade), tendo em vista a elaboração de uma psicologia

geral, será referido apenas como teoria psicológica de Vigotski ou teoria de Vigotski. Esta denominação visa a abranger o projeto científico de Vigotski, compreendido no contexto do desenvolvimento da dialética da psicologia ou psicologia geral.

Conforme destacado no início do capítulo 3, diferentes estudiosos do trabalho de Vigotski propuseram periodizações do seu trabalho intelectual, Dafermos (2018) destaca, no entanto, que o mais importante é olhar para sua teoria de uma perspectiva histórica como um projeto de pesquisa em desenvolvimento. Nesse sentido, Costa (2020) ressaltam ainda a importância de considerar o papel da prática na organização e reorganização do caminho metodológico de Vigotski, afirmando que para este autor “o método não é uma construção anterior ao contato com o objeto, muito menos é formulado anteriormente, mas nasce do embate e da reprodução do próprio objeto.” (p. 65).

Ou seja, as mudanças, rupturas e o predomínio de um ou outro tema na trajetória intelectual de Vigotski dizem mais sobre o objeto e sua relação com ele, do que sobre o pesquisador em si. Essa discussão remete à relação entre teoria e prática, tratada no capítulo 4 sobre os fundamentos da teoria de Vigotski, sendo a prática considerada a instância orientadora da teoria, com a qual esta última se confronta e é moldada. Costa (2020) declara que a caracterização da produção de Vigotski em fases tende a proporcionar uma visão estanque de sua trajetória, perdendo de vista os processos de crise e reestruturação originados da dinâmica entre teoria e prática no confronto com o objeto. Essa perspectiva concebe a teoria como mero fruto do movimento de reflexão do pesquisador, escanteando ou minimizando o papel norteador da prática e trazendo o sujeito para o centro do processo de conhecimento ao invés do objeto (Costa, 2020).

Levando em consideração o entendimento da centralidade do objeto no processo de construção do conhecimento, será feita uma breve síntese das periodizações propostas para a obra de Vigotski. Com isso, temos como objetivo mapear sucintamente a trajetória de sua produção, além de sinalizar momentos de crise e reestruturação envolvidos no desenvolvimento histórico do pensamento do autor na lida com seu objeto.

Foram estabelecidos três períodos, tendo em vista facilitar a compreensão geral da síntese das periodizações propostas, ainda que cada um abrigue em si diversidades e constitua um processo histórico de continuidades e rupturas. O primeiro período foi denominado “Pré-

História da ‘Teoria Histórico-Cultural’” e o segundo, “Gênese da ‘Teoria Histórico-Cultural’”, ambos apresentando como ponto de referência a denominada “teoria histórico-cultural”, referindo-se ao desenvolvimento das elaborações teóricas de Vigotski na perspectiva da constituição de uma psicologia geral. A denominação foi mantida neste caso, apesar dos questionamentos trazidos no início do atual capítulo, em função da referência constante a ela pelos autores trazidos na elaboração da síntese apresentada. No entanto, esta denominação é utilizada entre aspas a fim de sinalizar a falta de consenso sobre o que ela de fato abarca no contexto da obra de Vigotski, conforme discutido anteriormente. Por fim, o terceiro período é nomeado “Últimos Anos do Desenvolvimento Teórico de Vigotski”, referindo-se, como sinalizado, aos últimos anos de produção do autor e de desenvolvimento do seu projeto científico de elaboração de uma teoria psicológica.

5.1. Pré-História da “Teoria Histórico-Cultural”

Existe uma compreensão geral semelhante entre os autores (Dafermos, 2018; Delari Jr., 2010; González-Rey, 2011; Van der Veer & Valsiner, 1996; Veresov, 2005; Yasnitsky, 2012; Zavershneva & Van der Veer, 2018) em relação à delimitação de um momento anterior à proposta de elaboração mais organizada e sistematizada de uma psicologia geral fundamentada pelos princípios do materialismo dialético por Vigotski. Este momento, referido por Delari Jr. (2010) e Dafermos (2018) como pré-história da psicologia histórico-cultural, corresponde aos anos anteriores a 1928. O intervalo abarca um período diverso da produção do autor, Dafermos (2018) subdivide esse período em três fases, brevemente definidas nos parágrafos seguintes:

As ideias antes de 1917, correspondendo a um período de influência do subjetivismo e do impressionismo. Momento em que Vigotski também se dedicava à função de crítico literário. Toassa e Souza (2010) sinalizam a influência do simbolismo russo nesse contexto, cujo auge ocorreu entre 1890 e 1910, anos de formação do autor, perpassando sua monografia “A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”.

No intervalo entre 1918 e 1925, Vigotski passou do subjetivismo ao objetivismo, aceitando uma explicação reflexológica da consciência, pautada pela compreensão do psiquismo como sistema de reflexos. Zavershneva e Van der Veer (2018) reconhecem uma transição para o marxismo na perspectiva de Vigotski entre os anos 1917 e 1918, e situam

entre 1923 e 1925 o processo de busca pelo autor por uma nova psicologia. Nesse período, Vigotski teria aceitado o programa reactológico de Kornilov para a investigação da consciência de acordo com uma perspectiva que se propunha marxista.

Por fim, nos anos de 1925 e 1926, crítico à perspectiva reactológica, Vigotski teria desenvolvido um programa específico de behaviorismo social (Veresov, 2005; Dafermos, 2018), propondo um estudo do comportamento, seus mecanismos, partes componentes e estrutura (Veresov, 2005).

5.2. Gênese da “Teoria Histórico-Cultural”

O intervalo entre 1927 e 1931 também é um período muito referido pelos autores (Dafermos, 2018; Delari Jr., 2010; González-Rey, 2011; Van der Veer & Valsiner, 1996; Veresov, 2005; Yasnitsky, 2012; Zavershneva & Van der Veer, 2018) no contexto da produção de Vigotski, sendo igualmente um momento não homogêneo e que contém em si mudanças e reestruturações. Seu marco inicial (1927/1928) é o da crítica do autor à psicologia tradicional da época, materializada no escrito “O Significado da Crise na Psicologia”, e sua proposta de uma psicologia geral fundamentada nos princípios da dialética materialista, conforme desenvolvido no capítulo 4 (Vigotski, 1927/1996). Este momento marca o início do desenvolvimento da denominada “psicologia histórico-cultural”, abarcando mais especificamente o momento em que Vigotski se volta para o estudo da gênese das funções psicológicas superiores, considerando sua origem cultural e o papel da mediação pelo signo para o seu desenvolvimento.

Este período também ficou conhecido como instrumental (Yasnitsky, 2012, Zavarshneva & Van der Veer, 2018; González-Rey, 2011), tendo em vista a compreensão da função instrumental mediadora dos signos culturais no comportamento e desenvolvimento humano, que culminou na elaboração do denominado “método instrumental”. Este último baseado, no plano da investigação experimental, no chamado método da dupla estimulação, em que estímulos objeto e estímulos meio são utilizados na resolução mediada de tarefas propostas pelo pesquisador (Delari Jr., 2020). O objetivo é suscitar comportamentos capazes de denotar processos internos desenvolvidos para a realização da tarefa, avaliando as reações desencadeadas externamente pelos estímulos (objetos e palavras) e observar seu papel genético e funcional no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Costa, 2020).

A origem das funções psicológicas superiores deve então ser procurada nos sistemas de signos sociais extracerebrais da cultura (Van der Veer & Valsiner, 1996).

Dentro do intervalo referido (1927 – 1931) Yasnitsky (2012) e Zavarshneva e Van der Veer (2018) compreendem um período de transição ou de crise. Yasnitsky (2012) faz menção aos anos 1929 e 1930 como momento de crise de Vigotski, percepção sobre imperfeições, furos e inconsistências no seu sistema de pensamento e necessidade de revisá-lo. Zavershneva e Van der Veer (2018), referem-se aos anos 1930 e 1931 como um período de transição, também enfatizando a perspectiva crítica de Vigotski de sua própria estratégia prévia de estudo das funções psicológicas superiores, tratando-as de forma isolada (focando, por exemplo, no estudo da atenção voluntária ou da memória lógica). Yasnitsky (2012) destaca que a noção de função psicológica superior perde força como conceito teórico central, embora permaneça na estrutura conceitual da teoria de Vigotski. Há referência dos autores a uma nova compreensão por Vigotski da consciência e das funções psicológicas superiores enquanto sistemas interconectados (Yasnitsky, 2012; Zavarshneva & Van der Veer, 2018), o que envolve a descoberta do significado e seu papel estruturante na constituição e organização desses sistemas.

Costa (2020) refere que Vigotski separou o estudo das funções psicológicas superiores do desenvolvimento geral da criança no período em que utilizou o método instrumental. Este autor destaca que o estudo da gênese histórica dos processos psicológicos superiores mostrou-se insuficiente para explicar a formação da consciência, e foi no confronto com as formas mais desenvolvidas e no estudo de sua desintegração, em quadros psicopatológicos, que Vigotski conseguiu ir além em sua elaboração teórica. O confronto com o processo de formação de conceitos no desenvolvimento do adolescente permitiu a Vigotski dar-se conta do papel do significado na organização e estruturação da consciência enquanto sistema seguindo uma lógica semântica (Costa, 2020).

5.3. Últimos Anos do Desenvolvimento Teórico de Vigotski

O último período da produção de Vigotski abarca, de modo geral, o intervalo entre os anos 1930 e 1934 (Dafermos, 2018; Delari Jr., 2010; González-Rey, 2011; Yasnitsky, 2012; Zavarshneva & Van der Veer, 2018). Yasnitsky (2012) refere-se ao período como explosão teórica e social, chamando atenção para o desenvolvimento de uma nova teoria da

consciência, personalidade e desenvolvimento cultural. Delari Jr. (2020) e Van der Veer e Valsiner (1996) compreendem o momento como um estágio adiante da “teoria histórico-cultural”, enquanto Dafermos (2018) e Zavershneva e Van der Veer (2018) percebem uma continuidade com a teoria envolvendo mudanças e reestruturações. Todavia, para além de denominações e classificações, o importante é chamar atenção para o processo dinâmico que envolve continuidades, rupturas e reorganizações na trajetória de pesquisa de Vigotski.

Nesse período, ressalta-se a compreensão da ideia já mencionada de sistemas psicológicos (Yasnitsky, 2012; Dafermos, 2018; Delari Jr., 2010), em que as funções psicológicas superiores (culturais, mediadas) não são mais compreendidas como um andar acima dos processos elementares (naturais), nem vistas de forma isolada, mas representam sistemas psicológicos compostos por novas organizações e interrelações entre as funções elementares. Delari Jr. (2010) destaca a compreensão sistêmica de que o signo modifica as relações interfuncionais, referindo-se a um aperfeiçoamento no modo de conceber o signo, sendo este mais do que um estímulo-meio. Nesse sentido, considera-se a ampliação do conceito da mediação pelo signo, passando do estudo da estrutura externa da operação com o signo em sua função instrumental para o estudo da sua estrutura interna, o significado (Zavarshneva & Van der Veer, 2018). É enfatizado o papel do significado e estudos desenvolvidos sobre os processos de significação, formação de conceitos, interrelação entre pensamento e fala e estrutura semântica da consciência (Van der Veer & Valsiner, 1996; Yasnitsky, 2012; Zavarshneva & Van der Veer, 2018).

Esse período envolveu parte da elaboração por Vigotski de sua pedologia, campo dedicado ao estudo do desenvolvimento infantil dentro do qual o autor desenvolveu e articulou importantes conceitos de sua teoria desenvolvimental da consciência e personalidade, como a denomina Yasnitsky (2012). Van der Veer e Valsiner (1996) reconhecem que a pedologia permitiu uma unificação do interesse de Vigotski pelo desenvolvimento de novas funções complexas (os sistemas funcionais) e as necessidades educacionais de crianças normais e atípicas (que demandavam uma teoria do desenvolvimento da personalidade e consciência). Nesse contexto de trabalho, Vigotski propôs uma periodização do desenvolvimento infantil tendo como base a compreensão sistêmica e estrutura semântica da consciência, considerando a existência de idades ou

períodos de desenvolvimento que envolvem crises e a emergência de novas organizações/sistemas, dando origem a novas formas de funcionamento. É considerada a perspectiva dialética da relação entre criança/sujeito/personalidade e meio social, e são elaboradas as noções de zona de desenvolvimento proximal, situação social de desenvolvimento e *pereživânie*, as quais não serão aprofundadas aqui. De acordo com Zavarshneva e Van der Veer (2018), Vigotski compreendeu que o estudo da consciência em si era uma tarefa limitada, pois a consciência é aberta ao mundo e impensável fora das conexões multifatoriais entre o mundo e a pessoa, sendo o papel da consciência mediar a relação ativa pessoa-ambiente, relação que deveria ser o foco do estudo.

Nesse contexto de desenvolvimento de sua teoria, Vigotski trabalhou com a análise por unidades, referida no capítulo 4, buscando aquela capaz de preservar as qualidades do todo inseparável investigado. O significado foi considerado a unidade de análise da relação entre pensamento e fala, também referido como microcosmo da consciência (Vigotski, 1934/2000). Posteriormente, a vivência (*pereživânie*) foi avaliada como a unidade de análise da relação pessoa-ambiente, referida ainda como unidade dinâmica da consciência.

Outro tema de trabalho abarcado por Vigotski no período referido foi o da teoria das emoções, envolvendo a defesa de uma perspectiva monista de unidade entre afeto e intelecto e perspectiva de condução de pesquisas nas questões da interrelação entre consciência, linguagem, pensamento, volição e emoção (Yasnitsky, 2012; Van der Veer & Valsiner, 1996). Zavarshneva e Van der Veer (2018) trazem o esforço de Vigotski em seus últimos documentos de resolver o problema da unidade entre afeto e intelecto no contexto de construção de uma teoria única do desenvolvimento da mente (personalidade e consciência).

Até então, os capítulos se dedicaram a abordar os diferentes significados do termo vivência/*pereživânie* no cenário da língua, ciência e cultura russas, além de explorar os objetos e contexto de trabalho de Vigotski, seus fundamentos filosóficos e trajetória teórica enquanto processo de desenvolvimento histórico envolvendo continuidades, rupturas e reestruturações. O capítulo seguinte irá deter-se, ainda que brevemente, sobre o tema da consciência e personalidade na teoria de Vigotski e suas relações, tendo em vista a necessidade de compreender melhor essas dimensões considerando a conceituação da vivência como unidade da relação personalidade-meio e unidade dinâmica da consciência.

6. Consciência e Personalidade na Teoria de Vigotski

Conforme trazido no capítulo 3, consciência e personalidade configuram temas centrais (articulados um ao outro), no projeto de construção de uma psicologia geral por Vigotski. Dimensões que, conforme destacado por Delari Jr (2010), apresentam-se em diferentes graus de abrangência e generalidade na obra do autor. O presente capítulo irá se debruçar sobre os temas mencionados tendo em vista sua melhor compreensão e articulação ao conceito de vivência no sistema teórico de Vigotski. Serão abordadas as relações entre consciência e personalidade, suas compreensões no contexto dos sistemas psicológicos e desenvolvimento da criança, abarcando a relação com o drama do desenvolvimento e o processo de significação.

Ao longo da trajetória, de Vigotski, que envolveu a confrontação e o esforço de tradução teórica do(s) objeto(s) da psicologia, o tema da consciência, em disputa no contexto russo e soviético, abarcou diferentes compreensões ou níveis de compreensão. De acordo com Zavershneva (2014), Vigotski não chegou a uma concepção holística e integrativa da consciência, tendo fornecido apenas um conjunto de insights brilhantes em sua natureza. Esta autora se refere a três modelos de consciência nos trabalhos de Vigotski, o que se deu ao longo do processo de tradução teórica do objeto da psicologia (a constituição da personalidade consciente). Os parágrafos seguintes irão apresentar brevemente os modelos referidos e dimensões por eles envolvidas, tendo em vista expor uma linha do desenvolvimento destas compreensões, ainda que sem abordá-las de forma mais específica ou aprofundada neste momento.

O primeiro modelo é situado entre 1924 e 1926, trazendo a compreensão da consciência como reflexo de reflexos, período de aproximação de Vigotski com a Reflexologia e Reactologia, populares na Rússia Soviética nos anos 1920. Estas disciplinas consideravam a psiquê como um sistema de reflexos e reações capazes de serem estudados com o uso de métodos das ciências naturais, entendendo que os sistemas de reflexos poderiam ser integralmente descritos em termos de relações de causa e efeito (Zavershneva, 2014). Toassa (2006) destaca que neste momento de sua obra, Vigotski considerou a consciência como a própria interação entre sistemas de reflexo, sendo a palavra a unidade básica do sistema de reflexos da consciência, servindo para refletir a influência de outros sistemas. No entanto, a

autora assinala essa primeira conceituação como problemática, dada a restrição da palavra ao nível da sensação e da estimulação. Zavershneva (2014) destaca que este modelo, de acordo com Vigotski, também não fornece pistas de como a consciência de fato se desenvolve, questão essencial para a futura teoria do autor, interessada pela gênese dos processos psicológicos.

O segundo modelo de consciência para Vigotski, referido por Zavershneva (2014), é o da consciência como o sistema de conexões secundárias das funções psicológicas superiores, compreendido entre 1927 e 1931. Zavershneva (2014) identifica que, embora Vigotski tenha buscado formular a base de sua emergente teoria psicológica na palavra como principal fator no desenvolvimento da consciência, ele inicialmente aborda o tema superficialmente. Vigotski introduz o princípio da mediação pelo signo na qual “a palavra é compreendida como um instrumento psicológico que transforma o par ‘estímulo-resposta’ em uma reação mediada a um estímulo” (Zavershneva, 2014, tradução nossa, p. 69). Este modelo ainda não considera o significado da palavra.

Zavershneva (2014) aponta que é no decorrer dos estudos sobre o pensamento como função psicológica, que se desvela que a palavra está intrinsecamente relacionada não apenas ao pensamento, mas ao desenvolvimento das outras funções psicológicas superiores e à consciência como um todo. Esta autora pontua que “a pesquisa em aspectos externos, comportamentais, das ações mediadas pelo signo gradualmente se transforma na investigação dos processos internos, mais profundos, por trás destas ações” (Zavershneva, 2014, tradução nossa, p. 70), os quais dependem do significado da palavra. A autora destaca, então, a compreensão por Vigotski da relação entre as funções psicológicas superiores formando um sistema. Sistema este constituído por três tipos de conexões interfuncionais: primárias, secundárias e terciárias. As conexões primárias referem-se aos reguladores inatos dos processos psicológicos. As conexões secundárias envolvem a participação dos signos nos processos psicológicos, implicando na reestruturação do sistema psicológico por meio das operações mediadas pelo signo. Neste caso, a consciência emerge como um *sistema de interconexões secundárias das funções psicológicas superiores*, como é denominado o segundo modelo de consciência apresentado. Por fim, as conexões terciárias caracterizam um

desenvolvimento maduro da personalidade, constituindo um sistema psicológico que permite o controle consciente e voluntário do próprio comportamento (Zavershneva, 2014).

O terceiro e último modelo de consciência em Vigotski identificado por Zavershneva (2014) refere-se à consciência como um sistema semântico dinâmico, correspondendo às elaborações do autor entre 1932 e 1934. Zavershneva (2014) destaca que é apenas no início dos anos 1930 que Vigotski passou a analisar o aspecto interno e semântico da consciência com base no material teórico e experimental acumulado, trazendo a ideia de sistema com o princípio de construção semântica da consciência. Os parágrafos seguintes irão discorrer sobre as relações entre consciência e personalidade e a compreensão sistêmica e semântica na constituição da personalidade consciente.

Sobre a relação entre personalidade e consciência, Zavershneva (2014) destaca um registro não publicado de Vigotski em que ele declara que a consciência é uma relação, a relação da pessoa com o seu meio. O autor se posiciona de forma semelhante em outros trabalhos (Vigotski, 1930-31/1996; 1935/2018), inclusive fundamentando-se em uma referência de Marx sobre a consciência ser a relação com o meio. Zavershneva (2014) reconhece que Vigotski entende a personalidade como uma espécie de princípio supremo que, do ponto de vista metodológico, está acima da consciência, guiando-a. A autora relata que “as regularidades da dinâmica da consciência (por exemplo, a reorganização do sistema de processos psicológicos) refletem as mudanças dinâmicas na personalidade” (Zavershneva, 2014, tradução nossa, p. 91). Nesse sentido, Vigotski (1930-31/1996) se refere à consciência como “expressão integral das peculiaridades superiores mais importantes da estrutura da personalidade” (tradução nossa, p. 203). Ressalta-se a compreensão de Vigotski da consciência como aberta ao mundo, mediando a relação ativa pessoa (personalidade) - ambiente (Zavershneva & Van der Veer, 2018). De acordo com o exposto, Vigotski (1930-31/1996) relata:

Creio que o desenvolvimento da criança, analisado desde o ponto de vista das etapas no desenvolvimento da personalidade, desde o ponto de vista das relações da criança com o meio, desde o ponto de vista da atividade fundamental em cada etapa, está vinculado estreitamente com a história do desenvolvimento da consciência infantil. (tradução nossa, p. 263)

O autor ainda acrescenta que “é totalmente certo que a relação da personalidade com o meio determina de modo mais imediato a estrutura de sua consciência.” (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p. 263). Vigotski (1930-31/1996) considera que o estudo das etapas da idade e suas novas formações do ponto de vista da consciência irá gerar aproximação da solução deste problema (a consciência). Resgata-se aqui a colocação de Delari Jr (2010), segundo a qual a consciência na perspectiva materialista dialética de Marx não se refere a um ente abstrato, mas ao próprio ser humano consciente, ou seja, à personalidade consciente, cuja existência se realiza como ação do sujeito em relação ao mundo. Portanto, em sua periodização do desenvolvimento infantil, assim como nos seus estudos sobre a relação entre pensamento e linguagem ou nos seus trabalhos referentes aos processos de desintegração patológica da consciência, subjaz o tema da constituição histórica da personalidade consciente.

Relacionada aos tópicos da personalidade e consciência para Vigotski, é preciso abordar a compreensão das funções psicológicas superiores na teoria do autor. O entendimento da função psicológica superior se modifica ao longo da obra de Vigotski, sendo inicialmente compreendida no contexto das mediações pela operação do signo enquanto estímulo artificialmente criado para interferir na conduta e formar novas conexões no cérebro humano (Vigotski, 1931/1995). Enquanto posteriormente as funções psicológicas superiores são compreendidas na perspectiva do sistema semântico dinâmico da consciência, que tem no significado/generalização a base para o estabelecimento de novas conexões no sentido do desenvolvimento da conduta voluntária e consciente do homem. Vigotski (2004) compreende que no processo do desenvolvimento histórico do comportamento não estão em pauta as funções, como considerava anteriormente, mas as relações, o nexos das funções entre si. O autor denomina de sistema psicológico as novas e mutáveis relações que envolvem as funções, conceitos que se ligam ao de personalidade. Vigotski (2004) reconhece que a formação dos sistemas psicológicos coincide com o desenvolvimento da personalidade, destacando que em determinadas fases do desenvolvimento aparecem novas sínteses, novas funções cruciais e formas de conexão.

Vigotski (1929/2000) pontua que as funções superiores, diferente das inferiores, são subordinadas, no seu desenvolvimento, às regularidades históricas. O autor destaca que

qualquer função psicológica superior foi externa, o que significa dizer que foi social, “a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas.” (Vigotski, 1929/2000, p. 25). Outros trabalhos de Vigotski ressaltam essa compreensão (Vigotski, 2004; 1935/2018; 1930-31/1996) referente à lei genética geral do desenvolvimento cultural, segundo a qual:

Qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos – primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois – dentro da criança. (Vigotski, 1929/2000, p. 26)

Vigotski (1929/2000) refere ainda que:

(...) o princípio básico do trabalho das funções psíquicas superiores (da personalidade) é social do tipo interação das funções, que tomou o lugar da interação das pessoas. Mais plenamente elas podem ser desenvolvidas na forma de drama. (p. 27)

Vigotski (1929/2000) entende a personalidade como conjunto de relações sociais. Está em pauta a ideia de drama envolvida nestas relações e entre as funções psicológicas na constituição das organizações/sistemas psicológicos. Dafermos (2018) destaca que os vários usos do conceito de drama por Vigotski estão conectados com seus fundamentos dialéticos, sendo a ênfase nas tensões dramáticas, conflitos e crises originada da compreensão da natureza contraditória do processo de desenvolvimento. Em convergência ao exposto, Vigotski (1929/2000) destaca que a dinâmica da personalidade é o drama, referindo-se a ele como “choque dos sistemas” (p. 35). Este autor pontua a compreensão de personalidade como participante do drama em que as funções mudam de papéis (nas diferentes esferas da vida social, por exemplo). Vigotski, em Zavershneva e Van der Veer (2018), destaca ainda que as funções não estão fora da consciência, mas que a consciência é o próprio drama no curso do qual se determina o movimento de cada ator. Aqui se enfatiza o caráter produtivo e dinâmico da consciência.

Vigotski faz algumas menções explícitas à compreensão de drama do desenvolvimento ao longo de seus trabalhos, como quando refere que deve se interessar pelos atores principais e secundários no contexto do drama do desenvolvimento infantil (Vigotski, 1930-31/1996).

No entanto, a ideia de drama vinculada à dinâmica dialética do desenvolvimento e constituição histórica da consciência e personalidade humanas permeia os seus trabalhos, ainda que sem menção explícita. Dafermos (2018) assinala que “Vigotski alcançou uma nova compreensão mais profunda de drama com base na abordagem dialética do processo de desenvolvimento que inclui contradições, saltos qualitativos e reorganizações.” (Dafermos, 2018, tradução nossa, p. 175-174). Isto pode ser percebido nos seus trabalhos sobre o desenvolvimento infantil e a dinâmica das idades da criança. A periodização do desenvolvimento infantil proposta por Vigotski situa-se no seu projeto de estudo da constituição da personalidade consciente, partindo da perspectiva das relações da criança (personalidade) com o seu meio (Vigotski, 1930-31/1996). Este estudo manifesta a compreensão de que a personalidade se desenvolve como um todo e que o desenvolvimento de cada função específica se deriva do desenvolvimento global da personalidade (Vigotski, 1931/1995), em sua relação com o meio. No sentido exposto e fazendo a conexão entre personalidade e consciência, Vigotski (1930-31/1996) pontua que nos períodos de transição do desenvolvimento da personalidade infantil, a estrutura geral da consciência se modifica, constituindo um sistema de relações entre seus aspectos isolados e formas de atividade. Vigotski (1929/2000) destaca ainda que “a pessoa dirige o seu cérebro, e não o cérebro a pessoa” (p. 38), assinalando que sem a pessoa não é possível compreender a sua conduta e que, nesse sentido, “a psicologia não pode apresentar-se nos conceitos dos processos, mas do drama.” (p. 38). Em sua periodização do desenvolvimento infantil, Vigotski apresenta o drama do desenvolvimento da criança, que também pode ser compreendido como o drama da constituição da personalidade consciente.

Vigotski (1930-31/1996) reconhece que no desenvolvimento infantil se intercalam períodos estáveis e períodos de crise que constituem os pontos críticos, de virada, no desenvolvimento, enfatizando seu caráter dialético. O autor entende que a passagem de um estado a outro não se realiza por via evolutiva, mas revolucionária. Nesse contexto, Vigotski (1930-31/1996) introduz o conceito de situação social de desenvolvimento, definindo-a como o ponto de partida para as mudanças dinâmicas produzidas no desenvolvimento no período de cada idade crítica. A situação social de desenvolvimento é determinada pelas relações entre a criança e o meio, dando origem a novas formações, as quais se referem ao produto do desenvolvimento da idade, envolvendo a reestruturação da personalidade consciente da

criança (Vigotski, 1930-31/1996). O autor reconhece a situação social de desenvolvimento como o sistema de relações da criança de determinada idade e a realidade social, sendo sua reestruturação o conteúdo principal das idades críticas. Vigotski (1930-31/1996) relata que modificando a personalidade consciente, as novas formações influem poderosamente no desenvolvimento posterior. O autor refere ainda que:

A nova estrutura da consciência adquirida em cada idade significa inevitavelmente que a criança percebe de forma distinta sua vida interior, assim como o mecanismo interno de suas funções psíquicas. (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p.205)

O trecho acima aponta para a modificação das vivências implicada no contexto de reestruturação da personalidade e consciência da criança, as quais serão exploradas no capítulo sobre o conceito de vivência na teoria de Vigotski. O autor destaca que:

(...) a essência de toda crise reside na reestruturação da vivência interior, reestruturação que radica na mudança do momento essencial que determina a relação da criança com o meio, quer dizer, na mudança de suas necessidades e motivos que são os motores do seu comportamento. (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p. 298)

O autor pontua as necessidades e motivos como motores do comportamento da criança cuja mudança promove a reestruturação de sua relação com o meio (sua vivência). As necessidades e motivos se constituem nas relações sociais, mobilizadas dramaticamente em contextos de contradição. Vigotski traz à tona às contradições subjacentes ao processo de desenvolvimento da criança nas idades, como quando relata que o desenvolvimento do bebê, no primeiro ano, se fundamenta na contradição entre sua máxima sociabilidade (tendo em vista a situação de dependência do outro em que se encontra), e as suas mínimas possibilidades de comunicação (Vigotski, 1930-31/1996). Esta situação mobiliza, por exemplo, buscas de formas de comunicação com o adulto, ainda em caráter pré-linguístico, que engendrarão o aparecimento de novas formações, modificando sua relação com o meio.

Ao longo deste capítulo foi referido que a linguagem, o significado/generalização, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade consciente e na constituição dos sistemas psicológicos. O estudo das mudanças na consciência da criança e

de sua linguagem são centrais para compreender todas as demais mudanças (Vigotski, 1930-31/1996). Em Zavershneva e Van der Veer (2018), Vigotski esclarece que o signo é o fator mais importante na criação do sistema, mas ele constitui apenas uma parte do processo, sendo o significado seu polo interno, sem o qual não há compreensão completa da operação com o signo. O autor destaca ainda que “o signo suporta o sistema porque tem significado.” (Zavershneva e Van der Veer, 2018, tradução nossa, p. 258). Na mesma direção Vigotski sublinha que “Os significados são a chave da reflexão da realidade na consciência.” (Zavershneva e Van der Veer, 2018, p. 276), acrescentando que quando há mudança de significado também muda a relação com a realidade e a personalidade. Vigotski declara que “O significado é a primeira coisa social introduzida na consciência pelo signo em sua função comunicativa” (Zavershneva & Van der Veer, 2018, tradução nossa, p. 258). O autor, em Zavershneva e Van der Veer (2018), explica que ao produzir o significado, o signo cria as condições por meio das quais o significado medeia internamente o conjunto de processos psicológicos na consciência (as funções psicológicas superiores, os sistemas). Vigotski (1930-31/1996) pondera que a estrutura sistêmica da consciência pode ser compreendida como estrutura externa (envolvendo as relações interfuncionais), enquanto a estrutura semântica, o caráter da generalização, seria sua estrutura interna.

É importante destacar a dimensão comunicativa e relacional da fala que modifica a consciência e, posteriormente, produz o pensamento verbal (Vigotski, TOMOI; TOMOII). Ambos os processos (fala e pensamento verbal) envolvem o desenvolvimento da generalização, que pode ser compreendida como um ato verbal do pensamento que reflete a realidade de modo radicalmente distinto das sensações e percepções imediatas (Vigotski, 2001). Ainda sobre o processo de generalização, Vigotski (1997) refere-se a ele como “a desconexão das estruturas tangíveis e a conexão nas do pensamento, nas do sentido” (tradução nossa, p. 81). Sobre o sentido, Vigotski (1997) compreende-o como resultado do significado (o significado produz sentido) constituindo parte dele. O sentido não está fixo no signo, varia de acordo com o contexto e motivações envolvidas na situação comunicativa, o significado sendo uma de suas zonas de estabilidade (Vigotski, 2001). Vigotski (2001) destaca que “o sentido das palavras depende conjuntamente da interpretação do mundo de cada qual e da estrutura interna da personalidade” (tradução nossa, p. 469). Deste modo compreende-se que o sentido é mais amplo que o significado (Vigotski, 1997).

Vigotski destaca que existe uma dependência entre os diferentes níveis de desenvolvimento do pensamento (sincrético, por complexos e por conceitos), os quais não serão aprofundados, e a estrutura da consciência e do sistema (Zavershneva & Van der Veer, 2018). Em seus trabalhos, Vigotski (2001; 1930-31/1996) se refere a diferentes níveis e modos de tomada de consciência da realidade tendo em vista o desenvolvimento da criança e do seu pensamento/generalização. Nesse sentido, o autor relata que:

Para a criança pequena, a tomada de consciência não equivale a perceber e elaborar o percebido com a ajuda da atenção, memória e pensamento. Ditas funções não estão ainda diferenciadas, atuam na consciência integralmente subordinadas à percepção na medida em que participam do processo da percepção. (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p. 267)

Vigotski refere-se, no trecho acima, ao processo da percepção imediata (inata) no contexto do desenvolvimento infantil, a qual ainda não passou pela generalização permitida com a aquisição da linguagem, o que envolve um tipo diferente, mais limitado de tomada de consciência. A mudança da percepção imediata para a percepção verbal, atribuída de sentido (generalizada), é o primeiro passo responsável pelo surgimento da estrutura sistêmica e semântica da consciência, em que a percepção deixa de ser “uma função para se tornar um sistema complexo em constante mudança” (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p. 284). Vigotski (2001) destaca que “A percepção e o pensamento dispõem de diferentes procedimentos para refletir a realidade na consciência” (tradução nossa, p. 492), de modo que ambos não se equivalem, mas se relacionam, se articulam na constituição do sistema semântico em desenvolvimento. Ao crescer na consciência a palavra modifica todas as relações e processos (Vigotski, 1997). O autor assinala que, com a generalização, qualquer percepção passa a ter um significado, destacando que o objeto apresenta um significado, ainda que não seja o da palavra, compondo a comunicação (Vigotski, 1997). Vigotski (1997) expressa que “Graças a terem sido nomeados, quer dizer, generalizados, os processos da consciência do homem têm seu significado.” (tradução nossa, p. 79), destacando que isto não no mesmo sentido que em relação à palavra. Deste modo, é possível depreender que “O significado não se refere ao pensamento, mas a toda a consciência” (Vigotski, 1997, tradução nossa, p. 81).

Vigotski (2001) destaca a que “o desenvolvimento se fundamenta na tomada de consciência progressiva dos conceitos e das operações pelo próprio pensamento” (tradução nossa, p. 282), evidenciando a tomada de consciência como um processo em desenvolvimento que envolve relações com dimensões não conscientes do próprio pensamento. No sentido exposto, Vigotski (1930-31/1996) relata sobre o desenvolvimento da autoconsciência do adolescente (forma mais desenvolvida de tomada de consciência) que ela não é algo dado, mas surge progressivamente na medida em que o homem começa a entender a si mesmo com a ajuda da palavra. De modo geral se depreende aqui que a consciência é um sistema dinâmico em desenvolvimento conectado com o desenvolvimento da palavra/generalização e que envolve diferentes graus de tomada de consciência.

Este capítulo teve o objetivo de apresentar e esclarecer as compreensões e articulações entre consciência e personalidade na teoria de Vigotski e seus processos de desenvolvimento, ainda que de forma breve. O objetivo foi de favorecer a compreensão do pano de fundo e potenciais articulações posteriores do conceito de vivência no sistema teórico do autor levando em conta sua identificação como unidade da relação entre personalidade e meio e unidade dinâmica da consciência. Apenas ao final da obra de Vigotski a vivência assume uma posição de conceito (mesmo que em desenvolvimento) ao ser definida como unidade de análise articulada ao seu sistema teórico. No entanto, antes de nos debruçarmos sobre a vivência no contexto da teoria de Vigotski, o capítulo seguinte irá abordar os diferentes lugares ocupados pelo termo ao longo da trajetória produtiva do autor, tendo em vista diferenciar seus usos para em seguida focar em sua posição e articulações no contexto da teoria.

7. Vivência/*Pereživânie*: Lugares na Obra de Vigotski

A diversidade implicada nas significações e relações estabelecidas pelo uso do termo vivência/*pereživânie*, conforme apresentado no capítulo 2 desta tese, refletiu-se nos trabalhos de Vigotski, assumindo um ou mais sentidos em diferentes momentos e contextos de evocação, além de servir como base para o desenvolvimento de compreensões próprias dentro de sua obra. Delari e Passos (2009) referem-se à pluralidade de sentidos de *pereživânie* e entendem que acepções cotidianas e acadêmicas do termo entrelaçam-se no interior dos textos acadêmicos do autor, referindo-se à polissemia como não apenas relativa à

multiplicidade de conteúdos, mas também a diferentes graus de generalidade e modos de generalização. Por sua vez, Toassa e Souza (2010) referem-se a relações de ruptura e continuidade percebidas na compreensão da vivência nas obras de Vigotski.

De modo geral, estabeleceu-se no capítulo 2 que a vivência integra dimensões afetivas, perceptivas e interpretativas, referindo-se à relação do sujeito com o mundo. O presente capítulo se propõe a delinear os lugares ocupados pelo termo *vivência/pereživânie* na trajetória intelectual de Vigotski com base em estudiosos do seu trabalho a fim de fornecer um panorama da diversidade das suas utilizações antes de abordar seu emprego articulado à teoria do autor.

Toassa e Souza (2010) abordam os sentidos da vivência na obra de Vigotski e, para tanto, referenciam dois momentos: o início da trajetória do autor, debruçando-se mais fortemente sobre o trabalho “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”, monografia escrita em 1916, e o período final da sua trajetória intelectual, entre os anos 1931 e 1934, enfocando seus textos pedológicos, especialmente “A questão do meio na pedologia” e “A crise dos sete anos”.

Em “A Tragédia de Hamlet”, trabalho referente a um período de vinculação mais próxima de Vigotski ao contexto artístico e ocupação como crítico literário, Toassa e Souza (2010) relatam que o uso feito de *pereživânie* é quase coincidente com aquele referente ao seu uso em contexto erudito (estado mental de exceção suscitado por impressões e sentimentos fortes). Nesse cenário a vivência identifica-se mais fortemente à dimensão emocional e define uma relação direta entre crítico/leitor e obra, característica do simbolismo russo que permeou os trabalhos de Vigotski nesse período, marcado pelo sublime e pelo inefável (Toassa & Souza, 2010). Delari e Passos (2009) identificam igualmente a *pereživânie* mística referenciada nesse trabalho, enfocando a sensação comovida diante da obra e a tarefa do crítico implicada por ela. Na monografia sobre Hamlet, Toassa e Souza (2010) ainda ressaltam as relações mútuas sujeito-mundo, enfocando a vivência como processo básico da vida humana, acontecimento profundo na existência da pessoa real ou do personagem na arte, remetendo à análise dos dramas e conflitos humanos.

Toassa e Souza (2010) destacam ainda que nos primeiros trabalhos de Vigotski, as vivências revestem-se de caráter irracional, marcadas por sentimentos e sensações que

demandam compreensão após vivenciados. Iaroshveski (1999) refere-se igualmente ao significado pessoal-existencial assumido pela vivência nos trabalhos do jovem Vigotski.

Em “A História do Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores”, do chamado período “instrumental” do autor, momento de poucas referências ao termo vivência, Delari e Passos (2009) assinalam que este aparece de forma ambígua enquanto processo composto, cuja decomposição em elementos implicaria em perdas para a investigação, mas também enquanto processo primário, elementar, que pode ser combinado a outros, contrapondo-se à ideia de *pereživânie* como unidade, integralidade. No entanto, Delari e Passos (2009) refletem que essa compreensão atomística de *pereživânie* provavelmente se trata de uma crítica de Vigotski do conceito na psicologia, que substitui “as relações lógicas dos objetos pelas relações fenomenológicas das *pereživaniia* do sujeito” (Vigotski, 1931/1995, p. 112). Os autores ainda citam Vigotski (1931/1995): “Não nos interessa, por exemplo, a “*pereživânie*” direta do livre arbítrio que nos fez conhecer a análise introspectiva, senão o nexos real e as relações entre o externo e o interno que constituem a base desta forma superior de conduta.” (p. 104).

Ao invés de descrições, Vigotski estava interessado na busca por explicações e pelos nexos dinâmico-causais dos processos psíquicos, sua essência. Ao falar das relações fenomenológicas das *pereživaniia* do sujeito e da *pereživânie* direta do livre arbítrio, Vigotski parece referir-se à compreensão do termo na psicologia tradicional de sua época, como experiência psicológica direta, conforme descrita por Vigotski e Varshava (2008/1927).

Delari e Passos (2009) analisaram o termo vivência/*pereživânie* no contexto de diferentes obras de Vigotski explorando suas nuances. Nesse processo, os autores identificaram referências à vivência como *pereživânie* mística (referente ao sublime e inefável), experiência psicológica direta, além de perceberem, em distintos trabalhos, a diferenciação do termo em relação à emoção, compreendendo outros focos e dimensões (afetivos e cognitivos). De modo semelhante, Toassa e Souza (2010) destacam que a vivência, nos trabalhos de Vigotski, passa a contemplar todo tipo de conteúdo mental (vivência do conceito, vivência intelectual), podendo referir-se a diversas idades e situações.

Em relação ao sentido assumido pela vivência nos últimos anos de produção de Vigotski, em seus textos pedológicos, Toassa e Souza (2010) referem-se a importantes transformações

na sua compreensão, embora conservando as características da relação sujeito-mundo e dimensão de análise dos dramas e conflitos humanos. De acordo com as autoras, nesse período final da trajetória de Vigotski as vivências deixam de ser baluarte do irracional no psiquismo e deixam de ter apenas forte intensidade, assumindo uma dimensão mais integrativa afetivo-cognitiva. Toassa e Souza (2010) fazem referência à compreensão de vivência enquanto unidade da relação personalidade e meio, articulando-a a outros princípios e conceitos da teoria de Vigotski, como a ideia de sistema, a relação com a linguagem e o significado, a lei genética geral do desenvolvimento cultural, a dinâmica das idades etc. Nesse momento, a vivência se estabelece como um conceito em elaboração dentro do sistema de conceitos da teoria vigotskiana e só pode ser compreendida a partir das relações tecidas em seu interior (Veresov, 2014). Aspectos que serão desenvolvidos no capítulo seguinte.

8. Vivência/*Pereživânie*: O Conceito na Teoria Psicológica de Vigotski

O capítulo atual tem o objetivo de apresentar a compreensão da vivência no contexto da teoria de Vigotski, referente a seu esforço de construção de uma teoria que trate da constituição da consciência e personalidade, fundamentando-se em seus trabalhos pedológicos. São referidos mais especificamente os textos “O Problema do Meio na Pedologia” e “A Crise dos Sete Anos”, que referem e desenvolvem mais diretamente este conceito em desenvolvimento na teoria do autor, trazendo os pontos principais de sua abordagem e articulação à teoria.

O conceito de vivência aparece na quarta das sete aulas de Vigotski sobre os fundamentos da pedologia, “O Problema do Meio na Pedologia”, para se referir ao papel do meio no desenvolvimento da criança. Compreende-se que o meio exerce influência sobre a criança e seu desenvolvimento **através da vivência** da criança da situação ou componente do seu meio. Nesse sentido, Vigotski (1935/2018) destaca a necessidade de encontrar o prisma que refrata a influência do meio sobre a criança, ou seja, a relação entre a criança e o meio, a vivência. Vigotski (1935/2018) ainda refere que “(...) as especificidades constitutivas da pessoa ou da criança parecem ser mobilizadas por uma vivência na qual se precipitam e se cristalizam.” (p. 79), envolvendo a compreensão de que a vivência põe em movimento, expressa e materializa, particularidades constitutivas da criança, as quais se relacionam com

particularidades do meio. Desta forma as vivências desempenham um papel na definição da relação estabelecida com a situação dada.

Ao falar de vivência como unidade, Vigotski refere-se à análise que articula unidades em um todo complexo em oposição à análise que decompõe em elementos, sendo as unidades produtos da análise que não perdem as características inerentes ao todo. Está em pauta a concepção de vivência como unidade indivisível em que estão representadas especificidades da personalidade e do meio (e sua relação), a vivência é compreendida como unidade da relação personalidade-meio.

De acordo com Vigotski (1935/2018), a vivência “(...) é um conceito que permite a análise das leis do desenvolvimento do caráter (personalidade) e o estudo do papel e influência do meio no desenvolvimento psíquico da criança” (p. 79). O meio não é considerado imóvel e externo ao desenvolvimento, mas mutável e dinâmico, relativo à relação estabelecida com a criança através da vivência. A vivência permite, então, estabelecer conexões com o meio enquanto fonte do desenvolvimento. O meio como fonte do desenvolvimento envolve as relações entre formas finais/ideais (por exemplo, a linguagem desenvolvida do adulto) e formas iniciais/primárias (como a linguagem em desenvolvimento da criança), configurando que “no desenvolvimento da criança, o que deve ser obtido ao final, como seu resultado, é dado, desde o início, pelo meio.” (Vigotski, 1935/2018, p.85).

Vigotski traz que o desenvolvimento infantil se realiza em relações recíprocas nas quais as formas finais encontram-se em interação com as formas iniciais, influenciando os passos de seu desenvolvimento. Nesta compreensão está implicada a lei genética geral do desenvolvimento cultural, a qual entende que “Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria interpsíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica.” (Vigotski, 1931/1995, tradução nossa, p. 200). E ainda, “as características superiores específicas do homem, surgem inicialmente como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de colaboração com outras pessoas. Somente depois elas se tornam funções internas individuais da criança.” (Vigotski, 1935/2018, p. 91).

Vigotski destaca o papel do significado na vivência, do desenvolvimento do pensamento e da generalização na influência do meio sobre a criança: “A influência do meio no desenvolvimento da criança, junto com as demais influências, será medida também pelo nível de compreensão, de tomada de consciência, de atribuição de sentido ao que nele acontece.” (Vigotski, 1935/2018, p. 79).

No texto “A Crise dos Sete Anos”, Vigotski traz elementos abarcados nos parágrafos anteriores em relação ao conceito de vivência e acrescenta novas conexões. Nesse trabalho está em foco a periodização do desenvolvimento infantil e suas crises na passagem de uma idade (forma de organização da personalidade em sua relação com o meio no contexto do desenvolvimento infantil) a outra, mais especificamente o período da crise dos sete anos.

O autor se refere à incorporação do fator intelectual que se insere entre a vivência e o ato direto nesta idade, sendo o fator intelectual referente ao processo de generalização estabelecido pelo desenvolvimento da linguagem e do significado. Vigotski considera que o traço mais importante da crise dos sete anos é a diferenciação incipiente da faceta interior e exterior da personalidade da criança, que se consolida nesse período, culminando na perda da espontaneidade infantil característica do pré-escolar.

A criança de idade precoce não conhece as próprias vivências, relação que se modifica no período dos sete anos, em que ocorre uma generalização destas. Surge uma orientação consciente das vivências, que adquirem sentido e produzem novas relações da criança consigo mesma, estabelecendo novas conexões entre as vivências, que se reestruturam. Vigotski (1933-34/2006) destaca que “A luta interna (vivências contraditórias, eleição de vivências próprias) só agora se faz possível.” (p. 381).

O autor ainda se refere ao aparecimento de uma lógica dos sentimentos nesse período, através da generalização das vivências ou afetos, dando origem a novas formações afetivas que apresentam “a mesma relação com a vivência isolada ou o afeto, que o conceito com a percepção isolada ou a lembrança.” (Vigotski, 1933-34/2006, p. 380), ou seja, envolvendo um processo de generalização.

Surgem, então, novas formações, como o amor-próprio e a autoestima, ligados ao desenvolvimento da consciência e percepção generalizada de si da criança com base na

reestruturação das vivências atribuídas de sentido. Está em evidência o papel do significado, da generalização e do desenvolvimento do pensamento na vivência, modificando a influência do meio sobre a criança.

Tal como trazido no texto explorado no início da sessão, “O Problema do Meio na Pedologia”, em “A Crise dos Sete Anos” Vigotski também enfatiza a necessidade de estudar o meio por índices relativos, isto é, tendo em vista a relação da criança com ele, considerando-a parte do meio, participante ativa da situação social, este nunca lhe sendo externo. Compreensões que estão envolvidas no conceito de vivência conforme explicitam os trechos abaixo:

A vivência possui uma orientação bio-social, é algo intermediário entre a personalidade e o meio, que significa a relação da personalidade com o meio, revela o que significa o momento dado do meio para a personalidade. A vivência determina de que modo influi sobre o desenvolvimento da criança um ou outro aspecto do meio. (Vigotski, 1933-34/2006, p. 383).

A criança é uma parte da situação social, sua relação com o entorno e a relação deste com ela se realiza através da vivência e da atividade da própria criança; as forças do meio adquirem significado orientador graças às vivências da criança (...). (Vigotski, 1933-34/2006, p. 383).

Nos recortes apresentados, está ainda em evidência a compreensão de meio como fonte do desenvolvimento (cujas forças são mediadas pela vivência, adquirindo significado orientador) e de vivência como unidade da relação pessoa-meio.

Outra nuance importante referida por Vigotski sobre a vivência é de que nela se reflete não apenas o meio em sua relação com o sujeito e o modo como ele o vive, mas também as peculiaridades do desenvolvimento do sujeito. Nas vivências manifestam-se em que medida participam as propriedades formadas ao longo do desenvolvimento do sujeito em um momento determinado.

Vigotski (1933-34/2006) traz ainda que “A vivência constitui a unidade da personalidade e do entorno tal como figura no desenvolvimento. Portanto, no

desenvolvimento, a unidade dos elementos pessoais e ambientais se realiza em uma série de diversas vivências da criança.” (p. 383).

Ao dizer que, no desenvolvimento, a unidade dos elementos pessoais e ambientais se realiza em uma série de vivências da criança, Vigotski faz referência, ainda que não mencione explicitamente, ao conceito de situação social de desenvolvimento.

Ao início de cada período de idade a **relação que se estabelece entre a criança e o meio** que o rodeia, sobretudo o social, é totalmente peculiar, específica, única e irrepetível **para esta idade**. Denominamos essa relação como *situação social de desenvolvimento* em dita idade. (Vigotski, 1930-1931/1996, tradução nossa, destaque nosso, p. 204).

Vigotski está dizendo, portanto, que a situação social de desenvolvimento, representada pela unidade dos elementos pessoais e ambientais de uma idade, se realiza a partir de uma série de vivências. Deste modo, é possível entender que as vivências põem em movimento, constituem a situação social de desenvolvimento, considerada o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se produzem no desenvolvimento durante o período de cada idade (Vigotski, 1930-1931/1996).

Vigotski assinala que é quando se modificam as vivências, o que envolve a formação de uma nova unidade de elementos situacionais e pessoais (situação social de desenvolvimento), que se faz possível uma nova etapa de desenvolvimento: “Se dizemos que a relação da criança com o meio se modificou, significa que o próprio meio já é distinto e que, portanto, mudou o curso do desenvolvimento da criança, que chegamos a uma nova etapa no desenvolvimento.” (Vigotski, 1933-34/2006, p. 4). O autor ressalta ainda que “Todo avanço no desenvolvimento infantil modifica a influência do meio sobre ele.” (Vigotski, 1933-34/2006, p. 382).

Nas idades críticas ocorrem as mudanças de vivências principais da criança, sendo a crise um momento de virada em que as vivências se reestruturam.

(...) a essência de toda a crise reside na reestruturação da vivência interior, reestruturação que radica na mudança do momento essencial que determina a relação

da criança com o meio, isto é, na mudança de suas necessidades e motivos que são os motores de seu comportamento.” (Vigotski, 1933-34/2006, p. 385).

Sobre a mudança de necessidades e motivos, Vigotski (1933-34/2006) ainda traz que “à medida que a criança passa de uma idade à outra, nascem nela novos impulsos, novos motivos ou, dito de outro modo, os propulsores de sua atividade experimentam um reajuste de valores.” (p. 385).

Nota-se que as necessidades e motivos referidas, os propulsores da atividade da criança, estão relacionadas à sua situação social de desenvolvimento, às características das relações estabelecidas com o meio social, demandas e tensões envolvidas nesse processo.

Ao referir que não se deve refutar as teorias ocidentais sobre as crises do desenvolvimento infantil, Vigotski (1933-34/2006) destaca o caráter social destas mesmas crises ao negar a interpretação de sua natureza interna.

Creemos que não se devem refutar as teorias ocidentais sobre a idade crítica, não se pode negar que se trata de crises muito profundas, de processos entretecidos no curso do desenvolvimento infantil, o que deve refutar-se, por outro lado, é a interpretação da própria natureza interna do processo de desenvolvimento. (p. 385).

O autor também ressalta o caráter de continuidade e ruptura expresso no processo histórico e dialético do desenvolvimento, referindo-se a peculiaridades formadas (por meio das relações sociais – lei genética geral do desenvolvimento cultural) que irão se manifestar e atuar nas vivências do sujeito: “o desenvolvimento se compreende como um processo no qual cada mudança sucessiva está vinculada ao anterior e ao presente, donde as peculiaridades pessoais antes formadas se manifestam e atuam agora.” (p. 385).

Por fim, sobre a vivência Vigotski (1933-34/2006) ainda declara: “A verdadeira unidade dinâmica da consciência, unidade plena que constitui a base da consciência é a vivência.” (383).

A vivência é, portanto, a unidade da relação pessoa e meio em que estão representadas a relação de particularidades do meio e da personalidade relativas às situações vividas (o conteúdo vivenciado e como o sujeito o vivencia), constituindo a unidade dinâmica da consciência, especialmente “se entendemos a consciência como **a relação da criança com**

seu meio.” (Vigotski, 1933-34/2006, destaque nosso, p. 386). Esta colocação destaca o caráter relacional e dinâmico da consciência, o qual figura na unidade da vivência.

No livro “Vygotsky’s Notebooks”, Zavershneva e Van der Veer (2018) apresentam notas de Vigotski sobre o conceito de vivência, acrescentando relações e nuances. O autor pontua que o desenvolvimento envolve macro e micro processos, referindo-se à vivência como um fenômeno interno microscópico (o que não significa que não seja social), molecular, no desenvolvimento da personalidade. Em relação a isto, ele ainda destaca: “Mais importante e primária é a conexão entre o meio e a personalidade através da vivência. A personalidade se desenvolve a partir das vivências.” (Zavershneva & Van der Veer, tradução nossa, p. 408). Este trecho entra em conexão com outras ideias abordadas no presente capítulo, como a de que as vivências mobilizam as particularidades constitutivas da criança na relação com o meio, expressando sua dimensão dinâmica e produtiva. Outra relação feita é com a compreensão de que a situação social de desenvolvimento, ponto de partida para as transformações da idade crítica, se realiza a partir de diversas vivências da criança, compondo seu caráter molecular e generativo.

Vigotski (Zavershneva & Van der Veer, 2018) faz referência ainda à estrutura interna da vivência, destacando seus vários níveis de significância e de liberdade interior, além dos lados passivo e ativo da vivência. O autor também pontua a conexão sistêmica da vivência, o tecido em que se encontra a célula, e destaca: “A essência é a estrutura sistêmica e semântica da vivência.” (Zavershneva & Van der Veer, tradução nossa, p. 408). Os trechos apresentados referem-se à vivência como unidade, célula, do sistema personalidade/consciência, respondendo à sua estrutura sistêmica e semântica, o que envolve os diferentes níveis potenciais de desenvolvimento da significação, o que se relaciona com os diferentes níveis da conduta consciente e voluntária.

9. Desafios Implicados

A compreensão do conceito de vivência na teoria de Vigotski envolve diversos obstáculos e desafios, abarcando desde as dificuldades de tradução do termo, comentadas no capítulo 2, passando pela sua plurissignificação no contexto da língua e cultura russas, até a plurissignificação ao longo da própria obra do autor (Blunden, 2016c; Clarà, 2016a; Cole & Gajdamschko, 2016; Delari & Passos, 2009; Fleer, González Rey & Veresov, 2017a;

González Rey & Mitjans Martínez, 2016; Mok & Goulart, 2016; Mok, 2017; Prestes & Tunes, 2012; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014; Veresov, 2017).

É nos últimos anos de produção de Vigotski, em seus trabalhos pedológicos, que a vivência adquire o caráter de conceito articulado ao sistema de conceitos de sua teoria (Mok, 2017; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014), contexto em que se ressalta o aspecto pouco desenvolvido e consolidado de sua elaboração e articulação teórica, tendo em vista o pouco tempo de vida que restava ao autor (González Rey, 2016a; González Rey, 2016c; González Rey & Mitjans Martínez, 2016; Mok, 2017; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014).

Nos últimos anos tem se observado o interesse crescente de pesquisadores pelo conceito de vivência e sua manifestação expressiva nas pesquisas (Andrade & Campos, 2019; Cole & Gajdamschko, 2016; Fleer, González Rey & Veresov, 2017a; González Rey, 2016c; González Rey & Mitjans Martínez, 2016; Mok, 2017; Mok & Goulart, 2016; Veresov, 2014; Veresov, 2016b), o que pode se dever à sua descoberta relativamente recente no ocidente e constatação da importância teórica associada, favorecendo um cenário propício para questionamentos, elaborações sobre as dimensões, articulações, interpretações, busca pelo desenvolvimento do conceito e formas de utilização prática. González Rey e Mitjans Martínez (2016) apontam como fatores para o aumento da popularidade sobre o conceito, o crescimento do interesse nos tópicos da motivação e emoções na teoria de Vigotski, o aumento das publicações em inglês referidas à vivência/*pereživânie*, considerando que até 1990 ela era traduzida apenas como “experiência”, e o movimento de revisão da interpretação dominante de Vigotski na Rússia e na psicologia ocidental. Mok e Goulart (2016) ressaltam que a vivência foi esquecida nas psicologias tradicionais na União Soviética e no Ocidente, recebendo atenção particular na última década.

O contexto de crescimento do interesse e das produções envolvendo o conceito de vivência na teoria de Vigotski aponta e aprofunda os desafios de sua compreensão, os quais abrangem as dificuldades de tradução do termo, plurissignificação no contexto da língua e cultura russas, assim como na obra de Vigotski, além da complexidade e multiplicidade de articulações do conceito, unidade de análise na teoria, destacando a importância de sua relação à integralidade do sistema teórico e considerando ainda o seu não desenvolvimento e consolidação nesse sistema. A situação referida dá margem para que os autores que estudam

o conceito ou fazem uso dele, negligenciem certos aspectos e supervalorizem outros, gerando uma percepção parcial ou fragmentada, especialmente quando não se considera sua inserção no projeto mais amplo de Vigotski e de seus fundamentos.

Blunden (2016a) e Meshcheryakov (2016) enfatizam a complexidade do construto psicológico de vivência, sinalizando para diferentes interpretações possíveis resultantes. Mok (2016) ressalta que pesquisadores têm feito conexões da vivência com diferentes ideias no trabalho de Vigotski, fazendo relações também com outros sistemas teóricos, originando uma variada paleta de interpretações as quais, por sua vez, são desenvolvidas por pesquisadores em diferentes áreas e com diferentes objetivos, gerando um cenário diverso e não necessariamente integrado. Veresov, em Fleer, González Rey e Veresov (2017a), reconhece a grande variedade de compreensões e interpretações relativas à vivência quando se faz uma rápida pesquisa em mecanismos de busca na internet, o que também é verificado por Andrade e Campos (2019). No sentido das posições abordadas, Clarà (2016a) destaca a diversidade semântica de conotações e turbidez no conceito de vivência, as quais alimentam diferentes perspectivas, abordagens, propósitos e interesses de pesquisa. Mok (2017) entende que após Vigotski, o conceito encontrou questões de tradução, interpretação e apropriação por diferentes domínios de pesquisa, as quais se magnificaram nas agendas de pesquisa particulares de teóricos na busca por desenvolver, compreender e usar o conceito. O autor ainda chama atenção à tarefa inacabada de integrar o conceito de vivência ao sistema teórico mais amplo (e em desenvolvimento) de Vigotski que coube aos pesquisadores vigotskianos, os quais situaram o conceito junto a diferentes facetas do corpo de trabalho do autor, resultando na ênfase em diferentes aspectos. Emerge uma complexa paisagem de refinamentos, reinterpretações e operacionalizações distintas, cada qual iluminando facetas diferentes do conceito (Mok, 2017).

Em um esforço de responder e dar conta do cenário diverso e em crescimento apresentado, relativo às produções sobre o conceito de vivência, números especiais das revistas “Mind, Culture and Activity” (Cole & Gajdamschko, 2016) e “International Research in Early Childhood Education” (Mok & Goulart, 2016) foram lançados em 2016 voltados para este conceito, dos quais muitos trabalhos estão contemplados na presente tese. Cole e Gajdamschko (2016) notam que todo uso do termo vivência é um convite a mal-

entendidos teóricos e ressaltam a importância da busca no sentido da integração teórica. Jorret e Roth (2016) também destacam a necessidade do estabelecimento de um terreno comum para a utilização da vivência como conceito científico. Ao se referir ao número especial da revista “Mind, Culture and Activity”, Clarà (2016a) entende que a dedicação da revista ao tema da vivência indica a aquisição de força significativa do conceito e tem expectativa de que haja um esclarecimento de sua turbidez. Mok (2017) destaca o desafio de mapeamento da paisagem diversa para iluminar o terreno difícil a frente de pesquisadores buscando usar o conceito. Este autor considera que os diferentes ramos de interpretação e interconexão iluminam diferentes facetas do conceito de vivência, mas que é ao examinar o conceito no contexto do corpo mais amplo do trabalho de Vigotski (e de seus fundamentos) que conexões cruciais com o propósito e conceitos constitutivos da teoria podem ser feitos. É desenvolvendo esse fundamento que o potencial da vivência para agendas de pesquisa particulares pode ser explorado (Fleer, González Rey & Veresov, 2017a; Mok, 2017). Ambos os números especiais das revistas mencionados sinalizam a diversidade encontrada nas compreensões sobre o conceito de vivência. Veresov declara, em Fleer, González Rey e Veresov (2017a), que a paisagem diversa tratada se relaciona à concepção pós-moderna de múltiplas verdades e afirma não acreditar que uma variedade tão grande deva ser celebrada, mas compreendida. Revela-se a problemática do relativismo no pensamento contemporâneo, desencorajando a crítica dos conhecimentos pela sua consideração como simples construtos subjetivos, incomensuráveis, cenário que favorece a coexistência de múltiplas “verdades” (Duayer, 2010).

Diante do exposto nota-se a necessidade de discutir e confrontar as diversas compreensões referentes ao conceito de vivência na teoria de Vigotski com base na perspectiva ontológica histórica de construção do conhecimento, a qual norteou a produção teórica do autor e seu sistema. Procura-se apontar as principais discussões emergentes deste cenário diverso e potenciais problemas envolvidos, evidenciando a necessidade de contribuir na superação do ecletismo e da fragmentação na compreensão do conceito de vivência e do sistema teórico a que este conceito faz referência e articula.

Adota-se uma postura dialógica, conforme referida por Delari Jr. (2010), que emprestou o termo de Bakhtin, ao trazer o confronto dialógico como potencializador da

aproximação crítica à realidade na medida em que permite articular pontos de vista parciais em uma visão objetiva de conjunto. Não se trata de buscar a conjunção das ideias expressas, mas de constituir um cenário que evidencie, discuta e confronte os pontos de vista em pauta à luz do sistema teórico de Vigotski. É reconhecida a necessidade de compor um quadro capaz de apontar problemas, lacunas, controvérsias e possibilidades de avanço no sentido da integração crítica, tendo em vista a construção de uma psicologia geral. Inscrevendo-se nessa caminhada, o presente trabalho assume o objetivo geral de articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito de vivência no contexto da teoria psicológica de Vigotski em trabalhos que se debruçam sobre o tema.

Por fim, faz-se a ressalva de que, mesmo que certas perspectivas de autores cujos trabalhos foram analisados envolvam compreensões diferentes da teoria de Vigotski e projetos de desenvolvimento teórico particulares, a análise foi realizada com base em um referencial comum, a teoria psicológica de Vigotski. Deste modo, é a ênfase nessas articulações e confrontações com a teoria de Vigotski a que se dará atenção no presente trabalho.

10.Aspectos Metodológicos

10.1. Definições da Coleta de Dados

Esta pesquisa compreendeu o esforço inicial de fazer um levantamento geral dos trabalhos que se referiam ao conceito de vivência na teoria de Vigotski publicados até o ano de 2018 (momento da coleta dos materiais) nos idiomas português, inglês, espanhol e francês. A escolha dos idiomas foi feita tendo em vista capacidade de compreensão da pesquisadora e possibilidade de trabalho com os materiais nos referidos idiomas.

Em um primeiro momento, a busca foi realizada por meio do portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que possui ampla cobertura de acesso aos mais importantes periódicos e bases de dados a nível nacional e internacional e, em um segundo momento, através do Google Acadêmico, tendo em vista ampliar e complementar o levantamento anterior, uma vez que esta ferramenta também apresenta ampla cobertura entre periódicos e bases de dados nacionais e internacionais, além

de abranger o acesso a mais variedades de tipos de trabalho, como dissertações, teses e capítulos de livros.

Os trabalhos foram triados tendo em vista a identificação de referências ao conceito de vivência articulado à teoria de Vigotski a partir da leitura dos resumos. A verificação da utilização do conceito em articulação à teoria envolvia elementos como a referência à vivência nos últimos trabalhos de Vigotski ou a referência a dimensões do conceito desenvolvido, como: unidade de análise, unidade dinâmica da consciência, unidade da relação pessoa-ambiente, prisma, relação com a crise das idades e com o significado etc. Quando havia dúvida, o corpo do texto também era verificado.

10.1.1. Descritores Utilizados

Em ambas as plataformas de pesquisa (CAPES e Google Acadêmico) foram utilizados como descritores diferentes nomenclaturas do termo russo: *perezhivanie*, *pereživânie*, *pereghivanie*, *perezivanie*, *perezhivaniya* e *perezhivanija*, sendo as duas últimas formas relativas ao plural do termo. A nomenclatura anglófona *perezhivanie* e portuguesa *pereživânie* são as mais frequentes nos textos que abordam o conceito e foram utilizadas como primeiros descritores, tendo sido as demais formas integradas à pesquisa na medida em que apareciam nas obras identificadas nos sistemas de busca.

Também foi utilizado como descritor o termo “vivência” associado ao nome “Vigotski”. Na plataforma de periódicos da CAPES, “vivencia” foi buscado sem o acento circunflexo, pois dessa forma observou-se que contemplava tanto as versões com acento quanto as sem acento (tendo em vista abarcar as diferenças de escrita entre o espanhol e o português). Já no Google Acadêmico foram buscadas as duas formas separadamente: “vivência” e “vivencia” (ambas entre aspas), pois percebeu-se que a busca restringia os resultados à sua forma precisa. Na plataforma de periódicos da CAPES o nome “Vigotski” foi escrito com caractere especial “*” nos dois “i” (V*gotsk*), a fim de abranger suas distintas nomenclaturas: Vygotsky, Vygotski, Vigotsky, Vigotski. Como não foi encontrada opção semelhante no Google Acadêmico, foram realizadas buscas separadas associando o termo “vivência” (com e sem acento) a cada modo de escrita do nome Vigotski, por exemplo: Vivência / Vivencia + Vigotski / Vygotski / Vigotsky / Vygotsky.

Foram utilizados ainda como descritores termos comumente usados para referir-se à vivência: “emotional experience”, “experiencing” e “lived experience”, em inglês, e ainda “expérience vécue” e “expérience émotionnelle”, em francês, associados ao nome “Vigotski”. Na plataforma de periódicos da CAPES “Vigotski” foi escrito com caracteres especiais, enquanto no Google Acadêmico ele foi buscado separadamente com suas distintas nomenclaturas, conforme exemplo explicitado no parágrafo anterior: Emotional experience / Experiencing / Etc. + Vigotski / Vigotsky / Vygotski / Vygotsky.

Na plataforma de periódicos da CAPES foram ainda utilizados como descritores as expressões vinculadas ao conceito de vivência: “situação social de desenvolvimento” (e suas versões em inglês e espanhol) e “unidade afetivo cognitiva” (e sua versão em espanhol) associadas a “Vigotski” (escrito com caracteres especiais), no entanto essa tentativa apresentou poucos resultados pertinentes diferentes dos já encontrados e não foi reproduzida nas buscas com o Google Acadêmico.

10.1.2. Triagem do Material Levantado

Na plataforma de periódicos da CAPES todos os resultados obtidos da busca com a tradução do termo russo e suas diferentes nomenclaturas foram triados (*pereživânie, perezhivanie, perezhivanie, perezhivanie, perezhivaniya e perezhivaniya*) tendo em vista a abordagem direta do termo em foco e maior pertinência dos resultados encontrados. Por sua vez, os resultados obtidos com os demais descritores (“emotional experience”, “experiencing”, “lived experience”, “expérience vécue”, “expérience émotionnelle”, “situação social de desenvolvimento” e versões em inglês e espanhol, “unidade afetivo cognitiva” e versão em espanhol, todos associados a “Vigotski”, escrito com caracteres especiais), com a exceção de “vivencia”, foram triados até a quinta página de resultados. Este número foi convencionado pela pesquisadora, tendo em vista se tratar de descritores mais amplos envolvendo menor pertinência dos resultados à pesquisa e maior espectro de conteúdos, levando em consideração ainda a hierarquia de relevância estabelecida nos resultados dos mecanismos de busca, o que envolve considerar os primeiros trabalhos como os mais relevantes encontrados. Por fim, os resultados do descritor “vivencia” (associado a Vigotski, escrito com caracteres especiais) foram triados até a décima página, margem dobrada tendo em vista que este descritor cobria tanto trabalhos referentes à nomenclatura

em português “vivência” (com acento) quanto à nomenclatura em espanhol “vivencia” (sem acento), enquanto os demais descritores mencionados referiam-se especificamente à busca no contexto de um idioma específico (português, inglês, francês e espanhol).

Na pesquisa com o Google Acadêmico, os resultados obtidos da pesquisa com a tradução do termo russo e suas diferentes nomenclaturas (*pereživânie*, *perezhivanie*, *pereghivanie*, *perezivanie*, *perezhivaniya* e *perezhivaniya*) foram triados até a décima página. Limite convencionado pela pesquisadora e considerado abrangente na busca dos trabalhos mais relevantes encontrados com o uso dos descritores referidos (representando aproximadamente 100 títulos por termo procurado). Os demais descritores (“vivência”, “vivencia”, “emotional experience”, “experiencing”, “lived experience”, “expérience vécue” e “expérience émotionnelle”) foram pesquisados em combinação com cada uma das quatro nomenclaturas para o nome do autor russo: Vigotski, Vygotski, Vigotsky e Vygotsky, de modo que cada descritor formasse quatro combinações e buscas. Os resultados obtidos na busca com cada combinação foram triados até a quinta página cada um, totalizando 20 páginas de busca por descritor, levando em consideração suas quatro diferentes combinações com o nome “Vigotski”. Este limite também foi convencionado pela pesquisadora e considerado abrangente no contexto da busca dos trabalhos mais relevantes associados aos descritores e combinações usados.

Ainda que as escolhas envolvidas na definição do número de páginas de pesquisa triadas possam envolver perdas, elas foram definidas com critério considerando a pertinência dos resultados encontrados nas buscas, espectro de conteúdos abordados e relevância estabelecida em sua ordem de aparição, correspondendo a uma fatia de maior destaque do universo dentro das condições de pesquisa apresentadas. É importante notar ainda que, ao longo da pesquisa, diversos títulos de trabalhos se repetiram e a aparição de diferentes trabalhos pertinentes foi se tornando mais escassa a cada página de busca, o que aponta para um certo esgotamento das produções de interesse trazidas nas pesquisas com os descritores.

10.2. Primeiros Resultados e Classificação

No total, foram selecionados 211 trabalhos entre artigos, dissertações, teses e capítulos de livros que se referiam à vivência enquanto conceito articulado à teoria de Vigotski.

Trabalhos que apenas mencionavam o conceito ou nos quais a referência era pouco expressiva e/ou periférica à discussão trazida não foram considerados para análise.

Este primeiro momento envolveu uma categorização inicial do material coletado em função do modo de abordagem do conceito de vivência. Foram estabelecidas três grandes categorias: 1) A primeira envolveu trabalhos que abordavam o conceito de vivência como **foco de discussão**, debruçando-se sobre o conceito, abarcando essencialmente trabalhos de caráter teórico; 2) A segunda contemplou os trabalhos que utilizavam o conceito de vivência tratando-o como **unidade de análise ou fenômeno** a ser explorado na pesquisa empírica; 3) Por fim, a terceira abrangeu aqueles trabalhos em que a vivência constituía um **elemento teórico central**, sendo uma lente teórica importante nas discussões e investigações propostas, chegando a dialogar, muitas vezes, com outras perspectivas, porém sem configurar foco de discussão, fenômeno ou unidade de análise da investigação.

Dos 211 trabalhos coletados, 47 trataram da vivência como foco de discussão, 55 utilizaram o conceito como unidade de análise ou fenômeno a ser explorado na pesquisa empírica e em 109 trabalhos a vivência constituiu um elemento teórico central abordado.

10.3. Objetivos e Delineamento da Pesquisa

Antes de tudo é necessário destacar que a categorização dos trabalhos definida envolveu uma perspectiva inicial de estudos em diferentes blocos (que não serão especificados aqui), dos quais foi determinado um recorte para a presente tese com base nas questões e necessidades explicitadas no capítulo 9, “Desafios Implicados”.

Diante dos desafios envolvidos na compreensão do conceito de vivência na teoria de Vigotski, crescimento de sua utilização no contexto da pesquisa, diversidade de interpretações e entendimentos parciais ou fragmentados, além do reconhecimento da necessidade de discussão e confrontação das diversas compreensões do conceito na teoria de Vigotski e seus fundamentos, o objetivo geral desta tese é: articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito de vivência no contexto da teoria psicológica de Vigotski em trabalhos que se debruçam sobre o tema. Nesse contexto, o recorte utilizado foi o dos trabalhos que abordam a vivência enquanto foco de discussão, tendo em vista que

eles se debruçam centralmente sobre este conceito, abordando as suas compreensões e discussões subjacentes de forma mais direcionada.

Como objetivos específicos, buscou-se: 1) fazer o levantamento dos trabalhos que se debruçam sobre o conceito de vivência na teoria de Vigotski como foco de discussão; 2) identificar as compreensões e discussões subjacentes relativas ao conceito de vivência envolvidas nos trabalhos analisados; 3) identificar os eixos gerais de articulação destas compreensões e discussões referidas; 4) articular e confrontar as discussões envolvidas nos eixos encontrados tendo em vista a conexão com o sistema teórico de Vigotski e seus fundamentos.

10.4. Caracterização da Amostra

Conforme referido na seção 10.2, foram levantados 47 trabalhos que abordam o conceito de vivência como foco de discussão, dos quais serão analisados 43 materiais, ficando de fora 4 trabalhos. Três dos quais constituem teses/dissertações que geraram artigos já contemplados no material analisado, de modo que suas ideias principais constarão na tese, e um trabalho que constitui uma compilação de trechos avulsos provenientes de diferentes fontes e autores sobre o conceito de vivência, muitos dos quais já contemplados na amostra, de modo que o documento não foi considerado para análise.

Foram ainda incluídos dois novos trabalhos que não haviam sido identificados nas buscas, mas foram citados em alguns materiais, revelando pertinência e importância para a discussão, somando o total de 45 trabalhos analisados, os quais podem ser vistos na tabela em anexo ao fim deste documento, a qual contém informações referentes ao título dos trabalhos, autores, ano de publicação e suporte de publicação utilizado (revista, livro).

Fazendo uma breve descrição do material, constata-se que ele abarca artigos contemplados nos números especiais das revistas “Mind, Culture and Activity” e “International Research in Early Childhood Education” sobre o conceito de vivência, ambos publicados em 2016, correspondendo respectivamente a 16 e 5 trabalhos. Também estão contempladas 4 produções do livro “Perezhivanie, emotions and subjectivity” que tem como editores os pesquisadores Marilyn Fler, Fernando González Rey e Nikolai Veresov. Juntos, os trabalhos mencionados somam mais da metade do total de produções analisadas (25

documentos), situação coerente com a proposta dos números das revistas e do livro no recorte utilizado, que apresentam como foco de discussão o conceito de vivência, suas compreensões, articulações à teoria e discussões envolvidas.

10.5. Processo de Análise

Tendo em vista o objetivo de articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito de vivência no contexto da teoria do desenvolvimento de Vigotski nos trabalhos que se debruçam sobre o tema, os 45 materiais triados foram lidos em sua integralidade e marcados a fim de destacar as compreensões relativas ao conceito de vivência referidas e discussões envolvidas. Em seguida, houve a retomada dos materiais para a elaboração de resumos das compreensões e discussões identificadas nos textos relativas ao conceito de vivência. Em um terceiro momento foi feita a identificação com código de cores, nos resumos, dos diferentes eixos de articulação distinguidos. Por fim, os segmentos identificados foram reunidos por eixo de pertencimento a fim de dar início ao processo de encadeamento, confrontação e discussão entre as ideias dos autores e conteúdo do sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos. Foram identificados o total de oito eixos de articulação de compreensões e discussões subjacentes referentes ao conceito de vivência.

O processo referido no parágrafo anterior se amparou especialmente na leitura dos textos de Vigotski referentes ao conceito de vivência e no esforço de recapitulação do conjunto de sua obra e fundamentos filosóficos. Também foi dado enfoque às compreensões de personalidade e consciência, suas relações e desenvolvimento, essencial para a articulação ao conceito de vivência no sistema teórico do autor, já que ele se refere à unidade dinâmica da consciência e unidade da relação pessoa-meio. Nesse contexto foram abarcadas as elaborações sobre os sistemas psicológicos, a dinâmica dramática do desenvolvimento e o processo de significação na constituição da personalidade consciente. Abordaram-se produções de Vigotski bem como trabalhos de estudiosos da obra do autor tendo em vista esboçar um panorama sintético com focos de aprofundamento de seu sistema teórico. Procurou-se tecer pontos de confrontação e articulação dos materiais analisados à teoria do autor, os quais poderão ser aprofundados e desdobrados em trabalhos posteriores.

11. Resultados e Discussão

Durante o processo de leitura dos trabalhos e identificação das compreensões atribuídas ao conceito de vivência, discussões subjacentes e relações com a teoria de Vigotski e seus fundamentos, foram verificadas diferentes referências ao conceito abordado: vivência enquanto “unidade da personalidade e do meio”, “unidade dinâmica da consciência” e “prisma refrator”, conforme mais claramente explicitado por Vigotski nos seus textos, mas ainda vivência como “função psicológica”, “órgão de seleção perceptual da consciência e personalidade”, “atividade”, “unidade da situação social de desenvolvimento”, “unidade da personalidade”, “unidade do desenvolvimento da personalidade”, “unidade psicológica do desenvolvimento humano”, “unidade sistêmica personalidade/meio”, “unidade/identidade da pessoa e meio”, “formação psicológica da personalidade”, “unidade afetivo-cognitiva”, “significado mediador”, “vivência dramática”, “conceito versus fenômeno”, dentre outras variações similares às aqui mencionadas.

Muitas destas compreensões aparecem no interior dos mesmos trabalhos, não sendo necessariamente excludentes, mas diversas vezes expressando com mais ênfase diferentes dimensões deste complexo conceito. A diversidade encontrada fortalece a justificativa pela necessidade de articular, discutir e confrontar as múltiplas compreensões sobre o conceito de vivência no contexto da teoria do desenvolvimento de Vigotski. Este trabalho resultou na identificação de oito eixos de articulação que serão abordados nas seções a seguir, são eles: A vivência como função psicológica; A vivência como atividade; A vivência como unidade afetivo-cognitiva; A vivência como prisma refrator; A vivência como unidade do desenvolvimento humano; A vivência como unidade da consciência; A vivência como vivência dramática; A vivência como conceito versus fenômeno.

Os eixos de articulação referidos revelam distintas dimensões e discussões a respeito do conceito de vivência nos trabalhos analisados favorecendo uma visão mais ampla do contexto que potencialmente envolve compreensões, convergências e divergências, possíveis avanços, lacunas, inconsistências e controvérsias à luz do sistema teórico de Vigotski e de seus fundamentos. Este processo contribui no caminho de busca pela integração crítica das produções referentes ao conceito de vivência e ao sistema teórico de Vigotski no campo da pesquisa e intervenção tendo em vista o desenvolvimento de uma psicologia geral. Esta

integração crítica envolve a perspectiva de ampliação da consciência sobre controvérsias, lacunas e equívocos, além de possibilidades de avanço e integração de oposições encontradas tendo como base o sistema teórico de Vigotski e seus princípios norteadores. Os resultados e discussões trazidos são também convites para aprofundamentos e desdobramentos no sentido referido.

11.1. A vivência como função psicológica

Blunden (2016a; 2016c) e Mescheryakov (2017) expressam a compreensão da vivência como função psicológica que se desenvolve na ontogênese de formas involuntárias e diretas até formas superiores com status de ação ou atividade. Essa dimensão em desenvolvimento da vivência é abordada por diferentes autores (Blunden, 2016a; 2016c; Fakhrutdinova, 2010; Jornet e Roth, 2016; Mescheryakov, 2017; Toassa & Souza, 2010). Na medida em que se compreende a vivência como unidade dinâmica da consciência dentro de um entendimento sistêmico do psiquismo como todo orgânico que envolve mudanças e reorganizações, é possível reconhecer seu caráter dinâmico, em desenvolvimento. Se o sistema da consciência e personalidade se desenvolve, também é compreensível que se desenvolva a vivência que o representa e materializa. Jornet e Roth (2016) trazem, ao se referir à vivência, que unidades de análise (status do conceito de vivência na teoria de Vigotski) são concretas, dinâmicas, todos vivos que incluem a mudança e o tempo como aspectos internos, constituindo, portanto, caráter de processo concreto.

Fakhrutdinova (2010) destaca que diferentes pensadores entendem que a consciência do mundo vem em forma de experiência imediata (o que retoma a definição do termo vivência para a psicologia tradicional soviética), compreendendo que pela vivência a existência humana na ontogênese se desenvolve, se forma e é transformada. Esta compreensão condiz com a ideia de vivência articulada ao sistema psicológico que se desenvolve a partir de formas involuntárias e diretas (básicas, primárias), como refere a ideia de experiência imediata, que depois vão se enriquecendo, se complexificando e reorganizando. Toassa e Souza (2010) abordam as vivências como conceito-coringa que delimita a relação com o mundo desde o nascimento (compreensão abarcada pela ideia de experiência imediata), relação esta que se complexifica com a estruturação dos sistemas psicológicos (consciência e personalidade), cuja desagregação (como no caso da

esquizofrenia) também impacta nas vivências. Tal compreensão destaca o caráter dinâmico e sistêmico da vivência, propriedades da função psicológica como sistema de relações em desenvolvimento. Por fim, Michell (2016) define a vivência como órgão de seleção perceptual da consciência e personalidade, o que também permite conceber um caráter em desenvolvimento de formas primárias nos mecanismos dessa seleção perceptual até formas mais complexas, instância ao mesmo tempo produto e produtora das relações com o meio.

Del Cueto (2015) entende que a vivência orienta a ação no mundo, compreensão também trazida por Bozhovich (2009/1968), que acrescenta que além da função orientadora, a vivência se torna vetor de produção de outras vivências, o que envolve a dimensão em desenvolvimento da vivência e a ideia dialética de processo constituído nas relações com o meio e transformador do meio e das relações.

Está em pauta a compreensão da dimensão concreta e dinâmica da vivência enquanto unidade da consciência articulada dialeticamente ao meio e à personalidade no sistema psicológico. Perspectiva em acordo com a compreensão expressa por Delari Jr (2010), que entende a unidade de análise como realidade material dinâmica. Trata-se da vivência como instância dialética que expressa, materializa e mobiliza a relação da personalidade com o meio.

A identificação da vivência a uma função psicológica só pode ser feita na medida em que se consideram as funções psicológicas no contexto do sistema mais amplo da consciência e personalidade (função como sistema de relações), tendo em vista a vivência como unidade do sistema psicológico da consciência e personalidade. Deste modo estaríamos nos referindo à vivência/consciência como função das funções, expressa em situação. O presente objetivo não é tecer posições categóricas, mas de convidar à reflexão sobre o que pode envolver a compreensão da vivência enquanto função psicológica no sistema teórico de Vigotski e potenciais articulações envolvidas. Tal compreensão pode também envolver riscos, sobretudo se considerada fora das articulações do sistema da personalidade e consciência.

11.2. A vivência como atividade

Blunden (2016b; 2016c) apresenta uma concepção da vivência como atividade que se liga a projetos de vida e que envolve o processamento, trabalho de elaboração e assimilação de experiências à personalidade, assumindo uma perspectiva de busca por dominar/controlar

(*master*) a vivência. O autor contrasta a percepção de vivência como atividade à sua compreensão como processo de contemplação passiva, referente à psicologia tradicional da época (Blunden, 2016b). Clarà (2016a) identificou a compreensão da vivência por diferentes autores como *struggle* (luta, batalha), referindo-se ao trabalho interno conduzido diante de uma situação crítica na busca do equilíbrio psicológico. O autor entende que essa concepção se refere à compreendida por Vasilyuk e considera que Blunden trabalha com esse significado, o que é coerente tendo em vista a acepção de Vasilyuk da vivência como processo psíquico de superação interior de situações adversas (o que é abordado no contexto da clínica psicoterapêutica), tratando a vivência como atividade. Clarà (2016b) destaca que a vivência de Vasilyuk seria um tipo especial de atividade, o que também é referido por Blunden (2016a), diferenciando-a da vivência de Vigotski que, segundo sugerido pelo autor, seria um tipo especial de significado. Blunden (2014b) também faz uma divisão na concepção de vivência ao sugerir que se use este termo (vivência) para designar a experiência e o termo *catarse* para referir-se ao trabalho sobre a vivência.

Mok (2017) considera que a visão de vivência como atividade mental ecoa na noção de Stanislavski, o que é destacado por Blunden (2016b) ao trazer que o ator e diretor russo tomou a vivência como atividade ao se referir a ela como unidade do trabalho do ator. A perspectiva de Vasilyuk, conforme trazido no parágrafo anterior, também reforça a visão de vivência como atividade mental. Mok (2017) refere que estas apreensões se alinham à compreensão de vivência na *catarse*, referindo-se à elaboração de Vigotski em “Psicologia da Arte”, no entanto contrasta essas percepções com a desenvolvida pelo autor nas suas últimas produções, em que é destacada a relação do sujeito com o meio. González-Rey e Mitjans Martínez (2016) citam um trecho de Vigotski enfocando a compreensão do autor de que vivência e atividade são conceitos diferentes:

A criança é uma parte da situação social, sua relação com o entorno e a relação deste com ela se realiza através da **vivência e da atividade** da própria criança. (Vigotski, 1933-34/2006, p. 7, destaque nosso).

A compreensão de vivência como atividade é controversa e não-unânime, além de embasar-se fundamentalmente nas percepções de outros autores, deixando em segundo plano os trabalhos de Vigotski, sobretudo suas últimas produções. As diferenciações na

compreensão da vivência feitas por Blunden (2014b): vivência para se referir à experiência e catarse para se referir ao trabalho sobre a vivência; E por Clarà (2016b): vivência de Vasilyuk como tipo especial de atividade e vivência de Vigotski como tipo especial de significado, revelam problemas de clareza nessa compreensão do conceito. No entanto, o que pode ser destacado aqui é o caráter enfatizado da dimensão ativa de elaboração e transformação compreendida na vivência em situações de conflito e tensão nas trajetórias de vida dos sujeitos.

Na seção anterior foi assinalada a compreensão de vivência como função psicológica que se desenvolve na ontogênese a partir de formas involuntárias e diretas até formas superiores com status de ação ou atividade (Blunden, 2016a; 2016c; Meshcheryakov, 2017). Nesse sentido, cabe questionar se o reconhecimento da dimensão ativa e produtiva que a vivência apresenta e/ou pode desenvolver na ontogênese a caracterizariam como atividade ou se isso reduz a amplitude da sua compreensão. O presente trabalho é favorável ao entendimento de vivência como uma unidade sistêmica que envolve regulações voluntárias e involuntárias ao invés de sua mera identificação como atividade. Nesse sentido, Vigotski faz referência aos lados passivo e ativo da vivência, (Zavershneva & Van der Veer, 2018).

Nesta seção não foram feitas relações com a compreensão de atividade na teoria de Vigotski. Estas conexões necessárias ficarão em aberto para desdobramentos em outros trabalhos.

11.3. A vivência como unidade afetivo-cognitiva

É comum a definição da vivência como unidade que integra afeto e cognição (Gonzalez-Rey, 2000; 2016a; 2016b; Fariñas-Leon, 1999; Del Cueto, 2015; Meshcheryakov, 2016). Bozhovich (2009/1968) compreende a vivência como experiência emocional e relação afetiva da criança ao meio, concepção com a qual Veresov (2016b) se contrapõe, sinalizando que a vivência não deve ser reduzida à compreensão afetiva, tratando-se de um nexo complexo de processos psicológicos que incluem emoções, processos cognitivos, memória, volição etc. Blunden (2016c) também destaca que a vivência é um todo, não uma soma, e reconhece a necessidade de agregar demais processos psicológicos à sua compreensão, como a memória, atenção e motivação. Meshcheryakov (2010) assinala que a vivência não se limita à atitude afetiva em relação ao meio, como compreende Bozhovich, considerando que não

faz sentido atribuir uma dimensão puramente afetiva à unidade de análise em que estão representadas a personalidade e a situação. Este autor entende que existe uma dupla-refração emocional e cognitiva do meio na vivência. De forma similar, Del Cueto (2015) enfatiza que o conceito reflete a relação afetiva e cognitiva com a realidade, Gonzalez-Rey (2000; 2016a; 2016b) ressalta igualmente esta dimensão integrativa.

Sintetizando o entendimento de outros autores, Mok (2017) traz a reflexão de que ao capturar a unidade do pensamento e emoção, a vivência evita a simples categorização dos processos mentais como cognitivos ou afetivos. Vigotski (2018/1935), ao compreender a vivência como a forma em que a criança “toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado acontecimento” (p.77), integra em sua compreensão as dimensões referidas.

Diversos estudos enfatizam a natureza emocional da vivência sem conexão clara ao intelecto ou ao desenvolvimento da consciência e personalidade humanas (Michell, 2016), o que não se evidencia tanto nos textos selecionados no quadro desta tese, os quais se debruçam especificamente sobre o conceito de vivência no contexto da teoria de Vigotski. No entanto, a posição mencionada pode ser mais facilmente encontrada em trabalhos que abordam o conceito de vivência sem maior aprofundamento ou preocupação integrativa para tecer relações em nível teórico e/ou empregá-lo no campo da pesquisa empírica, situação que se insere no fenômeno da fragmentação e das múltiplas verdades atribuídas ao conceito de vivência.

Mok (2016; 2017) questiona a possibilidade de estabelecer se a vivência se refere primariamente e pré-analiticamente à emoção ou aos processos intelectuais, sugerindo que o aspecto da consciência que caracteriza a vivência, seu determinante decisivo, só pode ser determinável após análise, tratando-se de uma questão de descoberta empírica. Levando em consideração a perspectiva do sistema psicológico, mais do que um ou outro processo, o que importa na definição da vivência são as relações envolvidas na situação. Nesse sentido, Roth e Jornet (2016) destacam que, em uma vivência, qualquer parte distinguível só adquire significância pessoal em relação ao fato psicológico integral, o todo. Portanto, qualquer dimensão da vivência percebida deve ser analisada no contexto de suas relações com o todo representado na situação.

A maior parte dos trabalhos referidos destaca a compreensão integrativa afetivo-cognitiva da vivência, no entanto também são referidas ênfases e apresentados questionamentos sobre a predominância de um ou outro processo na sua análise. É certo que a vivência enquanto unidade do sistema da personalidade e consciência compreende em si a dimensão integrativa das relações estabelecidas entre os processos psicológicos no seio da personalidade consciente, os quais se atravessam mutuamente. Alguns riscos envolvidos na compreensão da vivência como unidade afetivo-cognitiva, tendo em vista possíveis distanciamentos ou má-interpretações da teoria, são: 1- considerar a “unidade afetivo-cognitiva” (ou de outros processos) como relações de interação externa, ignorando seu caráter dialético e integrativo; 2- perder de vista a totalidade envolvida na situação ao considerar a vivência, transformando-a em um conjunto de processos e funções sem referência a uma consciência, uma personalidade em situação.

11.4. A vivência como prisma refrator

Mais especificamente a compreensão de vivência como prisma refrator é realizada por Veresov (2016a; 2016b; 2017) e Veresov e Fler (2016b). No entanto, diferentes autores (González-Rey, 2016b; 2016c; González-Rey & Mitjans Martínez, 2016; Fler, González-Rey & Veresov, 2017a; 2017b; Jornet & Roth, 2016; Roth & Jornet, 2016; Veresov, 2016a; 2016b; 2017; Veresov & Fler, 2016b) reconhecem na concepção de vivência e na ideia de prisma refrator, a busca de Vigotski pela superação do determinismo mecanicista do social sobre a psique. Esta dimensão se evidencia na preocupação de Vigotski com a questão do meio no desenvolvimento, compreendendo este último não como indicador absoluto, mas relativo, ou seja, considerando a influência do meio a partir de sua relação com a criança.

Os autores mencionados no parágrafo acima reconhecem ainda no conceito de vivência e na ideia de prisma refrator, a superação da ideia de reflexo da realidade na consciência e de internalização das funções psicológicas superiores. Gonzalez Rey e Mitjans Martínez (2016) e Roth e Jornet (2016) entendem a vivência e a ideia de refração como elementos que marcam um novo tipo de pensamento na teoria de Vigotski, destacando seu caráter monista e integrador da lógica dialética do desenvolvimento, o que se relaciona com a compreensão sistêmica da personalidade e consciência no último momento de sua produção.

González-Rey (2016b) destaca que a compreensão do processo de internalização das operações externas como central para a formação das funções psicológicas superiores, considerado no período “instrumental” da teoria de Vigotski, exclui o sujeito das funções de sua participação. Jornet e Roth (2016) e Roth e Jornet (2016) também compreendem como problemática a ideia de internalização no contexto de uma teoria monista (de princípios materialistas-dialéticos), já que qualquer traço do meio que se considere internalizado, na verdade já é constitutivo da vivência.

A ideia de prisma introduz um novo princípio fundamental, o da refração, o qual desafiaria o princípio da reflexão (Veresov, 2016a; 2016b; Veresov & Fleer, 2016b; Fleer, González-Rey & Veresov, 2017b). Para compreender a ideia de refração, Mok (2016) chama atenção para sua significância filosófica e metodológica como continuação e especificação da teoria leninista da reflexão, sendo este um princípio central da filosofia soviética e herança esquecida nas interpretações ocidentais sobre o trabalho de Vigotski. Lenin teria reformulado sua versão da teoria da reflexão em termos materialistas dialéticos, compreendendo consciência e realidade como partes conectadas em uma unidade, transformando uma à outra em constante movimento e contradição (Mok, 2016). Mok (2016) destaca a metáfora da refração como especificação da tese filosófica geral da reflexão para responder a questões particulares da psicologia, constando na refração as contribuições concretas e produtivas da consciência na determinação/mediação do efeito do meio no desenvolvimento, compreendendo que o meio é refratado pelo indivíduo (sua consciência/prisma).

De acordo com González-Rey (2016b), a ideia de reflexo da realidade na consciência compreende um efeito psicológico imediato e direto das influências objetivas externas, o que configuraria uma relação causa-efeito. No mesmo sentido, Veresov (2016a; 2016b) se refere ao dualismo envolvido no princípio da reflexão, que conecta estímulos e respostas, externo e interno, como domínios separados. Jornet e Roth (2016) entendem que, no quadro de uma teoria, a relação entre pessoa e meio não pode ser do tipo causa-efeito, mas transacional, termo usado para descrever sistemas, envolvendo a impossibilidade de separar características da pessoa e situação, pois cada uma está envolvida na especificação da outra respectiva.

Fakhrutdinova (2010) cita pesquisadores russos ao trazer a compreensão da reflexão como unidade da consciência e chamar atenção para a consideração do componente refletor

da mente, o qual transforma ativamente a realidade refletida, que é refratada pelos níveis de hierarquia cognitiva do sujeito, o que constituiria a vivência. A autora entende que a vivência (representada na refração) junto com a reflexão compõem um sistema, formam uma unidade no contexto da consciência. Delari e Passos (2009) também se referem à vivência como unidade que reflete e refrata o seu todo, a relação com o meio.

A ideia de refração na vivência é destacada por todos os autores citados, seja como processo que desafia o princípio da reflexão e o dualismo e determinismo envolvidos nessa compreensão, seja como especificação para o contexto da psicologia e complexificação da dimensão refletora da consciência. A refração compreende as relações dialéticas do social e individual no processo de desenvolvimento (Fleer, González-Rey & Veresov, 2017a; Veresov, 2016a), entendendo a co-dependência das dimensões interpsicológicas e intrapsicológicas (Veresov, 2016a).

No entanto, González-Rey e Mitjans Martínez (2016) também fazem uma crítica à ideia de refração, considerando que entendê-la como principal função da vivência retorna a uma fórmula mecânica que perde de vista a unidade psicológica. Os autores referidos continuam o raciocínio entendendo a compreensão das influências externas (na refração) como unilaterais, que não mudam qualitativamente e apenas desviam o curso em função das características psicológicas da criança, ao invés de considerá-las em sua dinâmica relacional. Os autores sinalizam o perigo de usar a refração apenas como prisma através do qual as influências externas são refratadas sob pena de voltar ao esquema dualista sujeito-objeto, em que se perde a criança como sujeito ativo das relações sociais e volta-se a uma ideia de união externa pessoa e meio.

Compreender como a influência social do meio é refratada pela vivência envolve compreender a vivência como formação da personalidade organizada durante a ação em curso na qual o indivíduo está engajado (Gonzalez-Rey, 2016c). De acordo com o autor, a vivência precisa emergir como parte da personalidade, parte de um sistema psicológico. De modo semelhante, Blunden (2014a) traz a compreensão da vivência como manifestação do todo da personalidade, ainda que se possa entender que se trata do todo da personalidade expresso em situação e não sua totalidade completa. Levando em consideração a relação entre consciência e personalidade, desenvolvida no capítulo 6, fica evidente que a vivência como

unidade dinâmica da consciência expressa e materializa o sistema psicológico da personalidade.

Vigotski (1936/2018) faz referência à necessidade de a pedagogia encontrar o prisma que refrata a influência do meio no desenvolvimento, compreendendo-o como a relação entre a criança e o meio, sua vivência, a forma como a criança toma consciência, concebe e se relaciona com determinado acontecimento. Este seria o prisma que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento psicológico (Vigotski, 1935/2018). É possível perceber que “prisma” aparece como outra palavra para “vivência” ou “relação personalidade-meio”, no entanto ele agrega ou enfatiza sua função refletora/refratora (determinante) da influência do meio no desenvolvimento da personalidade, evidenciando seu caráter produtivo, generativo.

Os entendimentos mencionados da vivência enquanto refratada pelos níveis de hierarquia cognitiva (Fakhrudinova, 2010), pelo indivíduo e pelas contribuições concretas e produtivas da consciência (Mok, 2016), ou ainda pela organização psíquica atual da criança (González-Rey, 2016b), referem-se à compreensão do sistema psicológico como prisma, instância que refrata a relação com o meio de forma dinâmica. Mais precisamente é possível argumentar que o que atua como prisma, no caso da vivência, é a relação do sistema psicológico com o meio, como unidade dialética. Se esta especificação não for feita, fica fácil incorrer na compreensão dualista de interação externa personalidade-meio apontada por González-Rey e Mitjans Martínez (2016).

Não se trata, nesta seção, de definir a vivência como prisma refrator, mas de compreender se esta dimensão agrega ou não à compreensão do conceito de vivência na teoria de Vigotski e o que agrega. Neste caso, considera-se que esta dimensão agrega à discussão, apontando possíveis afinamentos de Vigotski na compreensão da vivência como prisma que reflete/refrata a influência do meio no desenvolvimento e evidenciando sua dimensão produtiva/generativa. Cabe também ressaltar a compreensão de que o que refrata a influência do meio não é o sistema psicológico passivamente, mas a sua relação com o meio, enfatizando o caráter dialético e dinâmico da vivência.

Não foi feita uma busca sobre as compreensões de reflexão e refração nos trabalhos de Vigotski, perspectiva necessária para futuros desdobramentos. Cabe destacar ainda que a

refração da vivência, sua dimensão produtiva/generativa, envolve, como assinalado por Vigotski (1935/2018) a forma como se toma consciência, concebe e se relaciona com determinado acontecimento. Ou seja, envolve o processo de significação em sua relação e desenvolvimento no sistema em situação.

11.5. A vivência como unidade do desenvolvimento humano

Diversos autores referem-se explicitamente à vivência como unidade da situação social de desenvolvimento (Bozhovich, 2009/1968; Cole & Gajdamschko, 2016; Del Cueto, 2015; Fleer, González-Rey & Veresov, 2017b; González-Rey, 2000; 2016b; González-Rey & Mitjans Martínez, 2016; Veresov, 2016b; Veresov & Fleer, 2016a), enquanto outros reconhecem a relação próxima entre ambos os conceitos na teoria de Vigotski (Jornet & Roth, 2016; Michell, 2016; Mok, 2016; Roth & Jornet, 2016). Mok (2016) destaca que Bozhovich conectou explicitamente a vivência com o conceito de situação social de desenvolvimento e entende que vem da autora a compreensão reproduzida por outros autores de vivência como unidade de análise da situação social de desenvolvimento, o que se observa claramente nos trabalhos de González-Rey.

Mok (2016) assinala que a vivência não deve ser entendida como unicamente aplicável à compreensão da situação social de desenvolvimento, tratando-se de uma unidade ou um “ponto de referência” estável para conceitualizar o papel de desenvolvimento do meio em geral, sendo a situação social de desenvolvimento um tipo particular, útil para caracterizar a idade psicológica. Mok (2016) compreende que a situação social de desenvolvimento e a vivência compartilham semelhanças, mas servem a propósitos analíticos distintos: enquanto a situação social de desenvolvimento responde a demandas normativas, de generalização (relacionada à dinâmica das idades), a vivência pode ser útil para o estudo do desenvolvimento de indivíduos em particular. O autor considera que os conceitos se informam mutuamente e caracterizam a relação indivíduo-meio para diferentes propósitos e de perspectivas diferentes.

Por sua vez, Blunden (2016c) critica a compreensão de vivência como unidade de análise da situação social de desenvolvimento por considerar esta última como produto da análise no estudo do desenvolvimento da criança. No entanto, o autor faz referência à

vivência como unidade do desenvolvimento da personalidade/pessoa, unidade do desenvolvimento pessoal (Blunden, 2014b; 2016b; 2016c).

Diversos autores trazem a ideia de vivência como unidade do desenvolvimento humano/personalidade, através de referências como: unidade do desenvolvimento, unidade do desenvolvimento psíquico, unidade psicológica do desenvolvimento humano, unidade psicológica do desenvolvimento infantil, unidade da formação da personalidade, unidade do desenvolvimento da pessoa como um todo, unidade do desenvolvimento pessoal, categoria universal do desenvolvimento humano, célula do desenvolvimento humano, unidade do desenvolvimento da psique da criança (Blunden, 2014b; 2016b; 2016c; Cole & Gajdamschko, 2016; González-Rey, 2000; 2016b; González-Rey & Mitjans Martínez, 2016; Jornet & Roth, 2016; Michell, 2016).

A partir da leitura de Vigotski (1933-34/2006), conforme trazido no capítulo 8, considera-se possível compreender que a situação social de desenvolvimento, representada pela unidade dos elementos pessoais e ambientais de uma idade crítica, se realiza a partir de uma série de vivências da criança. Considera-se que elas põem em movimento, constituem, a situação social de desenvolvimento. Nesse sentido, seria possível dizer que as vivências configuram unidades de análise da situação social de desenvolvimento.

Reforçando esta posição, Vigotski (1935/2018) refere-se explicitamente à vivência como “um conceito que permite a análise das leis do desenvolvimento do caráter (personalidade) e o estudo do papel e influência do meio no desenvolvimento psíquico da criança” (p. 79).

Constatou-se ainda que Vigotski utilizou as vivências, articuladas ao conceito de situação social de desenvolvimento, no estudo da dinâmica das idades. O autor declara a respeito de uma idade específica:

Vamos nos deter, antes de tudo, à relação da criança com a realidade exterior, com o meio exterior. Temos uma série de momentos que devemos examinar para compreender a relação da criança com a realidade exterior nesta etapa do desenvolvimento. (Vigotski, 1930-31/1996, tradução nossa, p. 265)

Na primeira frase, Vigotski diz precisar se deter à relação da criança com a realidade exterior, podendo estar se referindo à situação social de desenvolvimento, compreendida como o sistema de relações da criança de determinada idade com seu meio social (Vigotski, 1930-31/1996). No entanto, na segunda frase o autor destaca que há uma série de momentos que deve examinar para compreender a relação da criança com o meio. Neste segundo caso, Vigotski parece estar se referindo às vivências que constituem o sistema de relações da personalidade com o meio. Tal situação poderia configurar a vivência como unidade de análise da situação social de desenvolvimento, ainda que não seja unicamente aplicável a ela.

A consideração, em muitos trabalhos, da vivência como unidade do desenvolvimento da personalidade/consciência, pode estar implicada na compreensão da vivência como unidade da situação social de desenvolvimento, uma vez que ela se refere ao estudo do desenvolvimento da personalidade consciente da criança. A compreensão da vivência como unidade do desenvolvimento humano pode envolver tanto uma perspectiva geral (das idades) ou particular (do indivíduo), como nota Mok (2016), sem perder de vista que ambas as dimensões estão imbrincadas uma na outra.

Roth e Jornet (2016) abordam que a vivência promove a ontogênese, tratando-se de uma unidade generativa, produtiva. Ressaltando igualmente o papel da vivência no desenvolvimento, Fakhrutdinova (2010) destaca que Vigotski compreendeu o desenvolvimento no curso da vida humana como a história da vivência que molda a personalidade. De modo semelhante, Blunden (2016c) entende que a personalidade seria o produto da vivência da vida, trazendo as vivências como unidades da nossa autobiografia.

Vigotski (1935/2018) destaca que “(...) as especificidades constitutivas da pessoa ou da criança parecem ser mobilizadas por uma vivência na qual se precipitam e se cristalizam.” (p. 79). Esta posição envolve a compreensão de que as vivências movimentam, expressam e materializam as particularidades da criança no contexto de sua relação com o meio, o que lhes agrega caráter dinâmico, produtivo, desempenhando papel na definição dos modos de relação ao meio. De forma mais direta, Vigotski (Zavershneva & Van der Veer, 2018) destaca que “A personalidade se desenvolve a partir das vivências” (p. 408), reforçando a visão molecular das vivências no desenvolvimento da personalidade. Tal compreensão nos aproxima da consideração da vivência como unidade generativa produtora da ontogênese,

unidade que molda a personalidade ou ainda unidade de análise, constitutiva, da situação social de desenvolvimento. Nesse contexto, o importante é não perder de vista as relações que ela sinaliza, expressa e materializa na dinâmica da relação entre personalidade e meio. Não se deve considerar a vivência isoladamente ou unicamente de forma subjetiva, mas procurar entender as relações que ela articula e sintetiza nas diferentes situações.

No desenvolvimento da personalidade consciente, a vivência expressa e materializa o desenvolvimento do sistema semântico no horizonte da tomada de consciência e das regulações voluntárias. Desta perspectiva, a vivência pode ser compreendida como unidade generativa promotora da ontogênese, no sentido de que ela compreende, expressa e materializa o sistema semântico, a relação da personalidade com o meio, o processo de significação e as contradições do drama do desenvolvimento. Além disto, deduz-se que as vivências também se referem às diferentes formas de constituição do sistema personalidade/consciência, incluindo seus processos de desintegração, adoecimento psíquico e condições atípicas de desenvolvimento. As vivências abarcam as diferentes formas de constituição da personalidade/consciência.

No contexto da dinâmica das idades, as vivências são utilizadas como unidade de análise da situação social de desenvolvimento, tendo em vista investigar os processos das idades críticas, os pontos de transformação e viragem neste drama do desenvolvimento. O que importa não é a vivência em si, mas as relações que ela expressa e materializa, os processos a que se refere, que lógica a subjaz.

11.6. A vivência como unidade da consciência

Vigotski define a vivência como unidade dinâmica da consciência e se refere a ela como unidade em que estão representadas características da personalidade e do meio, expressando e materializando a sua relação. Veresov (2016b) questiona à qual totalidade a unidade básica da vivência responde, se à totalidade representada pela consciência ou à totalidade representada pela relação personalidade e meio, questionando se ambas tratam do mesmo fenômeno e concluindo não haver indícios nos textos de Vigotski de tal relação. No entanto, a leitura dos textos do autor e compreensão de seus fundamentos realizada na presente tese apontam outra direção, conforme explicitado no capítulo 8. Vigotski (1933-34/2006) faz alusão à consciência como relação da criança com o seu meio, referindo-se de

forma semelhante em outros trabalhos (Vigotski, 1930-31/1996; 1935/2018). Zavershneva e Van der Veer (2018) destacam ainda que Vigotski compreende a consciência como aberta ao mundo e impensável fora das conexões multifatoriais entre mundo e pessoa, sendo seu papel mediar a relação ativa pessoa-ambiente, relação que deveria ser foco de estudo e que constitui a compreensão de vivência abordada.

Falar em consciência implica falar em personalidade consciente, já que, como assinala Delari Jr. (2010), “consciência” e “personalidade” na tradição metodológica marxista da psicologia de Vigotski não se referem a “entes”, sendo a consciência o próprio ser-humano consciente e a personalidade o próprio ser-humano em pessoa cuja existência se realiza como ação em relação ao mundo. Ressalta-se o caráter ativo e dinâmico da consciência como processo da personalidade (sistema psicológico) em sua relação com o meio, o que se expressa e se materializa na vivência. Toassa e Souza (2010) utilizam a definição de vivência como unidade sistêmica da consciência/personalidade, ilustrando bem esta dimensão integrativa.

Blunden (2014b) traz o questionamento se as vivências são unidades da consciência ou do desenvolvimento pessoal, refletindo que a consciência como produto do processo de desenvolvimento pessoal (da personalidade) só pode ser compreendida na e através da história do seu desenvolvimento. Este autor refere que se uma unidade revela a natureza da consciência também deve revelar a dinâmica do seu desenvolvimento, o que também está compreendido na concepção dialética materialista que trabalha com totalidades orgânicas em desenvolvimento. Deste modo, as vivências teriam de ser também unidades do desenvolvimento pessoal (como abordado na seção anterior), já que compreendem a faceta dinâmica do sistema da consciência/personalidade. A resposta do autor à sua própria indagação é de que a vivência é ambas, unidade da consciência e do desenvolvimento pessoal, instância compreendida em sua dinâmica sistêmica e relacional.

Conforme referido no capítulo 5, nos seus últimos trabalhos o autor voltou-se para o estudo do processo de significação, reconhecendo seu papel na organização e estruturação da consciência como sistema seguindo uma lógica semântica. Vigotski também enfatizou o papel do significado da palavra e da generalização no conceito de vivência, como trazido no capítulo 8, entendendo que a influência do meio no desenvolvimento seria medida, junto a

outras influências, pelo nível de compreensão, tomada de consciência e atribuição de sentido pela criança ao que nele ocorre. Vigotski abordou ainda o processo de generalização das vivências no período da crise dos sete anos, fruto do desenvolvimento da linguagem e do significado, marcando uma reestruturação na forma como ocorrem as vivências, as quais adquirem orientação consciente, sentido, produzindo novas conexões entre si e novas relações da criança consigo mesma e com o meio.

Fazendo referência às posições de Vigotski sobre o papel da linguagem, significado da palavra e generalização na vivência e organização da consciência, Leontiev (1937/2017) e Bozhovich (1968/2009) entenderam sua compreensão como intelectualista. Leontiev (1937/2017) considera que Vigotski estabeleceu a produção da consciência através do significado e da comunicação, ficando a teoria do meio presa no círculo da consciência, perdendo sua posição materialista inicial e tornando-se uma teoria idealista. Este autor rejeitou a vivência como conceito relevante na teoria de Vigotski (Meshcheryakov, 2010), em decorrência de que ele foi esquecido na psicologia durante o período soviético (Gonzalez-Rey, 2016a; Gonzalez-Rey & Mitjans Martínez, 2016; Veresov, 2016a). Mok (2017) destaca a interpretação de Leontiev de que Vigotski extraiu o conceito de vivência do pensamento ao invés da consciência. Para este autor, a interpretação de Leontiev está relacionada à compreensão do significado da palavra como microcosmo da consciência como um todo e ressalta que a vivência é determinada apenas em parte pela compreensão intelectual, abarcando outros aspectos relacionados à personalidade, necessidades e desejos, referentes ao todo da consciência (também interconectados com o processo de significação).

Por sua vez, Bozhovich (1968/2009) entendeu que a natureza da vivência para Vigotski é determinada pelo que a criança compreende das circunstâncias que a afetam, pelo desenvolvimento de sua capacidade de generalizar, representando para a autora uma volta a posições intelectualistas. A autora considera que atribuir primeira importância ao desenvolvimento da generalização seria incorreto, pois confinaria a análise psicológica ao reino dos processos puramente subjetivos, divorciando o sistema de relações da vida real em que se incorporam e apenas dentro de que podem ser explicados. O nível de compreensão seria uma pré-condição necessária para a influência do meio, mas insuficiente em determinar a natureza desta influência (Bozhovich, 1968/2009). González-Rey (2000; 2016c) e

González-Rey e Mitjans Martínez (2016) concordam com a autora na consideração da intelectualização do conceito de vivência por Vigotski, trazendo o entendimento de que há uma subordinação da relevância da emoção à sua compreensão (generalização) pela criança. Fazendo um contraponto a esta posição, Blunden (2014a) entende que dizer que a vivência depende de como a criança compreende a situação não implica em uma avaliação consciente, intelectual. Este autor reforça seu ponto ao trazer que Vigotski inclui recém-nascidos e crianças pequenas, sem linguagem desenvolvida, no estudo da dinâmica das idades, assinalando que a relação em questão diz respeito à idade e não necessariamente à relação intelectual (embora possa abarcá-la dentro do sistema). No sentido exposto, Blunden (2016c) considera que Bozhovich mistura a relação real entre a criança e o meio social com a concepção dessa relação formada pela criança.

Bozhovich (1968/2009) traz uma compreensão afetiva da vivência, considerando que o que a subjaz seria o mundo das necessidades infantis, impulsos, desejos e intenções, interconectados e interrelacionados com as possibilidades de satisfação. A respeito disto, Meshcheryakov (2016) entende que Bozhovich efetuou uma separação entre processos cognitivos de entendimento e generalização da experiência emocional pela criança, vinculando a experiência emocional às necessidades, o que não se justificaria ao considerar a motivação um fenômeno complexo que envolve diferentes componentes cognitivos. A influência do entendimento da vivência não pode ser excluída do relacionamento entre vivência e necessidades (Meshcheryakov, 2016).

As discussões apresentadas envolvem controvérsias na consideração sobre a vivência e consciência e sua relação com a linguagem e processos de generalização. Algumas posições (Leontiev, 1937/2018; Bozhovich, 1968/2009; González-Rey, 2000; 2016c) parecem resumir a concepção da vivência e consciência estabelecida por Vigotski às relações intelectuais de compreensão mediadas pela linguagem. Michell (2016) refere-se à vivência como percepção inteligente do ambiente e Gestalt intelectual que reflete a intelectualização da percepção. Por sua vez, Clarà (2016a; 2016b) se refere à vivência como tipo especial de significado que medeia como uma situação afeta o sujeito, identificando o significado como questão central para Vigotski, tendo em vista a influência do meio no desenvolvimento do sujeito.

González-Rey (2016c) afirma que Vigotski super enfatiza o papel da consciência no impacto da influência social na criança, enquanto Blunden (2014a) aborda que Vigotski não reduz a análise da personalidade à análise da consciência. Cole e Gajdamschko (2016) consideram absurda a ideia de que Vigotski equalizou o intelecto com a consciência, trazendo que as descobertas feitas pelo autor em “A Construção do Pensamento e da Linguagem” sobre o significado da palavra se estendem erroneamente para todos os fenômenos da consciência.

Por sua vez, Toassa e Souza (2010) compreendem as vivências em sua dinâmica de desenvolvimento, considerando o processo de tomada de consciência como unidade de análise da consciência que se atém às relações de compreensão estabelecidas com o meio, algo que se inscreve no desenvolvimento das vivências, mas não configura sua única possibilidade e expressão. As autoras entendem que os sentidos principais do conceito de vivência (como o de unidade dinâmica da consciência) demarcam enganos comuns entre os estudiosos de Vigotski ao enquadrar suas ideias sobre consciência humana em um modelo rígido de regulações voluntárias. Delari e Passos (2009) compreendem, no contexto da dinâmica das idades, que pode haver vivências conscientes e não conscientes.

Antes de tudo, tendo em vista lançar luz sobre as controvérsias trazidas, serão aqui resgatadas as relações que envolve o processo de significação no desenvolvimento do sistema personalidade/consciência, conforme discutido no capítulo 6. Vigotski reconhece a centralidade do desenvolvimento da linguagem, no contexto comunicativo das relações sociais, na constituição da personalidade consciente. O significado da palavra, o processo de generalização a ele referido, transforma a estrutura da consciência, permitindo as relações entre as suas funções, respondendo a uma lógica semântica. A palavra modifica todas as relações e processos da consciência (Vigotski, 1997), envolvendo ainda diferentes níveis de tomada de consciência e relações de compreensão na medida em que se desenvolve no sistema. Portanto, o processo de significação constitui a estrutura e a dinâmica do sistema personalidade/consciência para além da sua função no pensamento, de onde se depreende que “O significado não se refere ao pensamento, mas a toda a consciência” (Vigotski, 1997, tradução nossa, p. 81).

A teoria de Vigotski assume a centralidade do papel das relações sociais, estabelecidas por meio da linguagem comunicativa no processo de desenvolvimento da consciência considerando a situação concreta e as contradições envolvidas na relação da pessoa com o seu meio. Deste modo, considera-se incoerente a compreensão do autor e de sua teoria como intelectualista. Parece haver um equívoco geral em muitas das compreensões relatadas de que a vivência, a relação pessoa-meio, se refere apenas às relações intelectuais de compreensão mediadas pela linguagem. Perde-se de vista a dimensão constitutiva da generalização no próprio modo de funcionamento do sistema da personalidade/consciência. Nesse sentido, a personalidade, as necessidades e os motivos não se encontram separados, meramente atravessados e acessíveis à consciência ou à compreensão viabilizada pelo significado da palavra. Estão profundamente entrelaçados, radicalmente constituídos pela palavra e processo de generalização, ainda que isto não envolva sempre ou necessariamente uma relação de compreensão, uma tomada de consciência. Envolvendo diferentes níveis de tomada de consciência, compreendendo dimensões conscientes e inconscientes. Vigotski refere-se explicitamente e estrutura da vivência considerando sua diversidade de níveis de significância, envolvendo ainda diferentes níveis de liberdade interior e dimensões passivas e ativas da vivência, ou seja, diferentes níveis de tomada de consciência e de desenvolvimento da conduta voluntária.

Mais especificamente sobre a forma como a vivência se relaciona com a discussão de Vigotski sobre o significado da palavra, Mok (2017) traz duas interpretações. Uma primeira interpretação seria do significado da palavra como unidade que captura estruturas e conteúdos da consciência, refletindo a vivência concreta do indivíduo, servindo como unidade para analisar a consciência, tendo em vista o papel constitutivo atribuído por Vigotski à linguagem. No entanto, o autor cita o argumento de Zinchenko, segundo o qual o significado da palavra é insuficiente como unidade de análise completa por não conter a força motora para sua transformação (motivos, necessidades, desejos). A segunda compreensão trazida por Mok (2017) seria do significado da palavra como caso privilegiado particular da organização semiótica da consciência. Nesse caso, a generalização não é compreendida no contexto do pensamento verbal, mas seria um tipo de abstração da realidade, moldada e determinada pela atividade da consciência, referindo-se igualmente a modos não-intelectuais

pelos quais traços do ambiente podem se dizer significantes (ou não) para o indivíduo (Mok, 2016).

Retornando a Vigotski, Mok (2017) destaca que pode ser argumentado que a palavra é um microcosmo da consciência na medida em que sua manifestação reflete a natureza semântica da consciência, embora ela não capture plenamente aspectos da consciência além do plano do pensamento (motivos, necessidades, desejos, personalidade) que parecem ser considerados na vivência. Mok (2017) conclui que a centralidade da palavra não se deve apenas a ser uma manifestação particular da natureza semântica da consciência, mas ao potencial para revelar sua relação com outros aspectos (personalidade, afeto) no macrocosmo dialético da consciência.

Conforme mencionado anteriormente, o significado refere-se não apenas ao pensamento, mas à própria consciência, embora não se confunda com ela, da mesma forma que também não se confunde com o pensamento (embora o constitua). Ainda que seja central para o desenvolvimento do sistema psicológico e que possa, como refere Mok (2017), revelar a forma das relações envolvidas no sistema da consciência/personalidade, o significado não se confunde com a consciência, não correspondendo a uma unidade de análise desta totalidade ou, ao menos, uma unidade não suficiente, papel atribuído à vivência.

A vivência como unidade dinâmica da consciência envolve a dimensão dialética relacional personalidade-meio, compreendendo sua constituição pela linguagem e generalizações ao longo do desenvolvimento, que reorganizam e transformam qualitativamente o sistema psicológico como um todo, suas relações e as formas como se estabelecem, portanto, as próprias vivências. Considera-se ainda a dialética da relação consciente e inconsciente na constituição das vivências e da consciência, que envolvem diferentes níveis de tomada de consciência e relações de compreensão, tendo em vista o desenvolvimento do processo de significação abarcado. Ressalta-se que a vivência configura uma unidade da consciência mais completa do que seria o significado da palavra, por abranger além dos processos de significação referidos, a relação do sujeito com o meio social, suas contradições, motivos e necessidades, as forças motoras do seu desenvolvimento.

11.7. A vivência como vivência dramática

Diversos trabalhos referiram-se à ideia de vivência conectada à de drama (Blunden, 2014b; 2016b; 2016c; Capucci & Silva, 2017; Dafermos, 2018; Fleer, González-Rey & Veresov, 2017a; 2017b; Iaroshevskii, 1999; Jornet & Roth, 2016; Mok, 2017; Roth & Jornet, 2016; Toassa & Souza, 2010; Veresov, 2014; 2016a; 2016b; Veresov & Fleer, 2016a; 2016b), o que está relacionada à compreensão de drama do desenvolvimento. Os vários usos do conceito de drama por Vigotski estão conectados com os fundamentos dialéticos de sua pesquisa, sendo a ênfase nas tensões dramáticas, conflitos e crises originada da compreensão da natureza contraditória do processo de desenvolvimento (Dafermos, 2018; Fleer, González-Rey & Veresov, 2017a; Veresov, 2016b; Veresov & Fleer, 2016a). A contradição configura a força motora do desenvolvimento (Veresov, 2016b; Veresov & Fleer, 2016a), relacionada à produção de necessidades e motivos. A compreensão de drama na teoria de Vigotski é entendida como chave para o processo de desenvolvimento da personalidade, destacando que contradições existem na forma de drama, eventos sociais dramáticos, colisões e confrontações entre pessoas (Blunden, 2016b; 2016c; Capucci & Silva, 2017; Iaroshevskii, 1999; Veresov, 2016a; Veresov & Fleer, 2016a). A organização única e hierárquica do sistema de funções psicológicas superiores, a arquitetura de sua personalidade, é o resultado das colisões interpsicológicas dramáticas únicas que ocorrem na vida do sujeito e seu processo de superação das mesmas (Fleer, González-Rey & Veresov, 2017a; Veresov, 2016b; Veresov & Fleer, 2016a). Considerando a vivência uma unidade do desenvolvimento humano e compreendendo a lógica dramática deste desenvolvimento na perspectiva materialista dialética que envolve o estudo de totalidades orgânicas dinâmicas cujo movimento envolve contradições, fazer a relação entre vivência e drama é fundamental.

Vigotski estudou o desenvolvimento dramático introduzindo uma série de conceitos interrelacionados, como crise, neoformação e vivência (Dafermos, 2018). Dafermos (2018) ressalta o mecanismo de desenvolvimento psicológico representado pelas crises na transição de uma idade a outra, as quais emergem de conflitos internos (produzidos na relação com o meio) que servem como forças orientadoras do desenvolvimento. Esta compreensão pode ser observada no seguinte trecho de Vigotski sobre o desenvolvimento do bebê: “O desenvolvimento do bebê em seu primeiro ano **se baseia na contradição entre** sua máxima

sociabilidade (devido à situação em que se encontra – *de dependência*) e suas mínimas possibilidades de comunicação.” (Vigotski, 1930-1931/2013, tradução, acréscimo e destaque nosso, p. 221). Toassa e Souza (2010) ressaltam o valor do conceito de vivência na afirmação da psicologia vigotskiana como dialética dos conflitos.

Vigotski é influenciado por Politzer, filósofo e psicólogo francês que propôs a compreensão da psicologia em termos de drama na defesa de uma disciplina psicológica concreta focada na vida dramática do homem tendo como base o materialismo dialético (Dafermos, 2018). Em seu escrito “Psicologia Concreta do Homem”, Vigotski (1929/2000) destaca que a dinâmica da personalidade é o drama, afirmando que “O princípio básico do trabalho das funções psíquicas superiores (da personalidade) é social do tipo *interação* das funções, que tomou o lugar da interação das pessoas. Mais plenamente elas podem ser desenvolvidas na forma de drama.” (p. 27). Vigotski está se referindo à lei genética geral do desenvolvimento cultural, já mencionada, a qual destaca que qualquer função psicológica superior foi externa, social, foi uma relação social entre duas pessoas antes de tornar-se função. O drama e a vivência são essenciais para entender como age a lei genética geral do desenvolvimento cultural (Capucci & Silva, 2017; Veresov, 2014; Veresov & Fler, 2016a; Fler, González-Rey & Veresov, 2017a). Veresov e Fler (2016a) chamam atenção para a compreensão de que as funções psicológicas superiores (sistêmicas) não simplesmente aparecem nas relações sociais, mas são as relações sociais. Veresov (2016b) ressalta o funcionamento das funções psicológicas superiores (sistêmicas) como interação dramática entre pessoas (internalizada). Capucci e Silva (2017) referem-se ao desenvolvimento da pessoa como síntese dramática das relações sociais. Está em jogo a ideia de drama envolvida nas relações sociais e entre as funções psicológicas na constituição das organizações/sistemas psicológicos.

Fazendo conexão com o tema da seção anterior sobre a “vivência como unidade da consciência” e sua relação com o papel da linguagem e da generalização no desenvolvimento, Roth e Jornet (2016) resgatam uma afirmação de Vigotski sobre a linguagem ser a chave para a consciência, especificando que não se trata da linguagem abstrata, mas a existente no ato concreto da fala, trazendo a compreensão de Vigotski de que o significado da palavra não é o que a substitui, mas o diálogo, a função escuta-fala, concluindo que a relação entre pessoas

é a fala. Nesse sentido se tece a conexão entre o significado da palavra e o drama do desenvolvimento no contexto de sua materialização nas relações sociais como processo de fala, o qual é sempre situado em um quadro de relações concretas da personalidade consciente historicamente constituída e o meio.

Capucci e Silva (2017) referem-se à formação da personalidade como drama e fazem um paralelo com o teatro, trazendo a compreensão de Vigotski de teatro como microcosmo da vida, ao sintetizar e ampliar no palco a experiência entre o interno e o externo, o eu e o outro, em que se constitui a “natureza” humana. As autoras trazem que o sujeito se forma na dinâmica entre papéis assumidos nas relações sociais em processo dialético entre interno e externo. Iaroshevskii (1999) faz referência a posições de Vigotski (1929/2000) ao trazer que o desenvolvimento da mente é um drama com um tema urgente e ao enfatizar que um novo personagem entra no drama do desenvolvimento, referindo-se à personalidade da criança, fazendo referência a um sistema com uma história dramática. O autor também traça um paralelo entre o desenvolvimento humano e o teatro na perspectiva de Vigotski, creditando à influência deste último e do drama à explicação sistêmica da situação social como cenário dramático criado pela interação do sujeito com outros personagens. Iaroshevskii (1999) identifica o drama com a colisão, oposição, conflito de personagens, sistema dinâmico de interações e atos dos personagens com seu próprio script, meio social em que a criança é forjada como um dos participantes do seu próprio drama. É ressaltada a noção de drama na arte usada posteriormente para caracterizar conflitos externos e internos da vida que levam a diferentes tipos de catarse e generalização, como o desenvolvimento mental humano (Capucci & Silva, 2017; Iaroshevskii, 1999; Mok, 2017).

Abordando mais especificamente a concepção de vivência dramática, é possível perceber diferentes compreensões entre os autores. Veresov e Fleer (2016a) e Fleer, González-Rey e Veresov (2016a) referem-se à vivência como modo pessoal de vivenciar o evento dramático, trazendo a ideia de um tipo especial de vivência (dramática) que se refere a (refrata) um evento social dramático, a qual denominam como vivência dramática ou crítica. Estes autores, portanto, entendem que as vivências podem ser identificadas como dramáticas ou não dramáticas. Veresov (2016b) e Fleer, González-Rey e Veresov (2016a) entendem a vivência dramática como ferramenta teórica para analisar o processo de gênese

sociocultural da mente humana em dois aspectos-chave, as contradições e a reorganização qualitativa. De forma aproximada à abordada pelos autores já citados, Toassa e Souza (2010) entendem que as vivências não se relacionam apenas às situações de grande impacto emocional e sugerem que tais situações sejam mais coerentemente definidas como “vivências afetivas”, reconhecendo íntima relação com o desenvolvimento cultural. Por sua vez, Blunden (2016b; 2016c) traz uma compreensão de vivência exclusivamente associada ao drama do desenvolvimento, considerando como vivências apenas aquelas cujas condições marcam experiências de drama no cotidiano e se destacam, figurando no desenvolvimento. O autor entende que é nos períodos críticos de transição entre estágios do desenvolvimento que as vivências ocorrem, vinculando o conceito especificamente à sua dimensão dramática, compreendido como atividade transformadora.

Ao ressaltar a vivência dramática como aquela que refrata a situação dramática produzindo pontos de virada no desenvolvimento, Veresov (2016b) entende que nem toda vivência é dramática e nem toda transformação é dialética e envolve mudanças qualitativas do sistema, referindo-se ao movimento de mudanças quantitativas e qualitativas como processos de transformação interrelacionados. Vigotski (1933-34/2006) refere que no processo de desenvolvimento cada mudança sucessiva está vinculada à anterior e ao presente, momento em que as peculiaridades antes formadas se manifestam e atuam, em um processo dialético. Apesar do reconhecimento de que existem vivências e situações mais marcadamente dramáticas e catalisadoras de mudanças, considera-se necessário pontuar a dimensão processual e histórica do desenvolvimento humano, tendo em vista evitar a compreensão de que o processo de desenvolvimento ocorre apenas nos pontos de crise e virada qualitativa do funcionamento do sistema psicológico. As vivências precisam ser consideradas em situação e na história do seu desenvolvimento. A dramaticidade não pertence à vivência em si, mas ao processo de desenvolvimento humano que envolve relações, contradições, conflitos e constitui dramas. As vivências expressam e materializam esse movimento, bem como pontuam diferentes dimensões do desenvolvimento e da situação estejam elas em condição mais marcadamente dramática ou não.

11.8. A vivência como conceito versus fenômeno

A diferenciação da vivência como conceito e como fenômeno é elaborada por Veresov (Veresov, 2016b; 2017; Veresov & Fleer, 2016a; 2016b). Este autor entende que a vivência, conforme abordada na obra de Vigotski, apresenta dois níveis de compreensão. Um nível fenomenológico, associado à compreensão tradicional da psicologia da época (experiência psicológica direta), processo que pode ser empiricamente observado e estudado, cobrindo uma variedade de fenômenos (Veresov, 2016b; 2017; Veresov & Fleer, 2016a), o qual o autor denomina de P1 (o “P” referindo-se à *pereživânie*/vivência). E um nível conceitual, em que a vivência é compreendida como ferramenta teórica para a análise do processo de desenvolvimento e sua dialética, lente analítica para estudar o processo de desenvolvimento no sistema de outros conceitos da teoria, o qual é designado como P2 (o “P” referindo-se à *pereživânie*/vivência). Uma das razões dessa especificação por Veresov é dar conta de uma série de abordagens à vivência pouco articuladas ao sistema teórico desenvolvido por Vigotski.

Veresov (2016b) e Veresov e Fleer (2016a) destacam que a vivência como conceito teórico (P2) não se refere ao fenômeno de como a criança interpreta, compreende e se relaciona com dada situação, mas ao seu conteúdo teórico no contexto da teoria, relacionado ao processo de desenvolvimento, papel do meio e leis do desenvolvimento, trazendo que a questão não é sobre ontologia, mas sobre epistemologia. O autor entende que os conceitos da teoria de Vigotski não são generalizações de fatos empíricos observáveis e reproduzíveis, mas instrumentos teóricos para estudar a gênese sociocultural da consciência humana em sua complexidade dinâmica e dialética, afirmando ainda que não há nada empírico no conteúdo teórico dos conceitos da teoria de Vigotski (Veresov, 2016b).

Veresov (2016b) concebe que a vivência como fenômeno (P1), compreendida pela definição tradicional da psicologia da época de Vigotski distingue dois significados: a vivência como ato, processo, identificada como P1.1, e a vivência como conteúdo (aquilo que é vivenciado), identificada como P1.2. Essa diferenciação é empregada para referir que, de acordo com o autor, em um nível conceitual, o fenômeno da vivência como ato/processo (P1.1) constitui a unidade de análise das características pessoais e ambientais (Unit 1) referida à totalidade da interseção entre as características da pessoa e do meio, enquanto a

vivência como conteúdo vivenciado (P1.2) encarna, em nível conceitual, a unidade de análise da consciência (Unit 2), referida a esta totalidade.

A presente tese questiona as compreensões apresentadas por Veresov expostas nos parágrafos anteriores levando em consideração a perspectiva ontológica da dialética materialista implicada no caminho investigativo que norteia o trabalho de Vigotski, conforme referido no capítulo 4, a qual se orienta pela realidade material e histórica, fundamentada pela prática. Nessa perspectiva, o conhecimento científico é a tradução teórica do objeto, do processo histórico-social que deu origem ao objeto e aos diversos elementos que o constituem (Tonet, 2013). A partir desta compreensão ontológica da realidade e do processo de conhecimento, a qual norteou o trabalho de Vigotski, não é concebível separar a vivência em fenômeno e conceito ou considerá-los coisas completamente distintas e desconectadas. A conceitualização da vivência no sistema teórico de Vigotski parte do movimento científico concreto de tradução da realidade, a vivência se inserindo no movimento entre fenômeno e essência, desvendando o processo de suas relações e determinações, indo do abstrato ao concreto pensado. Como mencionado na seção “Vivência como função psicológica”, Delari Jr (2020) e Jorret e Roth (2016) identificam as vivências (unidades de análise na teoria de Vigotski) como realidade material dinâmica, entidades concretas, todos vivos.

Também se questiona a separação feita entre as vivências como processo e conteúdo a fim de conceitualizá-las distintamente e respectivamente como unidade de análise do meio e da personalidade e unidade de análise da consciência. A relação entre processo e conteúdo deve ser considerada em termos dialéticos, produzindo perdas e confusões ao ser concebida de forma segmentada. Da mesma forma, defende-se que a unidade do meio e da personalidade e a unidade da consciência sejam consideradas dialeticamente, referidas a uma mesma totalidade, conforme explorado na seção “Vivência como unidade da consciência”.

Feitos os devidos questionamentos e considerações, compreende-se o esforço e o trabalho valioso e necessário de Veresov em enfatizar e articular o conceito de vivência no contexto de suas relações na teoria, especialmente considerando os diferentes níveis de elaboração e fragmentação com que o fenômeno é abordado. No entanto, estas articulações precisam ser consideradas no contexto da busca pela tradução teórica da realidade engendrado por Vigotski, suas relações e determinações no caminho do abstrato para o

concreto tendo em vista a conceitualização sobre o desenvolvimento do sistema da personalidade consciente, a pessoa em sua relação com o meio social.

12.Considerações Finais

Diante do cenário de interesse crescente relativo ao conceito de vivência na teoria de Vigotski, desafios implicados no seu entendimento e constatação das diferentes interpretações e apropriações parciais e fragmentadas nas produções que o abordam, o presente trabalho teve o objetivo de articular e discutir as múltiplas compreensões atribuídas ao conceito referido no contexto da teoria do desenvolvimento de Vigotski em trabalhos que se debruçam sobre o tema. Com isto, buscou-se avançar no sentido da articulação do conceito e de suas dimensões no quadro da teoria do desenvolvimento de Vigotski e seus fundamentos, tendo em vista contribuir na caminhada para a superação do ecletismo e fragmentação sinalizados. Procurou-se adotar uma postura dialógica tendo em vista constituir um cenário que evidencie, discuta e confronte as perspectivas em pauta à luz do sistema teórico de Vigotski.

O processo referido é complexo e certamente não foi esgotado na presente iniciativa, no entanto considera-se que produziu avanços no entendimento e visão geral do cenário de compreensões e dimensões envolvendo o conceito de vivência na teoria de Vigotski, evidenciando convergências e divergências, lacunas, controvérsias e inconsistências, bem como permitindo esclarecimentos e pontos de avanço. Os eixos de articulação encontrados permitiram evidenciar e iluminar diferentes dimensões e discussões referentes ao conceito de vivência nos trabalhos analisados. Chamou atenção a diversidade e confusão expressa nos materiais encontrados, envolvendo equívocos e afastamento da teoria, mas também o esforço de compreender o conceito à sua luz, apontando caminhos de aprofundamento necessários e fornecendo insights sobre a compreensão do conceito na teoria.

De modo geral, ressaltam-se os seguintes avanços na compreensão do conceito de vivência no sistema teórico de Vigotski: A articulação de compreensão da vivência como unidade dinâmica da consciência, sendo a consciência a relação personalidade-meio, igualmente compreendida na unidade referida; A consideração da vivência enquanto sistema em desenvolvimento, envolvendo a lógica semântica neste processo, bem como diferentes níveis de tomada de consciência; A dimensão da vivência como unidade generativa da

consciência/personalidade, que compreende, expressa e materializa o processo de desenvolvimento, assim como demais processos de constituição do sistema da personalidade/consciência, incluindo os psicopatológicos e de desintegração; A utilização da vivência como unidade de análise, unidade constitutiva, da situação social de desenvolvimento no estudo da dinâmica das idades; A compreensão da vivência como unidade da consciência mais completa na comparação com o significado da palavra, tendo em vista que abarca o processo de significação e a relação com meio concretamente situada, envolvendo as contradições mobilizadoras do seu desenvolvimento/constituição; E, por fim, a compreensão de que ao considerar a vivência, é preciso compreender as relações que ela sintetiza, expressa e materializa, os processos a que se refere, que lógica a subjaz, a que situações sociais de desenvolvimento possíveis se refere e constitui.

Jornet e Roth (2016) referem que definir a vivência não deve ser o resultado final, apontando que o conceito acena para a investigação das diversas possibilidades de ser e crescer, servindo como lente para a compreensão do (e ação sobre o) processo de desenvolvimento humano e seus determinantes. A compreensão do conceito de vivência se insere na busca pelo desenvolvimento de uma psicologia geral, como propôs Vigotski, que nos permita compreender e agir sobre a realidade, as formas de desenvolvimento e de adoecimento compreendidas em nosso tempo social e histórico, situações sociais de desenvolvimento envolvidas e modos de constituição da personalidade, seus aspectos genéricos e suas particularidades. Concretamente, a vivência parece ter sido utilizada por Vigotski para investigar o desenvolvimento infantil no contexto das idades críticas, mas pode ainda ser pensada no cenário de investigação e ação de outros contextos constitutivos da consciência/personalidade, como situações marcantes/críticas da vida, tal a maternidade e o luto, os contextos educativos e laborais, quadros psicopatológicos inseridos na história do seu desenvolvimento com o meio social e a prática clínica.

Referências Bibliográficas

- Andrade, L. R. M. A, Campos, H. R. (2019). Pereživânie: uma aproximação ao estado da arte das pesquisas. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia*, 3(2), 1-17. DOI: 10.14393/OBv3n2.a2019-51558.
- Blunden, A (2014a). The problem of environment. A defence of Vygotsky. *academia.edu*.
- Blunden A. (2014b). Word meaning is important: A response to W-M. Roth & p. Jóhannsdóttir on perezhivanie. *Siberian Journal of Psychology*, 54, 18–27.
- Blunden, A. (2016a). Perezhivanie: From the Dictionary of Psychology. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23(4), 272-273. DOI: 10.1080/10749039.2016.1225310
- Blunden, A. (2016b). The Anatomy of Man Is a Key to the Anatomy of the Ape. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, v. 23, n. 4, p. 336–338.
- Blunden, A. (2016c). Translating perezhivanie into English. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23(4), 274-283.
- Bovo, A. C. L., Kunzler, A. P., Toassa, G. (2019). Da "Escola" ao "Círculo" de Vigotski: uma perspectiva historiográfica crítica. *Memorandum*, 36, 1-23.
- Bozhovich, L. I. (2009). The social situation of child development. *Journal of Russian and East European Psychology*, 47(4), 59–86. DOI:10.2753/RPO1061-0405470403 (Trabalho original publicado em 1968)
- Capucci, R. R., Silva, D. N. H. (2017). Quando vida e arte se encontram: um diálogo entre Vigotski e Stanislavski. *Psicologia em estudo*, 22(3), 409-420.
- Clarà, M. (2016a). The many lives of the word perezhivanie. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23(4), 339–342. DOI: 10.1080/10749039.2016.1199700
- Clarà, M. (2016b). Vygotsky and Vasilyuk on Perezhivanie: Two Notions and One Word. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*. DOI: 10.1080/10749039.2016.1186194
- Cole, M. & Gajdamschko, N. (2016). The growing pervasiveness of perezhivanie. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23(4). DOI: 10.1080/10749039.2016.1201515

- Costa, E. M., Martins, J. B. (2020). *O método na obra Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194309>
- Dafermos, M. (2018). *Rethinking Cultural-Historical Theory: A Dialectical Perspective on Vygotsky*. Springer.
- Del Cueto, J. (2015). Dos nociones para un enfoque no escisionista de las emociones y la afectividad, Situación social del desarrollo y vivencia en Vigotsky. *Perspectivas en Psicología*, 12, (1), 29 – 35.
- Delari Jr., A. (2010). *Questões de método em Lev Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição*. Estação Mir – arquivos digitais.
- Delari Jr., A., Bobrova Passos, I. V. (2009). *Alguns sentidos da palavra “pereživánie” em L. S. Vigótski: notas para estudo futuro junto à psicologia russa*. Umuarama/Ivanovo: Mimeo.
- Duayer, M. (2010). Relativismo, certeza e conformismo: para uma crítica das filosofias da perenidade do capital. *Revista Soc. Bras. Economia Política*, 27, pp 58-83.
- Fakhrutdinova, L. R. (2010). On the phenomenon of “perezhivanie”. *Journal of Russian and Eastern European Psychology*, 48(2), 31-47. DOI:10.2753/RPO1061-0405480203
- Fariñas León, G. (1999). Acerca del concepto de vivencia en el enfoque histórico-cultural. *Revista Cubana de Psicología*, 16 (3), 222-226.
- Ferholt, B., & Nilsson, M. (2016a). Early childhood perezhivaniya. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23, 25–36.
- Ferholt, B., & Nilsson, M. (2016b). Perezhivaniya as a means of creating the aesthetic form of consciousness. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23, 25–36.
- Fleer, M. (2016). An everyday and theoretical reading of perezhivanie for informing research in early childhood education. *International Research in Early Childhood Education*, 7, 34 – 49.
- Fleer, M., Rey, F. G., & Veresov, N. (2017a). Continuing the Dialogue: Advancing Conceptions of Emotions, Perezhivanie and Subjectivity for the Study of Human Development. In M. Fleer, F. G. Rey, N. Veresov (Eds.), *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky’s Legacy. Perspectives in Cultural-Historical Research 1*. Springer. pp. 247-260.

- Fleer, M., González-Rey, F., & Veresov, N. (2017b). Perekhivanie, emotions and subjectivity: setting the stage. In M. Fleer, F. González-Rey, N. Veresov (Eds), *Perekhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy. Perspectives in Cultural-Historical Research 1*. Springer. pp. 1-17.
- González-Rey, F. G. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. *Educação & Sociedade*, 21(71), 132-148.
- González Rey, F. (2011). A re-examination of defining moments in Vygotsky's work and their implications for his continuing legacy. *Mind, Culture & Activity*, 18(3), 257-275. DOI: 10.1080/10749030903338517
- González Rey, F. (2016a). Complementary reflections on perekhivanie. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perekhivanie*, 23(4), 346–349.
- González Rey, F. (2016b). El pensamiento de Vygotski: momentos, contradicciones y desarrollo. *Summa Psicológica UST*, 13(1), 7-18. DOI: 10.18774/summa-vol13.num1-278
- González Rey, F. (2016c). Vygotsky's concept of perekhivanie in the psychology of art and at the final moment of his work: Advancing his legacy. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perekhivanie*, 23(4), 305-314. DOI: 10.1080/10749039.2016.1186196
- González Rey, F., Mitjans Martínez, A. (2016). Perekhivanie: Advancing on its implications for the cultural–historical approach. *Journal of International Research in Early Childhood Education*, 7 (1), 142–160.
- Iaroshevskii, M. G. (1999). Experience and the Drama of the Development of Personality - L.S. Vygotskii's Last Word. *Russian Social Science Review*, 40(2), 87-100.
- Jornet, A., & Roth, W. M. (2016). Perekhivanie—A Monist Concept for a Monist Theory. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perekhivanie*, 23(4), 353-355.
- Keiler, P. (2012). “Teoria Histórico-Cultural” e “Escola Histórico-Cultural”: do Mito (de volta) à Realidade. *Dubna Psychological Journal*, 1, 54-59.
- Kozulin, A. (2016). The Mystery of “Perekhivanie”. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perekhivanie*, 23(4), 356 - 357.
- Leontiev, A. N. (2005). Study of the environment in the pedagogical works of LS Vygotsky: A critical study. *Journal of Russian and East European Psychology*, 43 (4), 8-28. (Trabalho original publicado em 193?)

- Meshcheryakov, B. G. (2010). Ideias de L. S. Vigotski sobre a ciência do desenvolvimento infantil. *Psicologia USP*, 21(4), 703-726.
- Meshcheryakov, I. A. (2016). Perezhivanie in Dictionary of Psychology. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 2-3. <http://lchc.ucsd.edu/MCA/Mail/xmcamail.2017-01.dir/pdf/15s005wuME>
- Michell, M. (2016). Finding the “prism”: Understanding Vygotsky’s “perezhivanie” as an ontogenetic unit of child consciousness. *International Research in Early Childhood Education*, 7(1), 5–33.
- Mok, N. (2016). Commentary: Understanding and using perezhivanie and subjectivity. *International Research in Early Childhood Education*, 7(1), 238-246. <http://arrow.monash.edu.au/hdl/1959.1/1278200>
- Mok, N. (2017). Chapter 2 - On the Concept of Perezhivanie: A Quest for a Critical Review. In Fleer, M., González Rey, F., Veresov, N. (Eds.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity. Advancing Vygotsky's Legacy. Perspectives in Cultural-Historical Research 1*. Springer. pp. 19-46.
- Mok, N. & Goulart, D. M. (2016). Perezhivanie and subjectivity within a cultural-historical approach: Dialogues between Australia and Brazil. *Monash University. Journal contribution*. DOI: 10.4225/03/580ff60d7a51a
- Palacios Montoya, J.C., & Reynaga Estrada, P. & Colunga Rodríguez, C. (2018). Monismo, dualismo mente-cuerpo y perezhivanie. *Caleidoscopio: Revista semestral de Ciencias Sociales y Humanidades*, (22)38, 81-90. DOI: 10.33064/38crscsh915
- Prestes, Z., Tunes, E. (2012). A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia*. 29 (3), 327-340. DOI: 10.1590/S0103-166X2012000300003.
- Scribner, S. (1985). Vygotsky uses of history. In J. Wertsch, *Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives* (ed.) (pp. 119-145). New York: Cambridge University Press.
- Roth, W-M & Jornet, A. (2016). Perezhivanie in the Light of the Later Vygotsky's Spinozist Turn. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, 23(1), 315–324. DOI: 10.1080/10749039.2016.1186197.
- Toassa, G. (2006). Conceito de Consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17 (2), pp. 59-83.

- Toassa, G. (2009). *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19032009-100357/publico/GTOASSA_Tese_2009.pdf
- Toassa, G. (2014). Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias. *Psicologia da Educação*, 39, 15-22.
- Toassa, G. (2015). Is there a “Vygotskian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part II). *Dubna Psychological Journal*, 3, 66-80.
- Toassa, G., Souza, M. P. R. (2010). As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. *Psicologia USP*, 21(4), 757-779.
- Tonet, I. (2013). *Método científico: uma abordagem ontológica*. Instituto Lukács.
- Van der Veer, R.; Valsiner, J. (1966). *Vygotsky - uma síntese*. Loyola.
- Veresov, N. (2005). Marxist and non-Marxist aspects of the cultural-historical psychology of L. S. Vygotsky. *Outlines*, 1, 31-49.
- Veresov, N. (2014). Émotions, perezhivanie et développement culturel: le projet inachevé de Lev Vygotski. In C. Moro & N. Muller Mirza (Eds.), *Sémiotique, culture et développement psychologique*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- Veresov, N. (2016a). Duality of categories or dialectical concepts?. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 50(2), 244-256.
- Veresov, N. (2016b). Perezhivanie as a phenomenon and a concept: questions on clarification and methodological meditations. *Cultural-Historical Psychology*, 12 (3), 129-148.
- Veresov, N. (2017). The concept of perezhivanie in cultural-historical theory: Content and contexts. In Fler, M., González Rey, F., Veresov, N. (Eds.). *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity. Advancing Vygotsky's Legacy. Perspectives in Cultural-Historical Research 1*. Springer. pp. 47-70.
- Veresov, N., Fler, M. (2016a). Perezhivanie as a Theoretical Concept for Researching Young Children's Development. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*. DOI: 10.1080/10749039.2016.1186198
- Veresov, N., Fler, M. (2016b). The Journey Forward. *Mind, Culture and Activity: Symposium on Perezhivanie*, (4), 350-352.

- Vygotski, L. S. (1995). *Obras Escogidas, Vol III*. Visor Aprendizaje & Ministerio de Educación y Ciencia. pp. 17-96 (Trabalho original publicado em 1931).
- Vygotsky, L. S. (1996). *Obras Escogidas. Tomo IV*. Madri: Viseira. (Trabalho original publicado em 1930-31).
- Vigotski, L. S. (1996). O significado histórico da crise da Psicologia. Uma investigação metodológica. In Vigotski, L. S. *Teoria e método em Psicologia*. (C. Berliner Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927).
- Vygotski, Lev S. (1997). Problemas Teóricos y Metodológicos de la Psicologia. Em Lev S. Vygotski. *Obras Escogidas. Tomo I*. Madri: Visor.
- Vigotsky, L. S. (2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).
- Vigotski, L.S. (2000). Psicologia concreta do homem. *Educação e Sociedade*, 71 (21), 21-44. (Texto original de 1929).
- Vigotski, L. S. (2001) Pensamiento y lenguaje. In: Vygotski, L. S. *Obras Escogidas. Tomo II*. Madrid: Machado Libros. Pp. 9-348.
- Vigotski, L. S. (2004). Sobre os sistemas psicológicos. In L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia* (3ª ed., pp.103-135). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2006). A crise dos sete anos. In Vigotski, L. S. *Obras escogidas. Tomo IV*. Visor y A. Machado Libros. pp. 377-386. (Trabalho original publicado em 1933-34).
- Vigotski, L. S. (2018). Quarta aula: O problema do meio na pedologia. In Z. Prestes & E. Tunes (Orgs.), *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia* (pp.73-92). E-Papers. (Trabalho original publicado em 1935).
- Vigotski, L. S. e Varshava, B. E. (2008) *Psikhologuitcheskii slovar'*. Sainkt Peterburg:Tropa Troianova; Posha Akademii (Trabalho original publicado em publicado em 1927).
- Yasnitsky, A. (2012). Lev Vygotsky: Philologist and defectologist, a sociointellectual biography. In W. E. Pickren, D. A. Dewsbury, & M. Wertheimer (Eds.), *Portraits of pioneers in developmental psychology* (pp. 109–133). Psychology Press.

Zavershneva, E. (2014). The problem of consciousness in Vygotsky's cultural-historical psychology. In Yasnitsky, A., Van der Veer, R., Ferrari, M. *The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology*. Cambridge University Press.

Zavershneva, E., Van der Veer, R. (Eds.). (2018). Vygotsky's Notebooks - A Selection. *Perspectives in Cultural-Historical Research 2*. Springer.

Tabela I

Trabalhos analisados.

Título	Autores	Ano Pub.	Suporte de Publicação
Study of the environment in the Pedological Works of L S Vygotsky	A. N. Leontiev	2005/193?	Journal of Russian and East European Psychology (Original 193?)
The Social Situation of Child Development	L. I. Bozhovich	2009/1968	Journal of Russian and East European Psychology - Capítulo do livro "Personality and its Formation in Childhood" (1968)
Acerca del concepto de vivencia en el enfoque historico-cultural	Gloria Fariñas León	1999	Revista Cubana de Psicología
Experience and the drama of the development of personality	M. G. Iaroshevskii	1999	Russian Social Science Review
El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski	Fernando González-Rey	2000	Educação e Sociedade
Alguns sentidos da palavra perezhivanie vivencia experiencia emocional em L S Vigotski	Achilles Delari Júnior e Iulia Vladimirovna Bobrova Passos	2009	Anais do III Seminário Interno do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem
As Vivências: Questões de tradução sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski	Gisele Toassa e Marilene Proença	2010	Psicologia USP
Ideias de L. S. Vigotski sobre a Ciência do Desenvolvimento Infantil	Boris G. Meshcheryakov	2010	Psicologia USP
On the phenomenon of "Perezhivanie"	L. R. Fakhruddinova	2010	Journal of Russian and East European Psychology
A trajetória de obras de Vigotski - um longo percurso até os originais	Zoia Prestes e Elizabeth Tunes	2012	Estudos de Psicologia
Émotions, perezhivanie et développement culturel: le projet inachevé de Lev Vygotski	Nikolai Veresov	2014	Livro - Sémiotique, Culture et développement psychologique
Relações entre comunicação, vivência e discurso em Vigotski: observações introdutórias	Gisele Toassa	2014	Psicologia da Educação

The problem of the environment. A defence of Vygotsky	Andy Blunden	2014	academia.edu
Word meaning is importante	Andy Blunden	2014	Siberian Journal os Psychology
Dos nociones para un enfoque no escisionista de las emociones y la afectividad: Situación social del desarrollo y vivencia en Vigotsky	Julio Daniel del Cueto	2015	Perspectivas en Psicología
Duality of Categories or Dialectical Concepts?	Nikolai Veresov	2015	Integrative Psychological and Behavioral Science
Translating Perezhivanie into English	Andy Blunden	2016	Mind, Culture and Activity (MCA) - Symposium on Perezhivanie
Perezhivanie as a Theoretical Concept for Researching Young Children's Development	Nikolai Veresov e Marilyn Flear	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Vygotsky and Vasilyuk on Perezhivanie: Two Notions and One Word	Marc Clarà	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Perezhivanie in Dictionary of Psychology	I. A. Meshcheryakov.	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Complementary reflections on perezhivanie	Fernando Gonzalez Rey	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Perezhivaniya as a means of creating the aesthetic form of consciousness	Beth Ferholt, Monica Nilsson	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Perezhivanie: from the dictionary of psychology	Andy Blunden	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
The Mystery of Perezhivanie	Alex Kozulin	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Vygotsky's concept of perezhivanie in The Psychology of Art and at the final moment of his work: Advancing his legacy	Fernando Gonzalez-Rey	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Perezhivanie in the light of the later Vygotsky's Spinozist Turn	Wolf-Michael Roth e Alfredo Jornet	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
The anatomy of man is a key to the anatomy of the ape	Andy Blunden	2016	MCA Symposium on Perezhivanie

The many lives of the word perezhivanie	Marc Clarà	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Early childhood perezhivaniya	Beth Ferholt e Monica Nilsson	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
Perezhivanie - A monist concept for a monist theory	Alfredo Jornet e Wolf-Michael Roth	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
The journey forward	Nikolai Veresov e Marilyn Fleer	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
The Growing Pervasiveness of Perezhivanie	Mike Cole e Natalia Gajdamschko	2016	MCA Symposium on Perezhivanie
An everyday and theoretical reading of perezhivanie for informing research in early childhood education	Marilyn Fleer	2016	International Research in Early Childhood Education
Commentary: Understanding and using perezhivanie and subjectivity	Nelson Mok	2016	International Research in Early Childhood Education
Finding the “prism”: Understanding Vygotsky’s perezhivanie as an ontogenetic unit of child consciousness	Michael Michell	2016	International Research in Early Childhood Education
Perezhivanie: Advancing on its implications for the cultural-historical approach	González-Rey e Albertina Mitjáns Martínez	2016	International Research in Early Childhood Education
Perezhivanie and subjectivity within a cultural-historical approach: dialogues between Australia and Brazil	Nelson Mok e Daniel Magalhães Goulart	2016	International Research in Early Childhood Education
El pensamiento de Vygotski: momentos, contradicciones y desarrollo	Fernando González-Rey	2016	Summa Psicológica UST
Perezhivanie as a phenomenon and a concept: Questions on clarification and methodological meditations	Nikolai Veresov	2016	Cultural-Historical Psychology (RU)
On the Concept of Perezhivanie: A Quest for a Critical Review	Nelson Mok	2017	Livro - Perezhivanie, emotions and subjectivity

The concept of perezhivanie in cultural-historical theory: content and contexts	Nikolai Veresov	2017	Livro - Perezhivanie, emotions and subjectivity
Perezhivanie, emotions and subjectivity: setting the stage	Marilyn Fleer, Fernando González-Rey e Nikolai Veresov	2017	Livro - Perezhivanie, emotions and subjectivity
Continuing the dialogue: advancing conceptions of emotions, perezhivanie and subjectivity	Marilyn Fleer, Fernando González-Rey e Nikolai Veresov	2017	Livro - Perezhivanie, emotions and subjectivity
Quando vida e arte se encontram: um diálogo entre Vigotski e Stanislavski	Raquel Rodrigues Capucci e Daniele Nunes Henrique Silva	2017	Piscologia em Estudo
Monismo, dualismo mente-cuerpo y perezhivanie	José Carlos Palacios Montoya, Pedro Reynaga Estrada e Cecilia Colunga Rodriguez	2018	Caleidoscópio